

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FERNANDA PIRES RUBIÃO

*Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira*  
(1950-2009)

NITERÓI

2010

FERNANDA PIRES RUBIÃO

*Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira*  
(1950-2009)

Dissertação apresentada ao curso de Pós  
Graduação em História Social da  
Universidade Federal Fluminense, como  
requisito parcial para a obtenção do Grau  
de Mestre. Área de Concentração:  
História Contemporânea II.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. MARTHA CAMPOS ABREU

NITERÓI

2010

FERNANDA PIRES RUBIÃO

**Os negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira  
(1950 -2009)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Contemporânea II.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Martha Campos Abreu – Orientadora  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof Dr. Mario Grynspan  
Universidade Federal Fluminense

---

Profª Drª Silvia Maria Jardim Brugger  
Universidade Federal de São João Del Rei

NITERÓI

2010



*Foto: Myriam Villa Boas*

**Capitães Antônio Eustáquio e Pedrina de Lourdes Santos.<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Foto tirada pela fotógrafa de Belo Horizonte, Myriam Villa Boas. Myriam autorizou-me a utilizar a sua foto nessa dissertação.

*Para meus queridos avós, Antonio e Margot.*

*Para minha mãe.*

*Para todos os congadeiros, vivos e mortos.*

## Agradecimentos

A princípio podemos pensar que o trabalho do historiador é solitário, muitas vezes é realmente, mas por trás de inúmeros textos e discussões historiográficas existem pessoas que nos ajudam a construir nossa pesquisa e, ao mesmo tempo, a realizar um sonho.

Quero agradecer a todas essas pessoas. Inicialmente, aos meus avós, Antonio e Margarida, que mesmo não estando mais entre nós, foram fundamentais nessa empreitada, foi através deles que Oliveira, e, conseqüentemente, o Congado, surgiram na minha vida. À minha mãe, pelo incentivo e amor nas horas mais difíceis; e pela alegria nas minhas conquistas. E também pela leitura desse material.

À Tia Ana, amiga de todas as horas, sempre disposta a me socorrer nas mais diversas questões da minha vida e grande colaboradora nos assuntos do computador. À Tia Isa por receber-me em sua casa e pelas inúmeras caronas em Belo Horizonte para idas aos arquivos ou realizar alguma entrevista. À alguns amigos que foram indispensáveis nessa pesquisa: Lu, amiga e comadre, Ana Luiza Falcão, Marcela Bazílio, Juceli Silva e Jaqueline Siqueira pelas palavras amigas.

À Iohana Brito que já “não deve mais agüentar” ouvir falar em Congado (rs rs). Amiga de todas as horas, leitora atenta da dissertação, que muito contribuiu nessa pesquisa com inúmeras sugestões, além, é claro de agüentar meus desesperos.

Chegando a Oliveira para iniciar a pesquisa contei com a ajuda preciosa de minhas queridas primas Ana Maria Pires, Mônica, Silvia, Raquel Apocalypse e Mariana Pires que me indicavam pessoas a serem entrevistadas, recebiam-me em sua casa, e ainda acompanhavam-me em algumas entrevistas.

À Rose, mais conhecida como “baixinha” pelos inúmeros cafés e almoços que sempre facilitaram minha jornada. À Ângela Mello por me fazer enxergar e lidar melhor com os problemas da vida. À Deuza Volppi pela correção ortográfica da dissertação.

Aos funcionários do Jornal “Gazeta de Minas” e da Casa de Cultura “Carlos Chagas” pela atenção e interesse diante do meu trabalho.

Essa pesquisa não seria possível sem a colaboração e disponibilidade dos entrevistados, destacando: Sr José Maria de Oliveira Segundo – locutor da festa, Secretário de Cultura do município, Heraldo Tadeu Laranjo, prefeitos- Ronaldo Resende, Benjamin Constant, João Haddad, Emílio Haddad, Paulo Rezende- e padres – Nilson e Dom Miguel. À rainha conga e à mordoma do Reinado de Nossa Senhora das Mercês,

Ana Luzia e Maria Luiza, respectivamente, e Fabrícia Nascimento, representante da princesa Isabel em 2005.

E mais, à Associação dos Congadeiros de Oliveira, em especial à Heloisa Helena pelas entrevistas e pela disponibilização das atas das reuniões. Ao Sr. Geraldo Bispo dos Santos Neto, à Dona Aparecida e ao Ronaldo pelas entrevistas concedidas.

Meu agradecimento especial à Pedrina de Lourdes Santos e ao Sr Antônio Eustáquio que me permitiram acompanhar suas atividades durante os festejos, me concederam entrevistas e demonstraram interesse e carinho pela minha pesquisa.

À Kátia, à Ester Antonieta, ao Washington, ao Carlos Tadeu (salvou-me de minhas distrações nas andanças pela cidade), à Dona Lúcia, à Nega, à Sá Rainha - D Cleusa (sempre com seus abraços calorosos!) e a todos que fazem parte do terreiro, centro de grande interesse da minha pesquisa. Às crianças que cantavam nos intervalos os pontos/ músicas mais pausadamente para que eu pudesse transcrevê-las. Obrigada especial a todos vocês!

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida durante os dois anos de pesquisa, o que certamente facilitou as constantes viagens à Minas Gerais.

À professora Martha Abreu pela orientação e pelas indicações de leituras.

Ao professor Mario Grynspan pelo curso oferecido na Pós-Graduação que me proporcionou um novo olhar sobre o ritual congadeiro e pelas valiosas sugestões na banca de qualificação.

À Fernandinha e ao Dudu que com seus sorrisos tornaram a tarefa mais leve.

Obrigado a todos pelo carinho, incentivo e amizade!!!

## Resumo

O objetivo dessa pesquisa é analisar os significados políticos e identitários do Congado da cidade de Oliveira, em Minas Gerais, que é uma festa de devoção à Nossa Senhora do Rosário, desde os anos de 1950 até aos dias atuais. Esse recorte cronológico justifica-se pela importância atribuída pelos congadeiros a data de 1950 que representa o reinício dos festejos, que foram paralisados em diversos anos

Os *negros do Rosário* através do ritual festivo – com suas danças e cânticos - relembram o seu passado, construindo e resignificando a sua identidade e estabelecendo tradições culturais para o Congado. Serão enfocadas principalmente questões como a relação da comunidade de congadeiros com a Prefeitura e alguns representantes da Igreja Católica, os conflitos internos, a afirmação de sua identidade de *negros do Rosário* assim como uma luta política e a reconstrução da memória.

**Palavras Chaves:** Congado, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Identidade Negra, Memória, Tradição.

## **Abstract**

The purpose of this research is to analyze the political meanings and the identity of the “Congado” of Oliveira, in Minas Gerais, which is a celebration of devotion to Our Lady of the Rosary from the fifties to nowadays . This chronological gap is justified by the importance that was given by the congadeiros to the year of 1950, which represents the restart of the festivities, which were interrupted for several years.

The blacks of the Rosary, through the festive ritual - with their dances and songs-recall their past, building up and recreating their identity and establishing cultural traditions for the Congado. There will be addressed mainly aspects such as the relationship of the community of congadeiros with the mayor and some representatives of the Catholic Church, its internal conflicts, the affirmation of their identity, black of the Rosary as a political struggle and the reconstruction of their memory.

**Key Words:** Congado, Brotherhoods of Our Lady of the Rosary, Black Identity, Memory, Tradition.

## SUMÁRIO

**Introdução** 12- 19

**Primeira Parte:** A relação dos congadeiros com representantes da cidade letrada.

**Capítulo 1:** A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica. 21-22

- A Festa do Rosário de 1900 a 1950. 22-33
- Os representantes eclesiásticos e os congadeiros - das décadas de 1950 a 1970. 33-44
- Os representantes eclesiásticos e os congadeiros - da década de 1980 aos dias atuais. 44-54

**Capítulo 2:** A relação dos congadeiros com Prefeitos da cidade de Oliveira e o jornal local, *Gazeta de Minas* 55-69

- *A Gazeta de Minas* e os congadeiros. 69-74
- O dia 13 de maio na *Gazeta de Minas*. 74-81

**Segunda Parte: Entre memórias, identidades e tradições.**

**Capítulo 3:** Na dança do Rosário 83-85

- As famílias pesquisadas. 85-90
- A organização do Congado em Oliveira. 90-94
- A família dos sete Irmãos. 94-104
- A realeza da festa. 104-110
- Comemoração do dia 13 de maio, o dia da libertação. 111-115
- Ensaios. 115-116

- Levantamento dos mastros. 116-119
- A semana da festa em Oliveira: o Boi do Rosário. 119-123
- As visitas durante a semana da festa. 123-124
- O capital simbólico dos capitães de ternos. 124-134

**Capítulo 4: “Vai manter a tradição...”**

- As transformações no ritual congadeiro. 135-140
- Os conflitos internos. 140-162
- Os congadeiros e a luta por melhores condições de vida. 162-173

**Conclusão** 174-178

**Bibliografia** 179 -184

## Introdução.

*“Oh, eu peço licença ê ê, eu peço licença ah  
Oh, eu peço licença ê ê, eu peço licença ah”.*<sup>2</sup>

Carlos Tadeu Sabino

É com esse ponto/ música que eu peço licença à Senhora do Rosário, aos santos padroeiros, aos congadeiros vivos e mortos para (re) contar as suas histórias.

O leitor pode estar se perguntando de onde surgiu a idéia de fazer uma pesquisa sobre o Congado de uma pequena cidade e desconhecida para muitos. Oliveira sempre esteve em minha vida, pois é a terra natal do meu avô materno, Antônio, e foi lá que ele encontrou minha avó, Margarida (mais conhecida como Margot). Desde pequena escuto histórias sobre a família Pires, sem conhecer a cidade e meus parentes.

Mas, enfim, um dia, fui à Oliveira! Ainda menina de oito anos de idade e desde então passei a freqüentá-la nas férias e feriados. Lugar onde fiz ótimas amizades e conheci parte da minha história.

Muitas vezes no feriado de sete de setembro estive em Oliveira e via na Praça XV de Novembro um palanque armado, mas não me interessava em saber o que acontecia por lá.

E o tempo foi passando até minha chegada na faculdade, no curso de História.

No decorrer do curso participei de uma disciplina ministrada pela professora Martha Abreu tendo como eixo central o patrimônio brasileiro. Em uma das aulas, Martha relatou a pesquisa da historiadora norte-americana, Elizabeth Kiddy, sobre o Congado de uma cidade de Minas Gerais, chamada “Oliveiras”, estranhei aquele nome e logo fui dizendo:

“\_\_Martha é Oliveira, sem o “s” conheço essa cidade porque meu avô nasceu lá”.

A partir desse momento, ainda na graduação, comecei a pensar neste tema para minha pesquisa.

Já afastada de Oliveira, retornei à cidade para iniciar meu trabalho. Ao ouvir as primeiras histórias sobre o Congado, lembrei-me daquele palanque armado na praça em pleno mês de setembro: aquilo tudo era a festança do Congado!

---

<sup>2</sup> Ponto/Música cantada pelo capitão Carlos Tadeu Sabino, do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, durante a apresentação do palanque montado na Praça XV de Novembro, em setembro de 2008.

Em conversas com parentes, descobri que essa era a festa da cidade preferida do meu querido avô Antonio, mas infelizmente nada pude conversar com ele sobre o assunto. O interesse foi aumentando: terra natal e festa preferida do meu avô, o tema começa a ser entrelaçado com muito afeto e pelo meu interesse pela cultura afro-brasileira.

Enfim, começo a indagar: que Oliveira é essa que ainda não conhecia? E que festa é essa?

Oliveira é uma pequena cidade situada no interior de Minas Gerais, no sudoeste do Estado. Colonizada no século XVIII, sendo um dos caminhos, na época do ciclo do ouro, para a região de Goiás. No ano de 1840, Oliveira foi elevada a categoria de vila e ainda no mesmo século emancipou-se a partir da lei nº 1.102 de 19 de setembro de 1861.<sup>3</sup>

Nesta cidade, desde o período escravocrata, ocorre no mês de setembro uma manifestação cultural, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida como Congado, cujo início, no entanto, não se pode precisar. O que se tem é uma ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que data de 1831 e o seu primeiro estatuto, de 1860.<sup>4</sup>

No Brasil Colônia muitas foram as maneiras encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, ora negociando com seus senhores, ora entrando em conflito com os mesmos, de acordo com a conjuntura política<sup>5</sup>. Na luta por conseguirem espaços de autonomia fundaram irmandades religiosas sendo estas um local onde criavam laços de solidariedade e sociabilidade. Segundo Célia Borges, o número de irmandades formadas em Minas Gerais neste período é expressivo, e as em devoção à virgem do Rosário é uma das mais significativas<sup>6</sup>. Para além dos laços criados entre seus integrantes, estes constituíam ali suas vivências religiosas, resignificando as tradições africanas e portuguesas.

Elizabeth Kiddy, historiadora norte-americana, que pesquisou as Irmandades do Rosário de Minas Gerais, inclusive a de Oliveira, realizou uma análise profunda sobre a temática, especialmente sobre o período colonial e imperial. A autora demonstrou o

---

<sup>3</sup>FONSECA, Gonzaga L. *História de Oliveira*. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alves, 1961, pp 90.

<sup>4</sup> MAURÍCIO, Heloísa Helena e SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Festa de Nossa Senhora do Rosário. O Rosário: Força, Fé e Resistência dos negros congadeiros*. Oliveira, Minas Gerais, Prefeitura Municipal de Oliveira, 1998.

<sup>5</sup> REIS João José e SILVA, Eduardo, *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

<sup>6</sup> BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção branca de homens negros: As Irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII*. (Tese de doutorado UFF, 1998)

quanto a presença de africanos e de seus descendentes nas irmandades do Rosário estava ligada à vivência de um catolicismo africano<sup>7</sup>. Para Kiddy, desde o período colonial, em meio a diversas medidas repressoras, os participantes da festa sempre encontraram maneiras de continuar as festividades do Rosário. A autora afirma que os participantes da Irmandade usaram esse espaço para construir uma nova identidade ligada à África, ao ser negro e a devoção à Senhora do Rosário.<sup>8</sup>

Kiddy ao analisar o compromisso da Irmandade do Rosário de Oliveira, de 1860, afirma que ele tem suas especificidades, comparado aos outros compromissos que foram pesquisados, ao mencionar um conjunto de instruções para o Congado. O compromisso incluía “as coroações e danças, associadas às pessoas de ascendência africana que, com frequência, acompanhavam a mais solene expressão da festa.”<sup>9</sup> Um outro ponto sobre o compromisso da irmandade do Rosário de Oliveira é que seus participantes deveriam pedir licença tanto a polícia quanto para o vigário para celebrarem sua festividade. Nesse sentido, Kiddy afirma que as autoridades reconheciam a distinção que havia entre o sagrado e o profano e que elas também participavam da festa do Congado.<sup>10</sup>

É, pois, a partir da criação das irmandades religiosas do período colonial que ainda hoje se pode localizar as festas do Rosário em Minas Gerais. O Congado de Oliveira é uma prática cultural e devocional na qual os afro-descendentes rememoram e recriam as suas origens africanas e relembram o passado escravista. Através de suas danças e cânticos coroam seus reis e rainhas e homenageiam seus santos de devoção. Dessa maneira, afirmam sua identidade de *negros do rosário*, como eles próprios se denominam,<sup>11</sup> e recriam continuamente os laços do passado a partir das novas vivências e demandas do presente.

Para pensar sobre a questão escolhida recorro a Paul Ricoeur que traz à tona reflexões fundamentais à prática do historiador, especificamente na discussão sobre a reconstrução do passado. Segundo o autor, nós temos a ambição de narrar a história tal como ela aconteceu, mas na verdade o que fazemos são “reconstruções mais

---

<sup>7</sup> KIDDY, Elizabeth. *Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889- 1960*. Revista Tempo, nº12.

<sup>8</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007

<sup>9</sup> KIDDY, Elizabeth. *Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889- 1960*. Revista Tempo, nº12, pp 99.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Os congadeiros se auto-denominam “negros do rosário”. Entrevistas realizadas pela autora com os congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e em Belo Horizonte.

aproximadas do que um dia foi real”<sup>12</sup>, pois é impossível saber o que realmente se passou. Ricoeur acredita que “o trabalho do historiador consiste, então, em fazer da estrutura narrativa um ‘modelo’, um ‘ícone’ do passado, capaz de representá-lo”<sup>13</sup>

Essas representações se concretizam a partir da refiguração do tempo, ou seja, do tempo passado da narrativa e o tempo da escrita, tendo como suporte alguns instrumentos como, por exemplo, os arquivos, os documentos e os rastros. É, pois a partir desses instrumentos que o historiador constrói sua representação sobre o passado e de alguma forma paga a sua “dívida para com os homens de antigamente e, para com os mortos”<sup>14</sup>

Sem dúvida devemos ter em mente que em nosso ofício não iremos reconstruir a história “tal como ela foi”, mas que recorreremos a diversos instrumentos para que possamos nos aproximar de uma narrativa mais verossímil.

Tendo em vista que não irei reconstruir a história do Congado “tal como ela foi” proponho pensarmos sobre uma outra reconstrução: a reconstrução da memória e suas implicações.

A pesquisa sobre o Congado da cidade de Oliveira baseou-se em grande parte na realização de entrevistas e seu recorte cronológico perdura até os dias atuais, indicando que é também uma história do tempo presente. Mas atento ao leitor que muitas das questões que permeiam o presente congadeiro estão relacionadas com o seu passado. Através do presente podemos conhecer como os integrantes da festa se relacionam com ele.

Contribuindo para a perspectiva exposta acima, Rioux afirma que a história do tempo presente tem um paradoxo que é a sua relação com o tempo passado. Estuda-se o presente dando ênfase as representações do passado<sup>15</sup>. Bédarida, afirma que: “Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história por si mesma não pode terminar”<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, Editora Papyrus, 1997, pp 175.

<sup>13</sup> Idem pp 256.

<sup>14</sup> Idem pp 179.

<sup>15</sup> RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? IN: TÉTARD, A. Chauveau Ph (org.) *Questões para a história do tempo presente*. Tradução Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC, 1999.

<sup>16</sup> BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

A história oral e história do tempo presente, sem dúvida, contribuem para a (re) construção da história e da memória dos grupos sociais. A sua reconstrução não é processo simples, devemos estar atentos aos diversos sentidos que esquecimentos e silêncios podem ter, sendo a memória sempre seletiva. Sua reconstrução leva a reelaboração das identidades. Através dos depoimentos orais podemos reconstruir o passado, e também relacioná-lo com as construções do presente. Assim, percebemos que a história oral e a história do tempo presente são fundamentais para analisarmos as problemáticas da reconstrução da memória. É, pois esse o caminho a ser percorrido na presente pesquisa, atentando sempre para os silêncios, esquecimentos e disputas entorno das memórias congadeiras.

No primeiro capítulo detenho-me na complicada e tensa relação dos congadeiros com os representantes da Igreja Católica, demonstrando que existem períodos de maior tolerância e outros de maior repressão à festividade.

No segundo capítulo analiso a relação dos congadeiros com os prefeitos e o jornal local, *Gazeta de Minas*. O 13 de maio também foi objeto de reflexão. Problematizo a conflituosa relação dos *negros do Rosário* com setores da cidade letrada, inserindo as problemáticas na conjuntura política e cultural do país.

No terceiro capítulo analiso o ritual congadeiro, pois a Festa do Rosário é uma manifestação cultural extremamente ritualizada, repleta de significados para os seus participantes. Nesta parte explico as especificidades da realeza congadeira, dos ternos ou guardas<sup>17</sup> e dos diversos momentos que a festa possui.

No quarto capítulo analiso algumas questões pertinentes às transformações que ocorrem no ritual congadeiro e como os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário lidam com essas mudanças. Em função das alterações na estrutura narrativa do ritual, localizamos conflitos internos que colocam em questão o entendimento de cada *negro do Rosário* sobre a autenticidade da tradição congadeira. Por fim discutiremos o preconceito racial que ainda hoje atinge os integrantes do Congado.

Nesse trabalho, tive que fazer algumas escolhas quanto às fontes utilizadas, devido à grande quantidade de material possível a ser analisado. A festa de Nossa Senhora do Rosário envolve uma expressiva quantidade de pessoas distribuídas entre

---

<sup>17</sup> Terno ou guarda é um grupo de dançadores que tem seu capitão, podendo ser mais de um, o meirinho que é a pessoa que carrega água e alimentos para todos do grupo. Cada terno tem suas características próprias: histórias e instrumentos que demarcam sua posição no cortejo e a função no ritual congadeiro. Em Oliveira existem quatro diferentes ternos, o Catopé, Congo, Moçambique e Vilão. Sobre esse assunto voltaremos a discutir no terceiro capítulo.

dançadores, capitães e direção da festa – o Estado-Maior. Nos dias de hoje chega a cerca de 900 pessoas que participam diretamente além do público envolvido.

Devido à grandiosidade da festa optei por delimitar essa pesquisa a partir do quartel/terreiro – local de onde saem os ternos para buscar reis e rainhas – dos capitães Antônio Eustáquio e Pedrina de Lourdes, denominado “Leonídios”. O nome é uma homenagem a um antigo capitão, Leonídio dos Santos, que é pai e avô dos atuais capitães desse terreiro. Essa escolha se deve, fundamentalmente, a três fatores: a diversidade de ternos que saem desse quartel (Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Congo de Nossa Senhora do Rosário), a forte consciência do significado político e identitário da festa por parte de seus integrantes e por seus familiares participarem há muitas gerações dos festejos congadeiros.

Assim, realizei entrevistas com os capitães Antônio Eustáquio dos Santos e Pedrina Lourdes dos Santos (três entrevistas cada um), com os filhos e sobrinhos desses capitães, que hoje também comandam seus ternos: Ester Antonieta, Washington Luiz, Carlos Tadeus e Kátia; com a esposa de Sr Antônio Eustáquio, Dona Lúcia, que é a bandeireira<sup>18</sup> do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês e a mordoma<sup>19</sup> da bandeira de Nossa Senhora das Mercês: Maria Luisa Pereira.

Entrevistei também a rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês e do Rosário: Ana Luzia e Maria Aparecida, respectivamente. O intuito era entrevistar igualmente os e reis congos destes Reinados. O que não foi possível, visto que um não quis conceder a entrevista e outro não apresentou disponibilidade por morar fora de Oliveira e só estar presente na festividade nos dias do seu Reinado e nestes estar envolvido com seus afazeres. Assim, detenho-me na análise dos Reinados de Nossa Senhora das Mercês e do Rosário, com seus capitães e rainhas. Porém acabo analisando também o Reinado de São Benedito devido ao fato dos reis congos serem da família do Sr Leonídio. A capitã Ester assume temporariamente a função de rainha conga deste Reinado, já que segundo os depoimentos, por ela já ser capitã não pode ocupar outra função.

Entrevistei também pessoas que compõem o Estado-Maior e a Diretoria da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), que comandam a festa: Heloisa

---

<sup>18</sup> A bandeireira é a pessoa que vai a frente de cada terno com a bandeira do santo homenageado daquele terno.

<sup>19</sup> A mordoma é a pessoa que guarda a bandeira que é erguida nos mastros durante o ano.

Helena Maurício, Geraldo Bispo dos Santos Neto e Ronaldo. E ainda o Sr. José Maria de Oliveira Segundo que foi o locutor da festa por mais de cinquenta anos.

A fim de compreender melhor a festa especialmente logo que a festa “retornou”, em 1950, procurei moradores antigos e também integrantes da Diretoria da Festa de Nossa Senhora do Rosário que foi formada na década de 1970. Os entrevistados foram Mucio Lo Buono e Geraldo Lima.

Na relação dos congadeiros com a cidade letrada entrevistei dois representantes eclesiásticos: Padre Nilson e o atual bispo, Dom Miguel, assim como quatro ex-prefeitos e o atual, um ex-secretário de cultura da cidade: João Haddad, Emílio Haddad, Paulo Resende, Benjamim Constant, Ronaldo Resende e Heraldo Tadeu Laranjo, respectivamente.

As fontes escritas foram pesquisadas na Arquidiocese de Belo Horizonte, Prefeitura Municipal de Oliveira, Atas da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), entre as décadas de 1970 e 2002, e o jornal local, *Gazeta de Minas*.

No jornal local tive algumas preocupações. No início da pesquisa, ao que tudo indicava, a festa teria ficado paralisada durante vinte anos, entre 1930 e 1950. Assim neste período analisei a periodicidade da festa e para tal concentrei a observação nos meses de agosto, setembro e outubro, já que o levantamento dos mastros<sup>20</sup> ocorre em agosto e a festa em setembro. O mês de outubro entrou na pesquisa, pois percebi que em determinados anos a festa era noticiada nesse mês, ao invés de setembro. De 1950 a 1970, além dos meses citados, incluí o mês de maio devido às comemorações da abolição da escravidão. E de 1980 aos dias atuais, o mês de novembro devido à Semana de Consciência Negra.

Feita esta primeira parte da pesquisa decidi voltar no tempo para compreender melhor as mudanças da festa ao longo dos anos e como determinadas questões do passado estão ainda hoje presentes na memória dos atuais congadeiros. Assim pesquisei de 1900 a 1950, nos meses de maio, agosto, setembro e outubro.

Algumas matérias foram localizadas nos arquivos da cidade, como na Biblioteca Pública e na Casa de Cultura “Carlos Chagas”, mas nelas só constavam as datas. Essas reportagens não faziam parte do recorte cronológico inicialmente proposto. Mas por terem relevância para essa pesquisa recorri à *Gazeta de Minas* para obter a referência completa.

---

<sup>20</sup> O levantamento dos mastros indica que a festa começará dali um mês. Na cidade de Oliveira ocorre no mês de agosto. Sobre essa questão voltarei a discutir no terceiro capítulo.

No final dessa trajetória, espero (re) construir a história dos *negros do Rosário* em Oliveira- o mais próximo possível do que um dia foi- e pagar a minha dívida com os mortos, os antigos congadeiros, como dizia Ricoeur<sup>21</sup>. Mas dívidas também com os vivos, os participantes que me propiciaram conhecer suas histórias e memórias.

---

<sup>21</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, Editora Papyrus, 1997, pp179.

**Primeira Parte: A relação dos congadeiros com representantes da cidade letrada.**

*“Não importa que chame a gente de macumbeiro, que o padre não queira. O que eu estou fazendo é maior e eu fardada eu sou uma sacerdotisa quer eles aceitar ou não”.*<sup>22</sup>

Pedrina de Lourdes Santos



**Altar congadeiro, que fica localizado no terreiro pesquisado. No altar ficam as imagens dos santos padroeiros da festa e os bastões dos capitães de terno.**<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>23</sup> Foto tirada pelas crianças do terreiro dos “Leonídios”.

## Capítulo 1: A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica.

“Eu sou devoto da virgem Maria,  
Ela é a nossa força, ela é a nossa guia.”<sup>24</sup>

Antônio Eustáquio dos Santos

A Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Oliveira, segundo os depoimentos obtidos<sup>25</sup>, deixou de acontecer durante alguns anos em função das proibições impostas pela Igreja Católica e apoiadas por agentes civis. Nesta pesquisa analiso as diferentes e conflituosas relações dos congadeiros com a cidade letrada, com os representantes da Igreja Católica e da Prefeitura Municipal e com o jornal local *Gazeta de Minas*. Aproprio-me aqui da definição de cidade letrada de Angel Rama, que afirma que a cidade letrada “compunha o anel protetor de poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos que manejavam a pena...”<sup>26</sup> Concluímos que a cidade letrada expressa opiniões e visões de mundo sobre a realidade que a cerca. Nesse sentido aproprio-me da idéia de Rama para o presente trabalho, dos anos de 1950 a 2009, devido às diferentes e opostas visões de mundo que compõem a cidade letrada de Oliveira e também pelo fato da mesma regular a ordem e expressar suas opiniões em relação aos participantes da festividade.

Neste capítulo detenho-me ao estudo da relação dos participantes do Congado com os representantes eclesiais no período acima citado. Destaco aqui a minha diferença em relação a análise da historiadora norte-americana, já que ela é uma importante referência na temática, ainda mais por ter pesquisado a cidade de Oliveira. A primeira grande diferença refere-se à questão cronológica: Kiddy dos sete capítulos da sua tese em somente dois aborda a festa no século XX. O principal objetivo da autora é

---

<sup>24</sup> Antônio Eustáquio - Capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês. Ê, minha mãe. CD – Os negros do Rosário, Lapa Discos.

<sup>25</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros e moradores da cidade entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>26</sup> RAMA, Angel. “A cidade ordenada”. In: *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp 43.

analisar os compromissos das irmandades do Rosário de diversas localidades de Minas Gerais, atentando como as diferentes conjunturas políticas refletem nos compromissos.<sup>27</sup>

A segunda é que a autora não analisa como o jornal local, *Gazeta de Minas*, noticia a festividade ao longo do século XX, que é uma das minhas principais fontes históricas. Kiddy utilizou-se de poucas matérias localizadas na Casa de Cultura “Carlos Chagas” e ao ler sua análise, percebe-se que a autora detém-se mais na Primeira República do que no restante do século XX. Evidencio esse fato pelo salto cronológico das matérias ali pesquisadas, sai do ano de 1922 e vai para 1959. Também não insere as matérias publicadas entre os anos de 1947 e 1987 como uma fonte da Igreja Católica, embora nesse período o jornal pertencesse à diocese oliveirense.

Porém, antes de adentrar propriamente na problemática proposta neste capítulo, analiso como o jornal local, *Gazeta de Minas*, noticiava em suas reportagens a festividade entre os anos de 1900 e 1950. Esse recuo no tempo é fundamental para compreender a periodicidade da festa já que os atuais congadeiros apontam para a sua paralisação nesse mesmo período. Saliento que o objetivo aqui não é reconstruir a história do Congado da cidade de Oliveira desde o período escravocrata até os dias atuais. Considero, entretanto, algumas questões desse momento relevantes para o entendimento da relação social dos congadeiros com a cidade letrada a partir da década de 1950 e de como determinadas reivindicações atuais estão intimamente ligadas ao seu passado.

### **A Festa do Rosário de 1900 a 1950.**

Desde a escravidão até o ano de 1929 a Festa do Rosário, de acordo com os depoimentos dos atuais congadeiros, dos moradores da cidade e de notícias do jornal local, era realizada no interior da Igreja da irmandade, conhecida como Igreja do Rosário. Em 1929, a antiga Igreja do Rosário foi demolida e outra foi construída em seu lugar, hoje chamada de Igreja de Nossa Senhora de Oliveira. Este fato levou os congadeiros a reestruturarem sua festividade como será analisado ainda nesse capítulo.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007.

<sup>28</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CIV, nº 2011, 29 de abril de 1991.

Até o momento da destruição da Igreja do Rosário, os reis festeiros, as pessoas que arcavam com as despesas da festa, eram ali coroados, assim como os reis congos, representantes da histórica figura de Chico- Rei.<sup>29</sup>

A *Gazeta de Minas* publicava em 26 de agosto de 1923: “Tiveram início domingo passado com o levantamento dos mastros os festejos do reinado na Igreja do Rosário”<sup>30</sup>. A coroação na Igreja é lembrada pela atual capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, a afro-descendente, Pedrina, com 49 anos, que é natural de Oliveira, formada em contabilidade, hoje funcionária da Caixa Econômica Federal e moradora da cidade de Belo Horizonte o que não a impede de participar no Congado. Em todas as festividades e momentos importantes está presente. Seu relato sobre os acontecimentos no interior da igreja é significativo em função de seu papel dentro da festa:

Então era ali que se faziam as coroações dentro daquela capela. Ali toda a cerimônia, ali inclusive é cemitério dos negros do Rosário. As coroações eram feitas ali dentro. O Reinado chegava coroa lá, no final da cerimônia tirava uma cumbuca pra ver quem seria o rei de ano<sup>31</sup>, referindo-se a Igreja do Rosário.

Múcio Lo Bueno, um antigo morador da cidade, que inclusive foi membro da diretoria da Associação dos Congadeiros de Oliveira na década de 1970, corrobora sobre essa época da festividade:

Ela era dentro da Igreja. Era uma festa religiosa que começava com uma novena. Na última noite da novena saía o boi, depois tinha só 4 reinados né? Dois de Nossa Senhora das Mercês, dois de Nossa Senhora do Rosário e no quinto dia a procissão com os santos todos.<sup>32</sup>

Essa pesquisa fundamentou-se metodologicamente na análise crítica da memória das principais lideranças da comunidade congadeira, dos antigos moradores da cidade, dos padres, do bispo, de outros depoimentos e das matérias da *Gazeta de Minas* – jornal da cidade – que documenta a festa desde o século XIX. A meu ver a chave para a

---

<sup>29</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros e moradores da cidade entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte. Sobre a realeza que compõe a Festa do Rosário será devidamente abordada no terceiro capítulo.

<sup>30</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXVII, nº 1849, 26 de agosto de 1923, p 1. Na reportagem noticiada pela *Gazeta de Minas* fala-se em Reinado como também é conhecida a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

<sup>31</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>32</sup> Entrevista realizada pela autora com Múcio Lo Bueno, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

produção do conhecimento histórico está no cruzamento de diferentes fontes, sem hierarquizá-las. Pontes podem ser estabelecidas entre elas, embora se deva ficar muito atento aos contextos de produção das fontes orais. E este é meu intuito: realizar a pesquisa sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e dos *negros do Rosário* a partir do cruzamento das fontes citadas, observando aí as possíveis diferentes leituras e releituras do passado sobre o Congado na cidade de Oliveira.

Nas primeiras décadas do século XX, além do jornal noticiar em qual local a festa ocorreria, encontram-se também críticas feitas ao Congado, como na reportagem de 20 de outubro de 1918:

Não obstante o clamor bradado contra o cerimonial do congo pelas nossas ruas, apesar da proibição diocesana que não ficou insensível aos rogos dos negros daqui ainda este ano realizou-se o Congado. Durante três dias viu-se Oliveira dominada por uma algaravia ensurdecadora partida dos terços dos negros que saracotearam danças litúrgicas, de um **bárbaro e horripilante** ritual hotentótico ou de Moçambique.<sup>33</sup> (grifos meus)

Em matéria publicada em 27 de maio de 1923, a *Gazeta de Minas* aborda uma proibição diocesana à Festa do Rosário e o motivo é que a mesma não condizia com os ideais civilizatórios pregados pelo governo. Afirma que:

O reinado além de emprestar ao catolicismo, aparentemente um cunho de idolatria que a sublime religião de Cristo absolutamente não tem, atentava da maneira a mais grosseira e irrisória contra os nossos foros de cidade civilizada. (...) O mais extraordinário de tudo isto, porém, é que há por ali um grupo de pessoas sensatas que se bate pelo reinado, **alegando ser uma velha tradição da cidade. Não vemos tradição nossa, na reprodução de costumes selvagens importados da África, com as primeiras levas de escravos trazidos daquelas paragens. Mas ainda que se tratasse de uma tradição, não há motivos para conservá-la por tão pouco de vez que não se coaduna com o nosso grau de civilização.**<sup>34</sup> (grifos meus)

É importante voltarmos um pouco no tempo sob a perspectiva da historiadora norte-americana, Elizabeth Kiddy, que analisou as Festas do Rosário da cidade de Oliveira e da comunidade do Jatobá, região metropolitana de Belo Horizonte. A autora analisa uma matéria publicada pelo jornal local, em 1887, de autoria de Mestre Venâncio, onde ele afirma que tinha simpatia pela festividade, a elogiava. Porém, segundo Kiddy a reportagem “não deixava de dar voz às correntes ideológicas, cada vez

---

<sup>33</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXIII, nº 1607, 20 de outubro de 1918.

<sup>34</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXVII, nº 1836, 27 de maio de 1923, p1.

mais presentes no pensamento social brasileiro de finais do século XIX.”<sup>35</sup> Segundo a autora essa voz aparecia de uma forma sutil, Mestre Venâncio utilizou-se da retórica e logo ao final de seu texto afirma: “Não seria por ventura melhor omitir das solenidades as danças dessa gente assim vestida, reservando tão somente o culto religioso, devido a Virgem Maria, a quem também muito venero?”<sup>36</sup> Apesar do posicionamento final de Mestre Venâncio a autora defende que nesse momento a Festa do Rosário na cidade de Oliveira era respeitada pela comunidade, justificando tal fato por uma pesquisa que realizou em jornais de outras cidades, e o de Oliveira era o único a abordar a festividade, naquele período.

Porém esse posicionamento do jornal, segundo a historiadora irá mudar a partir da década de 1910.<sup>37</sup> As reportagens analisadas por Kiddy indicam que na Primeira República se acirraram as críticas a essa expressão cultural. Segundo a autora, depois de 1909, é que começou a crescer entre as autoridades um sentimento contrário as Irmandades do Rosário, levando-as a entrar em decadência juntamente com a sua festividade. Kiddy afirma que o primeiro arcebispo de Mariana, D. Pimenta, concedeu as irmandades um importante lugar no catolicismo, mas elas, não poderiam, por exemplo, utilizar seus recursos para fins profanos. Neste momento a diocese oliveirense era ligada a de Mariana e a autora acredita que mesmo que o arcebispo não tenha tomado medidas concretas para o cerceamento do Congado, o seu posicionamento pode ter contribuído para a proibição acima expressa na reportagem de 1918, na *Gazeta de Minas*.<sup>38</sup>

Soihet ao analisar a Festa da Penha, no Rio de Janeiro, nesse mesmo período afirma que essa festividade era considerada retrógrada por certos representantes que assumiram o comando da República. Era então necessário instaurar hábitos civilizados ao povo brasileiro e também ajustar os populares a rotina e disciplina do trabalho. Vigiava-se assim o lazer, as festas e a religiosidade desses segmentos<sup>39</sup>. As matérias pesquisadas no jornal, expressas acima, referentes às décadas de 1910 e 1920, apontam que alguns representantes do jornal local também estavam imbuídos desse sentimento

---

<sup>35</sup> KIDDY, Elizabeth. *Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889- 1960*. Revista Tempo, nº12, pp101.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007, pp 405.

<sup>38</sup> KIDDY, Elizabeth. *Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889- 1960*. Revista Tempo, nº12.

<sup>39</sup> SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988.

nacional de civilização, combatiam a barbárie e a selvageria das manifestações populares.

Na mesma reportagem da *Gazeta de Minas*, mencionada acima, do ano de 1923, noticiava-se a interdição da festividade por parte do bispo, que afirmava: “Estamos informados de fonte mui segura que S. Exa Revma d. Antonio dos Santos Cabral, bispo de Belo Horizonte proibiu as festas chamadas de reinado que se faziam nessa cidade, por ocasião dos festejos religiosos, em honra a virgem do Rosário”.<sup>40</sup>

Vale ressaltar que segundo a *Gazeta de Minas*, havia uma proibição do bispo para a realização da festa do Congo vigorava desde o ano de 1918, como foi expresso na matéria citada anteriormente, quando a diocese de Oliveira ainda pertencia a de Mariana<sup>41</sup>. A partir dessa data anunciava o impedimento ao festejo nos anos de 1923 e 1925<sup>42</sup>, já sob as ordens de D Cabral. Entretanto, só em 1927 localizei um documento com referência direta a uma ordem do bispo, denominado “Carta Pastoral – Determinações das Conferências Episcopais de 1927”. O então bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, faz uma declaração sobre os Reinados, como também é conhecido o Congado. Conforme o documento: “*Lamentamos que não tenham ainda desaparecido totalmente os chamados Reinados ou Congados que põem quase sempre uma nota humilhante nas festas religiosas*”.<sup>43</sup>

Sobre D. Cabral, a historiadora norte-americana afirma que o então bispo tinha como objetivo dar à devoção de Minas um catolicismo mais romanizado. Suas ações integravam a conhecida Ação Católica, que empreendeu uma campanha contra as Irmandades do Rosário e suas festas. Aqui atento para o fato que Kiddy, em sua pesquisa não localiza o documento de D. Cabral expresso acima, de 1927. Ela só registra a proibição do Reinado na Constituição do Primeiro sínodo da arquidiocese, em 1944. Assim é interessante notar que as recomendações dos anos de 1918, de D. Pimenta, e de 1927, de D. Cabral, não foram cumpridas pelos participantes da festividade, sendo necessário reforçar a condenação a festa em 1944.<sup>44</sup>

---

<sup>40</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXVII, nº 1836, 27 de maio de 1923, p1.

<sup>41</sup> Sobre a proibição da Festa de Nossa Senhora do Rosário no período em que a diocese de Oliveira pertencia a de Mariana nada posso afirmar, pois não foi um dos objetivos dessa pesquisa ir à diocese de Mariana analisar a documentação sobre esse fato.

<sup>42</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXVIII, nº 35, 4 de outubro de 1925, p 1.

<sup>43</sup> Carta Pastoral do Episcopado da Província Eclesiástica de Bello Horizonte, “Determinações das Conferências Episcopais de 1927, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1927.

<sup>44</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State Univerity, 2007, pp 405.

A diocese de Oliveira integrou a Arquidiocese de Mariana até 1921, quando criou-se a de Belo Horizonte, tendo como bispo Dom Antônio dos Santos Cabral. A partir de então passou a fazer parte da diocese da capital mineira. Apenas em 1941 foi criada a de Oliveira, desvinculando-se assim de Belo Horizonte. Em 1945, Dom José Medeiros de Leite, seu primeiro bispo, assumiu o cargo até o ano de 1971, quando se afastou por motivos de saúde, vindo a falecer em 1977. Entre as suas atividades como bispo está a participação nas quatro fases do Concílio Ecumênico Vaticano II entre os anos de 1962 e 1965 e a direção da *Gazeta de Minas*, porém, a parte religiosa do jornal era de responsabilidade do Monsenhor Leão, vigário de Oliveira.<sup>45</sup>

É fundamental destacar que a partir das memórias dos entrevistados e das outras fontes pesquisadas, como o jornal local, não podemos afirmar precisamente em quais períodos o Congado deixou de acontecer, existem apenas indícios de que ele parou em alguns anos. A capitã Pedrina assegura que a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi interrompida três vezes ao longo de sua existência na cidade de Oliveira, mas não define as datas desses eventos<sup>46</sup>.

O jornal não nos permite maior precisão, até porque poderia tanto noticiar matérias pejorativas quanto nada comentar sobre o Congado. E mesmo que não publicasse nenhuma reportagem isso não quer dizer, necessariamente, que a festa não acontecesse. Assim, a pesquisa ao jornal e aos depoimentos obtidos, indicam que ela pode ter sido interrompida por alguns anos. Esse fato pode ser explicado pelo medo da repressão policial, originária da ordem diocesana, à sua prática cultural<sup>47</sup>. Em outros momentos, apesar da proibição, os congadeiros enfrentaram as ordens do bispo e saíram às ruas da cidade para manifestarem sua devoção.<sup>48</sup>

Entre os anos de 1931 e 1945 localizei apenas três matérias na *Gazeta de Minas*, sendo que duas estão expressas abaixo. Em 12 de setembro de 1931, o jornal local afirma que: “Realizaram-se este ano, nesta cidade os festejos em honra a N.S. do Rosário e N.S das Mercês, com os reinados e danças que já haviam sido abolidas nesta cidade há

---

<sup>45</sup> SANTIAGO, Marcus Antônio. *Dom José Medeiros de Leite. O primeiro Bispo da Diocese de Oliveira*. Rio de Janeiro, RJ, Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2008. O autor não fala em quais anos a parte religiosa do jornal era de responsabilidade do Monsenhor Leão, mas a *Gazeta de Minas* pertenceu à Igreja Católica entre os anos de 1947 e 1987. Assim, é nesse período de trinta anos que podemos considerar a responsabilidade do vigário no jornal.

<sup>46</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>47</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>48</sup> Idem.

muitos anos”<sup>49</sup>. Assim como no ano de 1945: “Voltaram este ano, a alegrar as ruas da festa das Congadas há tempos esquecidas e que é uma **tradição do interior mineiro** devido a vinda de Chico Rei e sua tribo para as cercanias de Ouro Preto, nos tempos coloniais”<sup>50</sup>. (grifos meus)

Essas duas reportagens deixam claro que tanto a festa antes dos anos de 1931 quanto a festa antes de 1945 pode ter sido interrompida algumas vezes. Note que estas são posteriores as de 1918, 1923 e 1925 onde citava-se a proibição ao festejo por ordem dos bispos. Assim o impedimento das décadas de 1910 e 1920 parece refletir-se nas matérias publicadas nos anos seguintes. Essas reportagens ratificam a minha argumentação de que o Congado nesse momento não acontecia de forma sistemática e que os congadeiros nem sempre cumpriam a resolução diocesana. Dependendo da conjuntura política encontravam brechas para celebrarem sua devoção à Senhora do Rosário em meio à proibição.

A reportagem citada acima, do ano de 1945, é significativa, pois a Festa do Rosário deixa de ser noticiada pelo jornal local como bárbara e seus participantes com hábitos selvagens. Agora ela alegra a cidade de Oliveira e faz parte da tradição mineira. Kiddy não localiza a matéria de 1945, e acredito que esse fato contribui para a historiadora não atentar que mesmo ela encontrando-se no momento em que a festividade era mais reprimida pelas autoridades, existiram embates no interior do jornal, nem todos concordavam com as críticas feitas ao Congado.<sup>51</sup>

O período da matéria acima é no governo de Getúlio Vargas, Presidente que comandou diversas iniciativas culturais no país. Dentre elas está a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 30 de novembro de 1937, que tinha como objetivo preservar o patrimônio brasileiro. O órgão privilegiou os tombamentos de bens de “pedra e cal” ligados ao poder colonial, como por exemplo, as igrejas barrocas, representantes da “civilização” dos países europeus<sup>52</sup>. Fundou a Rádio Nacional, em 1940, que seria um veículo de difusão cultural e artística da brasilidade e, em 1942, a seção de música folclórica.<sup>53</sup>

---

<sup>49</sup> Gazeta de Minas, Ano 44, nº 35, 12 de setembro de 1931, p1.

<sup>50</sup> Gazeta de Minas, Ano 59, nº 36, 16 de setembro de 1945, p2.

<sup>51</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007.

<sup>52</sup> FONSECA, Maria Cecília. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Minc-Iphan, 2005.

<sup>53</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do*

Outro importante empreendimento foi a Revista Cultura Política, em 1941, que tinha como função ser a porta voz do Estado Novo e das ações do governo. A revista tinha várias seções e uma delas era destinada ao folclore brasileiro, denominada de “O povo brasileiro através do folclore” sob a responsabilidade de Basílio de Magalhães.

As ações culturais do governo Vargas tinham como objetivo construir os ideais de nacionalidade e para isso recorriam às tradições, religião e línguas do povo brasileiro. O passado do Brasil auxiliava na construção da nacionalidade, este deveria ser preservado e valorizado e assim ajudaria a compreender o presente.<sup>54</sup>

Essas iniciativas no plano nacional podem ter contribuído para um novo olhar do jornal ao tratar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, porém foi um processo lento com avanços e recuos. Atento para o fato de que não faço uma relação direta de uma única matéria publicada no ano de 1945 pelo jornal local ter sido influenciada pela política cultural<sup>55</sup> do governo Vargas. Mas Oliveira não era uma ilha isolada do resto do país. O posicionamento da matéria de 1945 sobre o Congado é singular, predominando nesse período muito mais as críticas do que uma visão positiva sobre a festividade. Porém, a pessoa que redigiu a matéria tinha um posicionamento oposto ao das matérias publicadas entre os anos de 1900 e 1945, mostrando assim, a pluralidade de opiniões e embates travados entre os representantes que compõe a cidade letrada daquele momento.

A repressão à festividade ficou guardada na memória dos atuais congadeiros. A capitã Pedrina afirma que muitos participantes da festa, especialmente os capitães de terno, eram presos quando saíam às ruas da cidade para louvarem seus santos de devoção. Ainda segundo ela, ao acatar ordens de representantes eclesiásticos, a polícia prendeu seu pai, o capitão Leonídio, e outros que enfrentaram as ordens do bispo.<sup>56</sup>

Para os entrevistados, o motivo da proibição da festa está associado à ligação que pesquisadores estrangeiros fizeram do Congado, mais especificamente de uma de suas modalidades, o Candombe<sup>57</sup>, com o Candomblé. Como nos conta Heloísa Helena, afro-descendente, 45 anos, professora e Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira:

---

*nacional-estatismo – do início dos anos 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, v3.

<sup>54</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

<sup>55</sup> Saliente que o termo política cultural é usado, segundo Lia Calabre “como uma ação global e organizada é algo que surge no período pós-guerra, por volta da década de 1950”. Ver Políticas Culturais no Brasil: um balanço e perspectivas, III ENECULT, maio de 2007, Faculdade de Comunicação/UFBA.

<sup>56</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>57</sup> A respeito do Candombe irei abordá-lo nos terceiro e quarto capítulos.

Essa paralisação se deu o seguinte: foi esteve aqui no Brasil um grupo de pesquisadores, estudiosos, pessoas que vieram conhecer a cultura brasileira e com isso eles procuraram o folclore, religião, né? E a festa do Congo ela é uma mistura de folclore e religião. E na parte folclórica nós temos as caixas, os tambores, os reco – reco, as gungas, pantangomes, violões, sanfonas quer dizer são diversos os instrumentos de percussão e os ternos usam pra as suas danças e seus cânticos. E ao assistirem o Congado aqui, já haviam passado pela Bahia – na Bahia conheceram o Candomblé e outros ritmos da Bahia. Quando chegaram aqui assemelharam os toques do Congado com toques do Candomblé, e o Congado possui o Candombe, e já fizeram essa conclusão.<sup>58</sup>

A visita dos estrangeiros à cidade de Oliveira e a relação que fizeram entre o Congado e determinados preceitos do espiritismo<sup>59</sup> estão presentes nas memórias dos atuais participantes. Esta ligação era um dos motivos alegados para a proibição do festejo, como nos conta Antônio Eustáquio, afro-descendente, 63 anos, aposentado pela Gerdau, morador de Oliveira e capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês:

Exatamente, tinha muita resistência. As autoridades, principalmente, pelo que eu sei. Perdeu o brilho da festa porque na época tinha muitas misturas da parte nossa. Eu sou religioso, mas também tinha muitos espíritas e o nosso bispo – Dom José de Medeiros Leite- ele interditou a festa por causa do espiritismo. Tinha muita infiltração dentro da festa que, tinha que ser a festa religiosa como é hoje. Nós costumamos ter acesso dos ternos, dos dançadores, reis, rainhas, nós costumamos a adquirir que o acesso nosso dentro da igreja.<sup>60</sup>

Esses dois depoimentos são bastante elucidativos e têm reflexos nos conflitos internos que envolvem os atuais congadeiros, os quais serão devidamente abordados no quarto capítulo. Mas adianto que a ligação entre o Candombe e determinadas práticas espíritas é, para alguns participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, ainda presente, o que faz com que muitos não aceitem este ritual. Tal fato mostra como cada congadeiro se apropria diferentemente das suas memórias, tradições e história construindo sua própria identidade congadeira

---

<sup>58</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira. Heloísa Helena não especifica quem são esses estrangeiros e quando visitaram a cidade de Oliveira.

<sup>59</sup> É interessante notar que nos depoimentos obtidos não é definido que prática espírita é essa, os congadeiros usam a palavra em tom genérico, significando tanto o Candomblé quanto a Umbanda.

<sup>60</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

Apesar da alegação da proibição por parte do bispo, Dom Cabral, a festa, de acordo com a memória de todos os entrevistados,<sup>61</sup> “voltou” no ano de 1950. O que se relata é que Sinhá Saffi, mulher pertencente à elite local e apreciadora da festa, teve uma visão da imagem<sup>62</sup> de Nossa Senhora do Rosário e foi conversar com seu compadre, Sr Geraldo Bispo, que antes dos festejos serem “proibidos”, era rei congo do Reinado de São Benedito. Juntos interpretaram o fato como um sinal de Nossa Senhora do Rosário para que eles resgassem o Congado em Oliveira. E assim foi feito. Sr Geraldo contactou as autoridades locais e conseguiu a licença para o recomeço dos festejos<sup>63</sup>. Dona Sinhá Saffi e seu marido Oswaldo Saffi contribuíram financeiramente para a realização da festa.<sup>64</sup> Mas o retorno não foi tão fácil quanto parece. É importante ressaltar que essa explicação para a volta da festa não é necessariamente a forma como ocorreu, mas a que povoa o imaginário dos congadeiros, é a maneira como eles lêem seu passado.

No primeiro ano, ao que tudo indica, ela aconteceu no terreno da casa da Sinhá Saffi com poucos ternos e teve somente um ou dois dias de festejo<sup>65</sup>. Com o passar do tempo aumentou o número de guardas e de dias da festa, e hoje a sua realização dura uma semana e possui dezessete ternos. Kiddy afirma que a partir de 1950, a Festa do Rosário desligou-se da Igreja Católica, como era nos tempos anteriores<sup>66</sup>. Concordo com a autora sobre essa separação, mas atento para o fato que alguns congadeiros desejam essa ligação, o que fez com que eles lutassem para conseguirem realizar a missa congadeira dentro da Igreja.

Porém, a festa até chegar a configuração atual com a celebração de uma missa Conga no interior da Igreja e o palanque montado em plena Praça XV de Novembro, local nobre da cidade, muitos foram os obstáculos enfrentados e muitas foram as táticas elaboradas pelos participantes para vencê-los. E assim prosseguiram com sua devoção.

---

<sup>61</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>62</sup> O relato da aparição de Nossa Senhora do Rosário acontece de forma diferenciada dependendo da região.

<sup>63</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>64</sup> Como veremos mais adiante no trabalho a volta da Festa de Nossa Senhora do Rosário não ocorreu sem conflitos, agentes civis e eclesiásticos criticavam e impunham barreiras aos congadeiros.

<sup>65</sup> Os congadeiros não têm uma data precisa para os acontecimentos, a partir de entrevistas com os participantes da festa e moradores antigos da cidade, além da pesquisa no jornal local reconstruo o passado da festa. Eles possuem uma Ata de Reuniões, porém essa só passou a ser realizada na década de 1970 e os congadeiros antigos que participaram da “volta” da festa já faleceram.

<sup>66</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State Univerity, 2007.

Nesse sentido é notório o relato da capitã Pedrina sobre o medo da repressão à festividade. Segundo ela esse medo era tão expressivo que alguns congadeiros que participaram da Festa de Nossa Senhora do Rosário no período anterior não retornaram em 1950. Pedrina afirma que no dia do levantamento dos mastros naquele tempo cantava-se que:

-“Negro não matou, negro não roubou, fez nada. Negro não matou, negro não roubou, fez nada. Mas o povo tá dizendo que amanhã é o meu jurado. Vou pedir Nossa Senhora que ela mesma seja minha advogada”.

Era comum cantar isso assim que levantava o mastro porque levantou o mastro já sabia que no outro dia a polícia podia estar lá e a pessoa já podia estar presa. É uma história que... Hoje se fosse... **Não, isso já passou né, mas tá aí essa história recente pra mostrar que essas coisas não passaram assim não.**<sup>67</sup> (grifos meus)

Poucos desses congadeiros encontram-se vivos, mas os que ainda estão não falam muito dessas lembranças. No início da pesquisa entrevistei a rainha perpétua do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Dona Maria do Carmo, que tem aproximadamente 90 anos, e participou desse momento. Tentei de inúmeras maneiras que me relatasse algum fato sobre esse período, mas afirmou que poucas mudanças aconteceram no Congado. O silêncio de Dona Maria do Carmo tem significados.

A historiografia muito tem discutido e analisado a (re) construção da memória pelos indivíduos, seus silêncios e esquecimentos, assim como, os seus usos e abusos. Michael Pollack, uma importante referência sobre a temática, afirma que o silêncio das pessoas pode ser explicado a partir de três fatores. O silêncio pode ser uma forma de resistência do entrevistado, que em algum momento da vida ressurge, pode ser uma forma de encontrar um modo de viver depois de um acontecimento trágico ou então um sentimento de culpa<sup>68</sup>. No caso dos antigos congadeiros, o “não dito” sobre a sua vivência no Congado pode ser relacionado a duas questões. A primeira delas liga-se a uma maneira encontrada para seguirem com suas vidas após a “volta” da festa, já que lembrar-se da proibição pode lhes ser doloroso. A segunda seria um sentimento de culpa, pois podem ter se sentido responsáveis pela proibição do Reinado, pois ao praticarem formas sincréticas de religiosidade acreditam ter contribuído para a paralisação da festa.

---

<sup>67</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>68</sup> POLLACK Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

É interessante perceber como Pedrina usa e abusa do silêncio dos antigos congadeiros no seu discurso. Vale-se da memória do passado e a relaciona sempre com o presente, estabelecendo uma continuidade. A capitã afirma que determinadas situações de outrora na Festa de Nossa Senhora do Rosário melhoraram, mas ainda existem muitos preconceitos e batalhas a serem vencidas. Pode nos surgir a idéia de como podemos atribuir um sentido de verdade no discurso da capitã, já que ela não vivenciou esse período da história do Congado. Mas o nosso foco de interesse aqui é refletir, apropriando-nos novamente de Pollack, do que ele chamou de acontecimentos “vivididos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo a que a pessoa sente pertencer e dos quais nem sempre participou, mas que estão no imaginário da coletividade.<sup>69</sup> A repressão ao Congado, segundo os depoimentos, fato que fez com que muitos dos antigos integrantes não voltassem para a festa em 1950, é um marco estruturante das falas e memórias de alguns congadeiros.

A partir dessas considerações, privilegiar-se-á o relacionamento de alguns representantes da Igreja Católica com os *negros do Rosário*, expressos fundamentalmente na celebração da missa durante os festejos e o posicionamento do jornal local à festividade. Para melhor perceber as mudanças de perspectiva da *Gazeta de Minas*, cruzarei as fontes pesquisadas, dividindo as questões selecionadas em dois blocos: o primeiro da década de 1950 a 1970 e o segundo de 1980 aos dias atuais.

### **Os representantes eclesiais e os congadeiros- das décadas de 1950 a 1970.**

A *Gazeta de Minas* foi fundada em 4 de setembro de 1887 pelo português Antônio Feraul e até o ano de 1889 chamava-se *Gazeta de Oliveira*. Em 1947, o jornal foi doado à diocese e ficou sob seus auspícios por quarenta anos, quando em 1987 foi vendido a um particular, desvinculou-se da Igreja Católica oliveirense.

Esse histórico do jornal é relevante, pois entre os anos de 1947 até 1987, por pertencer à diocese, tornou-se um importante veículo de difusão de suas idéias e valores a respeito do Congado<sup>70</sup>. Nesse período, o jornal será considerado nessa pesquisa como uma fonte para auxiliar a reconstrução da relação entre congadeiros e representantes eclesiais.

---

<sup>69</sup> POLLACK Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

<sup>70</sup> FONSECA, Gonzaga L. *História de Oliveira*. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alves, 1961, pp 241.

Quando o Congado “voltou” a se realizar em Oliveira o posicionamento da cidade letrada pouco mudou em relação aos anos anteriores a 1950. As matérias pesquisadas no jornal mostram como a *Gazeta de Minas* já se colocava no próprio ano de 1950: “Lembrem-se os Revmos Srs Vigários da proibição dos tais Congados, devendo explicar ao povo o verdadeiro sentido da piedade e devoção ao Rosário, combatendo as superstições e abusos”<sup>71</sup>, em uma clara referência ao documento do bispo Dom Cabral e as reportagens noticiadas em 1918 e na década de 1920 também na *Gazeta de Minas*.

Durante as décadas de 1950 e 1960 a *Gazeta de Minas* publica uma coluna intitulada “Martelando”, de autoria de Zé Canela de Ferro. Especula-se na cidade que o colunista, que utilizava esse pseudônimo, era na verdade o Monsenhor Leão, vigário da cidade. Em 1951, uma matéria noticiada pelo jornal afirma que o Congado deveria ter acabado junto com a escravidão, sendo uma manifestação cultural que devia ter ficado restrita ao tempo do cativo:

Acabou-se a escravidão. Ficou o reinado. Aquilo era feito como um ato de devoção, entremeado das danças e comedorias abundantes. O povo gostava de ver aquela festança, única na falta de outras. Havia simplicidade. A fé era mais viva. Embora houvesse abuso por vez outra, tudo era suportável como uma folgança. Mas, depois vieram mais abusos, o motivo de fé ficou reduzido enquanto crescia a decadência da pureza e da reta intenção. Vieram as bebedeiras, as danças intérminas, os gastos multiplicados, a fartura exagerada de comida... Vieram outros abusos de caráter moral. Ora, aquilo se tolerava num ambiente de negros escravos e de gente simples e ignorante, porque tinham reta intenção e pretendiam agradar à Senhora do Rosário.<sup>72</sup>

Em outro artigo intitulado “O tal do Reinado”, Zé Canela de Ferro mais uma vez faz críticas ao Congado e afirma: “Já não estamos mais na África e a senzala já se acabou!... Será que os tais estão com saudades de escravidão?...”<sup>73</sup> As matérias expressas acima indicam que, no período escravocrata, os senhores justificavam as folganças dos escravos como um ato de fé, permitindo, assim, suas manifestações culturais, o que demonstra a negociação que era realizada entre esses atores sociais. A partir do momento que o cativo foi extinto, a fé transformou-se em abuso, já não mais era necessário negociar com os ex-escravos.

Os temas da coluna “Martelando” de Zé Canela de Ferro são sintomáticos de um momento da Igreja Católica, em que esta centrava a prática dos sacramentos e do clericalismo sob a ótica do Vaticano. Esse período é conhecido como romanização e os

---

<sup>71</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXIII, nº 28, 30 de setembro de 1950, p2.

<sup>72</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXIV, nº 81, 21 de outubro de 1951, p 3.

<sup>73</sup> *Gazeta de Minas*, nº 325, 2 de setembro de 1956, p3.

eclesiásticos tinham como objetivo retirar elementos que indicavam práticas do catolicismo popular, para afastá-las. As matérias publicadas na *Gazeta de Minas* apontam que o jornal veiculava assim o ideal católico, de afastar representantes da Igreja Católica da cultura afro-descendente, “na purificação do catolicismo popular tradicional seus abusos e superstições”<sup>74</sup>

Ao longo da década de 1950 observam-se duas outras vertentes de reportagens a respeito da Festa do Rosário. A primeira delas faz questão de desvincular o Congado da Festa do Rosário e a segunda se refere ao espiritismo. Em relação a primeira questão, as matérias desvinculavam a festividade dos preceitos católicos, como na matéria noticiada pela *Gazeta* em de 29 de setembro de 1957: “Está sendo preparada a festa do Congo com cantorias e danças africanas, devidamente licenciadas pela polícia. Se fosse festa religiosa, é claro, a licença seria eclesiástica. A festa do Congo é inteiramente profana, depende da polícia, uma festa como o carnaval”<sup>75</sup>. E ainda em 28 de setembro de 1958: “É bem claro compreender se isto. Não há aprovação eclesiástica. A paróquia não toma conhecimento e quem chefia, infelizmente é que menos autoridade moral possui para uma festa popular que os católicos possam aprovar”<sup>76</sup>

As reportagens demonstram que parte da cidade letrada não considerava a Festa do Rosário uma expressão devocional, pois caso o fosse estaria ligada à Igreja Católica e não necessitaria de permissão policial para a sua realização. No entanto, apesar deste posicionamento em relação ao Congado, para os seus participantes o significado do festejo é essencialmente religioso. O depoimento da capitã Pedrina ratifica esta contradição: “Porque pra nós a festa do Rosário é a nossa manifestação de fé, de devoção, ela é religiosa, mas muitas vezes para a Igreja ela passa pelo profano.”<sup>77</sup>

Apesar do depoimento de Pedrina ser atual, certamente ela aprendeu o sentido da sua devoção com seus pais que participaram da festa logo que ela “retornou”. Aproprio-me novamente de Pollack no que se refere aos acontecimentos “vividos por tabela” e, neste sentido a fé aos santos padroeiros está presente na comunidade congadeira.

---

<sup>74</sup> STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1996, pp 229.

<sup>75</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXX, nº 375, 29 de setembro de 1957, p1.

<sup>76</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXI, nº 422, 28 de setembro de 1958, p1.

<sup>77</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

Padre Nilson atuou na arquidiocese de Oliveira de 1975 até 1995, depois foi transferido e voltou à Oliveira em 2005 e permanece na cidade até hoje. Segundo ele, o Congado não é somente um ato religioso, mas também folclore e espiritualidade.<sup>78</sup>

Essa questão é significativa e o atual bispo de Oliveira, Dom Miguel<sup>79</sup>, tem a preocupação de que o Congado se torne puramente folclórico. Ele acredita que a festa é de origem católica e afirma que o encontro das culturas gerou formas sincréticas de religiosidade, mas que passado um tempo, a Igreja Católica purificou esses desvios:

Inevitavelmente no encontro das culturas, ocorrem algumas formas sincréticas. E depois nós purificamos. Acho que o Congado, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, nasceu católica e permanece católica. Desvios podem acontecer, mas a festa é uma festa católica. Não tenho dúvidas disso. Agora, o grande risco que tem é de afastar e tornar-se uma festa unicamente folclórica, e não mais devoção. Pode acontecer? Pode. Depende muito de como for levado à gente.<sup>80</sup>

Os depoimentos dos atuais congadeiros, dos padres da cidade de Oliveira e as matérias publicadas na *Gazeta de Minas* mostram que tanto a cidade letrada quanto os *negros do Rosário* possuem um olhar próprio para a Festa do Rosário. O que é religioso para um, não é para outros. Cada um constrói um significado próprio em meio ao contexto cultural em que está inserido. Para os congadeiros, a festa não é somente folclore ela é essencialmente devocional, eles têm fé nos santos padroeiros. É o que dá sentido a existência da festividade que continua apesar da proibição no passado, e das dificuldades e dos preconceitos do presente.

Em relação a segunda questão, que permeia as matérias publicadas no jornal ao longo da década de 1950, é de se notar que apesar de não mencionarem diretamente a relação do Congado com o espiritismo, é fundamental atentar que ao desvincularem a festa da religião católica e, em alguns momentos, chamarem o Congado de bárbaro, demonstram a posição de segmentos da Igreja Católica, que neste momento expressavam sua opinião através do jornal local, sobre esta manifestação cultural. O fato dos colunistas da *Gazeta de Minas* afirmarem que o Congado e o espiritismo são praticados por negros ratifica a idéia de que o Congado é ligado à práticas espíritas. Zé Canela de Ferro em “Espiritismo – a maior superstição de todos os tempos”, em 31 de maio de

---

<sup>78</sup> Entrevista realizada pela autora com Padre Nilson, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>79</sup> Dom Miguel assumiu a função de bispo em Oliveira no ano de 2008, mas antes, na década de 1990, atuou na arquidiocese de Oliveira.

<sup>80</sup> Entrevista realizada pela autora com Dom Miguel, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

1959 afirma que: “Esses espíritas de macumba deviam dar um passeiozinho à África ou à Índia, onde sua majestade infernal tem templos e adoradores”.<sup>81</sup>

Esse posicionamento permanece na década de 1960 em algumas reportagens do referido jornal, ainda que com menos força. Referem-se à macumba como uma prática exclusiva dos negros e como já foi afirmado anteriormente numa referência implícita ao Congado. A exemplo tem-se mais um artigo do Zé Canela de Ferro intitulado “Macumba é indústria no Brasil” onde afirma que “A macumba é de origem africana. Para aqui a trouxeram os escravos, que era a religião dos pagãos de diversas tribos africanas”<sup>82</sup>. É interessante notar que além dessa relação entre Congado e práticas espíritas estarem presentes no jornal, também o está na memória dos congadeiros – refiro-me aqui à associação que os pesquisadores estrangeiros, que estiveram no passado em Oliveira, fizeram entre estas práticas, como mencionei anteriormente, e esse fato é lembrado pelos atuais participantes da festa.

O conteúdo das reportagens sobre o Congado publicadas nesse período aponta para a inserção de segmentos eclesiásticos nas discussões que foram travadas no seio da própria Igreja Católica. Scott Mainwaring afirma que é nas décadas de 1920 e 1930 que a Igreja Católica passa a ter uma maior preocupação com a religiosidade popular, devido à crescente presença do espiritismo e protestantismo no Brasil, que eram vistos como “ignorância religiosa”.<sup>83</sup> Entendo que as reportagens sobre o espiritismo veiculadas no jornal local, *Gazeta de Minas*, mesmo nas décadas de 1950 e 1960, são originárias dessa preocupação de setores da Igreja Católica com a religiosidade popular. Fica claro nos artigos analisados que consideram tanto o Congado quanto a prática de outras religiões como “ignorância religiosa”.

Apesar de essas questões estarem presentes por mais alguns anos, percebe-se uma mudança de perspectiva do jornal no ano de 1959 ao noticiar a Festa do Rosário, ainda que os congadeiros permanecessem alvos de críticas pejorativas. Por mais que o periódico continuasse a afirmar que a Festa do Rosário não era ligada à Igreja Católica e proibisse o uso de símbolos religiosos, passava a ligá-la às tradições folclóricas brasileiras, como também é expresso na matéria de 1945. Há matérias em que elogia a festa, sua organização e alegria:

---

<sup>81</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXII, nº454, 31 de maio de 1959, p 3.

<sup>82</sup> *Gazeta de Minas*, Ano, LXXXIII, nº 532, 16 de outubro de 1960, p1.

<sup>83</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1919-1985)*. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo, Brasiliense, 2004, pp 50.

Toda Oliveira teve dias de reboição e alegria com o antigo congado. Justiça seja feita: o Congado organizado nesta cidade se apresentou muito correto, atendendo às exigências cabíveis pelas autoridades, não saiu com símbolos religiosos, nem consentiu em abuso de bebida e comedoria. Havia garbo e disciplina.<sup>84</sup>

Na matéria acima fica visivelmente expresso que os congadeiros aparentemente aceitaram a imposição da Igreja Católica ao não usarem os símbolos religiosos na sua festividade. A partir das entrevistas realizadas com participantes do festejo, defendo a idéia de que o medo de que a festa fosse novamente proibida pode tê-los feito retirar os símbolos religiosos, porém isso não significa dizer que em suas casas, debaixo de suas roupas os símbolos não estivessem ali presentes. Aproprio-me de Michel de Certeau ao analisar o não uso dos símbolos religiosos como uma tática encontrada pelos congadeiros para saírem às ruas da cidade, louvando, mesmo que não externamente seus santos de devoção. Os *negros do Rosário* jogaram “com o terreno que lhe é imposto”, atuaram “dentro do campo de visão do inimigo, como dizia Büllow, e no espaço por ele controlado”.<sup>85</sup>

Ainda que o periódico flexibilizasse seu posicionamento em relação ao Congado, ao colocar em destaque o viés folclórico, o discurso de festa profana<sup>86</sup> da *Gazeta de Minas* permanece, como noticiava em 8 de agosto de 1965:

Congado é Congado, isto é uma festa profana, interessante, folclórica, um divertimento que os homens de cor gostam e que o povo da cidade aplaude. (...) Ninguém venha dizer depois que o Congado é festa do Rosário. São duas coisas distintas. Uma é folgança, outra devoção. Ninguém, em boa fé, pode reclamar para o Congado o título da festa do Rosário porque nada tem com piedade. É apenas divertimento público e barato.<sup>87</sup>

Destaca-se a partir de 1962, uma modernização da Igreja com o início da reforma, conhecida como Concílio Vaticano II onde se discutiu uma nova visão, sob a orientação do então papa João XXIII. O Concílio contou com a participação de bispos do mundo inteiro, inclusive Dom José Medeiros de Leite, da cidade de Oliveira. Segundo Mainwaring,

---

<sup>84</sup> Gazeta de Minas, Ano LXXII, nº 469, 13 de setembro de 1959, p 1.

<sup>85</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução Epharim Ferreira Alves. Petrópolis, 1994, vol 1, pp 100.

<sup>86</sup> Gazeta de Minas, Ano LXXVI, nº 614, 16 de outubro de 1962, p 1.

<sup>87</sup> Gazeta de Minas, Ano LXXVII, nº 767, 8 de agosto de 1965, p1.

O Concílio motivou por exemplo maiores responsabilidades, co-responsabilidades entre papa e bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja, desenvolveu a noção de Igreja como povo de Deus, valorizou o diálogo ecumênico, modificou a liturgia de modo a torná-la mais acessível e introduziu uma série de outras modificações.<sup>88</sup>

O Concílio Vaticano II adota uma nova atitude da Igreja perante a religiosidade popular, busca uma aproximação entre Igreja e povo, um maior respeito às suas tradições e uma tentativa dos agentes eclesiásticos de trabalharem junto com esses segmentos sociais a fim de compreender as suas crenças.

É neste sentido que, se em um primeiro momento, as reportagens sobre o espiritismo veiculadas na *Gazeta de Minas* são originárias da preocupação de setores da Igreja Católica com a religiosidade popular - explícitas nos artigos analisados que consideram essas devoções e expressões culturais como “ignorância religiosa”- em um segundo momento algumas alterações ocorrem no conteúdo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário no jornal. Influenciados, provavelmente, pela abertura promovida pelo Concílio Vaticano II, começam a detalhar as características da festa como, por exemplo, a quantidade de ternos e dias de festejos. No ano de 1964 comenta-se sobre a existência de uma missa realizada durante a festividade:

As autoridades estiveram presentes Mons. Leão celebrando Missa Campal e dirigindo sua palavra sacerdotal, lembrando aos componentes dos ternos a necessidade de uma vida cristã perfeita, o dr. Rui Barroso discursando no encerramento e o Sr. Prefeito dirigindo carta de congratulações.<sup>89</sup>

Já no ano de 1966, a *Gazeta* cita a missa campal, a procissão de encerramento e detalha mais uma vez os festejos<sup>90</sup>. Em 1968, segundo o jornal, a festividade é marcante para os congadeiros, pois contou com a presença do bispo em uma de suas noites: “Para o capitão Geraldo Bispo e João Francisco Dias foi a noite de maior satisfação”.<sup>91</sup> Entendo que essas ações envolvendo os representantes eclesiásticos na celebração congadeira são originárias das preocupações do Concílio Vaticano II. E que a satisfação dos *negros do Rosário* com o comparecimento de um representante eclesiástico em sua

---

<sup>88</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1919-1985)*. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo, Brasiliense, 2004, pp 62.

<sup>89</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXII, nº 711, 19 de set de 1964, p 1.

<sup>90</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXVIII, nº 813, 25 de setembro de 1966, p1.

<sup>91</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXXI, nº 915, 22 de setembro de 1968, p1.

festividade é uma forma por eles encontrada para conseguirem mais apoio, ou, simplesmente, permissão para a realização da festividade sem maiores problemas.<sup>92</sup>

Nas matérias citadas acima, percebe-se a existência de uma missa. Ao que tudo indica, assim que a festa “voltou”, durante um tempo não houve sua celebração. Porém quando começou a acontecer, provavelmente na década de 1960, não era realizada no interior da Igreja. Os congadeiros criaram um palanque onde a missa ocorria e era o lugar de coroação da realeza congadeira. Desde então, a missa da Festa de Nossa Senhora do Rosário foi celebrada em diversos lugares, ora na Praça XV de Novembro, ora na Praça Manoelita Chagas, ora nas Igrejas, e em alguns anos do seu lado de fora, o que caracteriza o que os participantes da festa chamam de Missa Campal, como se observou na reportagem acima.

Entendo que o Congado “voltou”, mas muitas foram as barreiras encontradas pelos congadeiros para conseguirem entrar na igreja e muitas também foram as táticas elaboradas pelos *negros do Rosário* para continuarem com seu festejo. Dentre estas está a criação do palanque que simboliza o altar que lhes foi tirado com a demolição de sua Igreja no ano de 1929.<sup>93</sup>

O palanque ainda hoje presente nos festejos congadeiros tem um importante significado para os *negros do Rosário*. O palanque os remete ao passado, época em que a festa era realizada no interior da Igreja do Rosário, representa, assim, o altar da antiga igreja. Atualmente quando os capitães de terno vão às casas de reis, rainhas, príncipes e princesas para buscá-los e levá-los ao palanque cantam músicas específicas para tirá-los de suas residências, relacionando o palanque, local onde a realeza fica durante a solenidade, ao altar de uma Igreja. Exemplificamos essa situação com a música da capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta, que liga o palanque ao altar.<sup>94</sup>

Nosso tempo de reinado começar, senhor rei, coroa sagrada, oi esse negro eu vou louvar, olha vamos caminhar vamos **louvar coroa santa pra ficar lá no**

---

<sup>92</sup> Cada congadeiro se apropria diferentemente da sua religião/religiosidade o que será discutido no quarto capítulo.

<sup>93</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>94</sup> É importante fazer uma consideração acerca do palanque montado pelos congadeiros para realizarem suas apresentações. Não considero aqui o palanque como uma forma dos participantes apresentarem um espetáculo. O palanque foi uma tática usada pelos antigos congadeiros para continuarem com a sua expressão cultural, coroarem seus reis e louvarem seus santos de devoção. Dependendo da conjuntura política de Oliveira alguns ternos além de louvarem seus santos e reverenciarem seus reis, através de seus cânticos, também fazem críticas a situação do afro-descendente na sociedade brasileira e oliveirense.

**altar**, aos seus pés eu me ajoelho, pra senhor rei abençoar, esse povo do Rosário que chegou pra louvar, peço pra mamãe do céu sempre nos guiar, a coroa que é sagrada oi sempre, sempre alumiar. O meu Reinado com as coroas, senhor rei, Sá rainha chegou o tempo de louvar no Rosário de Maria, negro tem que caminhar, sua mão agora eu peço senhor rei para me acompanhar. (grifos meus)<sup>95</sup>

Ao retornar para a perspectiva do jornal na década de 1960 percebe-se que é ainda nesse momento que o Congado começa a participar de eventos dentro e fora da cidade de Oliveira, passando a ser considerado de forma mais sistemática uma importante manifestação folclórica, parte integrante das tradições brasileiras. Duas dessas merecem destaque: a primeira em setembro de 1961 na comemoração do centenário de sua cidade, onde ternos desfilam pelas ruas: <sup>96</sup>

Realizaram-se de modo interessante que despertaram a atenção e a curiosidade do povo, as festas folclóricas do Congado. Foram dias de movimento, alias foram aqueles folguedos que deram nota de destaque nas festas populares do Centenário. Arregimentaram uma multidão enorme de todos os pontos do município oliveirense e de outros vizinhos que **acompanhou as danças e outras modalidades tradicionais daquele festejo.** <sup>97</sup> (grifos meus)

A segunda acontece em abril de 1965 quando o terno de Vilão participa das comemorações do 4º centenário da cidade do Rio de Janeiro<sup>98</sup>.

Durante a década de 1970 a *Gazeta de Minas* continua a noticiar o Congado com a mesma perspectiva. Vincula a festa ao folclore brasileiro, especificamente como parte da tradição mineira, e fornece mais subsídios para analisar suas características como, por exemplo, a quantidade de ternos e onde se realiza a missa. Publica também a participação de ternos de Congado em eventos folclóricos como na matéria expressa em 3 de setembro de 1978: “Oliveira será a sede do folclore mineiro no próximo dia 10 de setembro, quando estarão se apresentando na Praça 15 vários grupos folclóricos, vindos de diversas cidades desta região. A Promoção é do Mobral Estadual e local, da Prefeitura e outras pessoas ligadas às promoções artístico-culturais da cidade” <sup>99</sup>, contando com a

---

<sup>95</sup> Filmagem realizada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira no ano 2008. A fala é da capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta dos Santos.

<sup>96</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXIV, nº 567, 19 de setembro de 1961, p1.

<sup>97</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXIV, nº 568, 1 de outubro de 1961, p 4.

<sup>98</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXVII, nº745, 25 de julho de 1965, p 1.

<sup>99</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XCI, nº 1417, 3 de setembro de 1978, p1.

participação dos ternos de Catopés, Moçambiques e Vilão. Além disso, o jornal traz artigos sobre antigos congadeiros como, por exemplo, Tio Henrique e Dá Biquinha.<sup>100</sup>

A análise do jornal nos permite verificar uma maior interlocução entre as escolas públicas da cidade e o Congado. A matéria publicada em 2 de maio de 1971, noticia uma gincana realizada por um colégio de Oliveira e pedia que os alunos levassem um terno de Congado para participar.<sup>101</sup> E em 2 de outubro de 1979, a Escola Normal ao promover um evento intitulado “Na Escola Normal a semana da arte” realiza “considerações sobre o folclore, demonstrações de congadas e apresentação de músicas típicas”.<sup>102</sup>

Na década de 1970<sup>103</sup>, a *Gazeta de Minas*, ao noticiar a programação da Festa de Nossa Senhora do Rosário, traz uma novidade a respeito da missa realizada pelos congadeiros, ela aconteceria no interior da Igreja dos Passos. Segundo os depoimentos, nesse período os integrantes da festa entravam na Igreja, mas a celebração era muito rápida, poucas pessoas participavam e não havia características que os ajudassem a contar a história dos *negros do Rosário*. Segundo a capitã Pedrina:

A época que veio fazendo essa missa há muito tempo seja aqui na Igreja dos Passos. Mas era assim, as nossas caixas tinham que ficar do lado de fora, não entrava não. Aí a missa era às sete horas da manhã. Sete e meia já tinha acabado. Era bem rapidinho, não tinha nenhum canto nosso e ficou muitos anos assim... Aí depois começou a fazer a missa aqui no alto, primeiro campal, introduzindo...<sup>104</sup>

A partir da análise do jornal local, entre as décadas de 1950 e 1970, percebemos que no final dos anos de 1950 inicia-se uma mudança da perspectiva do jornal local, que continua com essa linha de pensamento em 1960 e 1970. Neste momento há uma valorização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que começa a deixar de ser bárbara e horripilante e passar a ser considerada parte da tradição mineira e do folclore brasileiro. Se em um primeiro momento, as matérias estão marcadas pelos pressupostos da romanização da Igreja Católica, em um segundo momento a cidade letrada passa a aderir às recomendações do Concílio do Vaticano II e insere a festa no contexto cultural

---

<sup>100</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXXVI, nº 1292, 9 de maio de 1976, p 7 e Ano LXXXVI, nº 1306, 15 de agosto de 1976, p 6, respectivamente.

<sup>101</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXXIV, nº1045, 2 de maio de 1971, p5.

<sup>102</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XCII, nº1470, 7 de outubro de 1979, p8.

<sup>103</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXXV, nº 1210, 1 de setembro de 1974, p 7.

<sup>104</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007 na cidade de Oliveira.

brasileiro. O jornal passa a contar outras histórias sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

No final da Segunda Guerra Mundial inicia-se um processo de valorização das tradições populares com a criação da UNESCO, que entendia que o estudo do folclore ajudaria na construção de identidades nacionais e também na compreensão entre os povos. Em adição, a partir de 1949 surge um plano mais específico de luta contra o racismo, influenciado pelo contexto mundial da independência dos países da África e Ásia, no bojo da Guerra Fria e dos embates raciais norte americano. No Brasil a UNESCO realizou uma pesquisa sobre o racismo em diferentes regiões do país e demonstrou que as relações raciais eram diferenciadas dependendo do lugar.<sup>105</sup>

O Brasil criou mecanismos para atender as instruções da UNESCO como a Comissão Nacional de Folclore, em 1947, e a Comissão de Defesa do Folclore Brasileiro, em 1958. Em 1948, a Comissão Mineira de Folclore também se fez presente no cenário nacional, assim como outras comissões de folclore estaduais, que estudavam e publicavam pesquisas sobre o folclore das regiões. Essas iniciativas de plano nacional podem ter contribuído para o novo olhar do jornal ao tratar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, embora este processo de mudança fosse lento. Como vimos em alguns números o jornal elogiava a festa e em outros ainda mantinha uma abordagem contrária, o que pode ter sido influenciado pelos ideais católicos que predominavam na *Gazeta de Minas*.<sup>106</sup>

Ainda que as comissões de folclore possam ter contribuído para a mudança de posicionamento do jornal local em noticiar a festividade, alguns congadeiros não consideram a Festa do Rosário apenas uma manifestação folclórica. Pedrina, também membro da Comissão Mineira de Folclore, afirma que: “A festa não acaba, não acaba não. Não é só folclore, é religião. Dizem que é folclore, que é folclore o Congado, mas nós é que sabemos o seu significado”.<sup>107</sup>

Kiddy afirma que os participantes da festa sempre enfatizavam a preponderância religiosa no Congado, não sendo somente uma manifestação folclórica. Ainda sobre essa questão é interessante a análise da autora sobre o surgimento da palavra Congado, e

---

<sup>105</sup> Sobre a UNESCO ver MAIO, Marcos Chor. *O Brasil no concerto das nações: a luta contra racismo nos primórdios da UNESCO*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v 2: 375-413, jul, -out, 1998. MAIO, Marcos Chor. *O projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais dos anos 40 e 50*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 14, nº41, out 99.

<sup>106</sup> VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O movimento folclore brasileiro 1947-1964*. RJ, FUNARTE, FGV, 1997.

<sup>107</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

segundo ela surgiu no século XIX no relato de Martius sobre a coroação de reis negros no Tejuco. Antes desse período, a autora, na análise da documentação, não encontra essa palavra para denominar a festividade.<sup>108</sup>

Para Pedrina, o nome “Congado” foi criado pelos folcloristas e ela tem receio que esse nome generalize a manifestação cultural, já que a festividade não se resume ao ritual congadeiro, mas fundamentalmente na devoção aos santos padroeiros. Segundo Pedrina:

Eu não me canso de repetir, o Congado foi uma palavra que os folcloristas inventaram, eu também faço parte da Comissão Mineira de Folclore, mas é um termo generalista e perigoso. Porque a Festa do Rosário por causa do Congo, festa do Rosário. Congado é um termo que generaliza todo mundo, então daqui a pouco o pessoal não sabe distinguir o que é um Congo, o que é um Moçambique, o que é um Catopé, o que é um Vilão, o que é um Caboclo, Marujo, o que é um Cavaleiro de São Jorge. Por quê? Porque tem Congado. Aí com o tempo... Nós participantes é que vamos perder.<sup>109</sup>

### **Os representantes eclesiásticos e os congadeiros - da década de 1980 ao ano de 2009.**

A *Gazeta de Minas* publica, na década de 1980, a programação completa da Festa do Rosário, com o nome dos reis e príncipes, horário e local da missa e procissão de encerramento<sup>110</sup>, e também a participação de um terno de Vilão na 20ª Semana de Folclore em Minas Gerais<sup>111</sup>.

É nesse momento que as reportagens publicadas reconstróem de forma diferenciada a história do Congado, inclusive procuram os próprios participantes para contarem suas memórias sobre a festa. Em 7 de setembro de 1980, a matéria intitulada “Congado Maravilha” aborda diversas características e fatos importantes do festejo, dentre eles o ritual Candombe:

Para os congadeiros mais autênticos, entretanto, o antecessor mais antigo das festas do Rosário é o Candombe nome muitas vezes confundido com candomblé, mas que nada tem a ver com ele diretamente. O Candombe é um dos segredos mais bem guardados pelos descendentes de africanos.

---

<sup>108</sup> KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007.

<sup>109</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>110</sup> *Gazeta de Minas*, Ano 93, nº 1513, 31 de agosto de 1980, p3; Ano 96, nº 1651, 4 de setembro de 1983, p 6, Ano XCII, nº 3693, 19 de agosto de 1984, p 6, Ano XCVIII, nº 1741, 8 de setembro de 1985, p 9, Ano XCIX, nº 1836, 23 de agosto 1987, p 5.

<sup>111</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 3696, 9 de setembro de 1984, p 6. Sobre essa participação nada mais é comentado na reportagem, só que o terno compareceu à Semana de Folclore.

Basicamente ele é uma reminiscência dos cultos primitivos da natureza, um quase fetichismo mesmo, em que persiste a união entre as forças naturais com a ciência do sobrenatural.<sup>112</sup>

Diferentemente do que acontecia no período anterior à paralisação do Congado, hoje em dia não se faz mais a associação do Candombe ao Candomblé, mas continua a ligação com as práticas espíritas.<sup>113</sup>

O jornal local, além de citar o Candombe e relacioná-lo como parte integrante da história da Festa do Congo também relembra o período em que a mesma era proibida na cidade, apesar de não informar o motivo<sup>114</sup>. Uma edição da Gazeta do ano de 1986 é significativa, pois ao afirmar a importância cultural da festa para a cidade, se propõe a fazer uma pesquisa com o intuito de “resgatar, valorizar e conservar a expressão popular de Oliveira”<sup>115</sup> e para isso procura alguns integrantes da festa para que eles mesmos contem suas histórias. Ao contrário da edição de 2 de setembro de 1984, nesse número a *Gazeta de Minas* registra a proibição da festa por parte da Igreja Católica:

A Igreja Católica, por sua vez, foi levada ao longo de todo o processo, a assumir atitudes diversas e muitas vezes opostas, dando o seu apoio direto e participando até mesmo como organizadora da Festa ou fazendo de seu poder para simplesmente impedir a apresentação dos ternos. Em Oliveira muito já aconteceu. Sr. Geraldo Gato, capitão mor da festa lembra de coisas há muito tempo: ‘A Igreja naquele tempo acolhia. Nós fazíamos a coroação, levando todo o Juizado dentro da Igreja. Isso, eu mesmo levei muitas vezes. Fiz festas dentro da Matriz, na Igreja do Rosário, dos Passos, no tempo do Silvino, do Trajano, do Miguel.’ Também aqui acontecia da Festa se ver paralisada por 10 anos, por pressão de católicos da cidade. ‘Acabaram parando por causa da bobageira exagerada, daquela superstição que eles acabaram achando que era feitiçaria. Fizeram muita papiaia, até padre implicar e acabar com a festa’, diz Sr. Geraldo Gato.<sup>116</sup>

A reportagem acima aponta que o conflito entre congadeiros e representantes eclesiais é significativo na memória dos participantes da festividade, o que irá permanecer até os dias atuais. A *Gazeta de Minas* ao procurar os integrantes do Congado para que eles contem sua história demonstra que os próprios *negros do Rosário* vão

---

<sup>112</sup> *Gazeta de Minas*, Ano 93, nº 1514, 7 de setembro de 1980, p 6.

<sup>113</sup> Esta questão será discutida no quarto capítulo.

<sup>114</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XCII, nº 3695, 2 de setembro de 1984, p1.

<sup>115</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XCIX, nº 1791, 7 de setembro de 1986, p 1.

<sup>116</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XCVII, nº 3695, 2 de setembro de 1984, p8. Geraldo Gato ao abordar que a coroação era realizada dentro da igreja refere-se ao período escravocrata até o ano de 1929 quando ela foi demolida. Sobre Silvino do Trajano, do Miguel não encontrei nenhuma referência sobre quem eram essas pessoas.

passando a fazer parte da cidade letrada de Oliveira. Agora eles também expressam suas leituras sobre seu passado.

Ao retornar a questão da missa realizada durante os festejos na década de 1980 nota-se que nesse período houve uma mudança em relação aos anos anteriores. Os congadeiros a celebravam do lado de fora da Igreja, principalmente da Igreja do Alto de São Sebastião. Esse tipo de missa ficou conhecida como Missa Campal, ou seja, era armado um palanque do lado de fora das Igreja e o padre a celebrava ali com a presença dos congadeiros<sup>117</sup>.

Sobre a realização da missa na Igreja do Alto de São Sebastião, vale ressaltar que em seu interior há espaço suficiente para todos os integrantes, principalmente se levarmos em consideração a reforma por que passou, concluída no ano de 1969<sup>118</sup>. Esta Igreja é onde atualmente a missa ocorre e todos os congadeiros entram para participar da celebração. A justificativa dos padres para a missa ser campal naquela época é que o interior das Igrejas não comportava o expressivo número de congadeiros, como observa-se na afirmativa do Padre Nilson: ‘Sim porque a igreja não, não comporta os treze né? Muita gente. Então é muita gente com os instrumentos e tudo... Celebrava aqui ao lado da matriz de São Sebastião.’<sup>119</sup>

Há evidências de que os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário sempre desejaram que a missa fosse celebrada no interior das igrejas, para lembrar o que acontecia na época da antiga Igreja do Rosário. O padre e o bispo entrevistados não afirmam se havia uma proibição formal para os congadeiros entrarem nas igrejas. Mas se a igreja tinha espaço em seu interior por que era realizada do lado de fora?

É importante percebermos que a memória dos atuais congadeiros aponta para a luta que antigos participantes travaram para realizar a missa no interior de uma Igreja. O depoimento do Sr Antônio Eustáquio é significativo:

Até nós temos a nossa querida ainda viva Rolinha a Rolinha ela toda vida ela foi uma loira que ela acompanhou muito é nossa festa. (...) Ela cantou, ela cantava quando ela viu que era a missa iria ia ser celebrada na Igreja do Rosário hoje nossa catedral. Ela tava na escadaria de fora ela falou ela falou: Seu pai Leonídio falou uma coisa comigo e hoje estou vendo que o negro

---

<sup>117</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>118</sup> Tentei conseguir na arquidiocese de Oliveira documentos sobre a reforma da Igreja do Alto de São Sebastião, mas não consegui acesso. Assim baseei-me na entrevista realizada com padre Nilson, em setembro de 2008 e também na pesquisa no jornal local, Gazeta de Minas, Ano LXXXII, nº 970, 26 de outubro de 1969, p1.

<sup>119</sup> Entrevista realizada pela autora com Padre Nilson em setembro de 2008, na cidade de Oliveira

bateu, vestiu saia na porta de aruanda e hoje os negros do Rosário podem dizer que já venceram a demanda. Por causa da celebração da missa dentro da Igreja do Rosário. Porque a nossa demanda sempre era colocar a nossa a nossa santa missa dentro da igreja. Então os nossos antepassados, meu pai mesmo lutou muito pra que isso acontecesse e graças a ele nós tivemos esse privilégio e temos até hoje. Tanto é que eu às vezes eu discuto com alguns dos comandantes e por um respeito ou pra impor o respeito dentro de qualquer um reinado, por que... Pra nós não perder essa batalha o qual nós conseguimos vencer, é de conseguir assistir uma missa dentro da igreja.<sup>120</sup>

Os depoimentos de Antônio Eustáquio e Padre Nilson apontam para memórias diferentes sobre a realização da missa conga no interior das igrejas, o primeiro afirma o desejo de sempre a celebrarem ali já o segundo diz que não havia uma proibição dos representantes eclesiais para que tal fato ocorresse. Cada um deles posiciona-se diferentemente, de acordo com o seu lugar de fala dentro da sociedade, e assim constroem suas próprias memórias e histórias.

Durante a década de 1990 as transformações na missa congadeira continuaram. A estrutura da Missa Conga começou a ser definida no final da década de 1960, a partir de pesquisas do folclorista Romeu Sabará, que era membro da Comissão Mineira de Folclore e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Ferreira afirma que:

De acordo com a liturgia e os hábitos do Congado, o prof Romeu Sabará estabeleceu novos ritos para a Missa Conga, com músicas e danças próprias: ritual de entrada, penitencial, da palavra, do ofertório, da consagração, da amizade, da comunhão, de ação de graças e de despedida.<sup>121</sup>

É importante ressaltar que cada comunidade congadeira apropriou-se diferentemente desse novo tipo de missa e ocorrem variações de acordo com o lugar em que se realiza e também a época em que as diferentes irmandades do Rosário passaram a praticá-la.

Segundo a capitã Pedrina, a história da Missa Conga ocorreu em função das novas medidas implantadas durante o Concílio Vaticano II:

Agora a missa não tinha os moldes da missa conga que voltou a ser conga foi a partir de noventa e cinco. Aliás, porque antes ela fazia os cantos dos congadeiros, mas ela não fazia o lamento. Eu consegui por na cabeça de fazer o lamento foi em noventa e cinco. E uma das características que fala a missa conga é que tem que ter o lamento do negro na porta da igreja. Mas a missa conga também é assim. A missa foi criada a partir da década de sessenta no Concílio Vaticano II, quando a

---

<sup>120</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira. Aruanda é Igreja para os congadeiros.

<sup>121</sup> FERREIRA, Mauro Eustáquio. *Missa Conga comemorou a libertação dos escravos*. Boletim da Comissão Mineira de Folclore, nº 16, agosto de 1995, Belo Horizonte.

igreja começou a fazer várias missas, a missa do vaqueiro, missa não sei de que, então tem a missa conga também.<sup>122</sup>

É, pois, a partir, mais especificamente, do ano de 1995, que os congadeiros começam a fazer durante a missa uma ligação com o seu passado. Segundo os depoimentos obtidos, a missa deveria ajudá-los a lembrar do período escravista e também quando ainda tinham sua Igreja que foi demolida em 1929. E com esse intuito (re) criam o “Lamento Negro”, sob iniciativa da capitã Pedrina.

Antes da Missa Conga, com as portas da Igreja fechadas, com o terno responsável pela sua declamação do lado de fora da Igreja, a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina, declama, em nome de todos os congadeiros vivos e mortos, o Lamento, que nos conta:

Eu vou contar-lhes uma história, peço preste atenção  
É uma história muito antiga do tempo da escravidão.  
Foi no dia treze de maio a assembléia trabalhou  
Olha negro era cativo e a princesa libertou.  
Olha negro era cativo e agora virou senhor  
Foi no tempo da escravidão era branco que mandava  
Quando branco ia pra missa, oi era negro que levava  
Quando branco ia pra missa, oi era negro que levava  
Branco entrava pra igreja e negro cá fora ficava  
Branco entrava pra igreja e negro cá fora ficava  
E se negro reclamasse, de chiquirá ele apanhava  
E se negro reclamasse, de chiquirá ele apanhava  
Negro fazia as orações quando na senzala ele chegava  
Ele fazia as orações e pra Zambi ele entregava  
Que dó, que dó, Jesus Cristo está no céu, amparando essas almas desses  
negros sofredor.  
Aí já começa a parte que pede pro padre abrir a porta.<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>123</sup> Entrevista realizada pela autora com os capitães do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, Washington Luis Santos de Oliveira e Carlos Tadeu Sabino, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

A narrativa do Lamento Negro nos possibilita compreender o que os congadeiros consideram seu passado, que valor lhe atribuem e a relação que mantêm com esse mesmo passado. Constroem, de alguma forma, uma cultura histórica na Festa de Nossa Senhora do Rosário<sup>124</sup>. O Lamento põe em evidência a história do passado escravista e a importância que ainda hoje tem dentro da comunidade congadeira. Além disso, elabora uma comparação com os dias atuais mesmo que implicitamente só pelo fato de estarem dentro da Igreja celebrando uma missa. Relaciona o passado e presente dos *negros do Rosário*.

Pela primeira vez, no ano de 2009, que o terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário recitou o “Lamento Negro” sob o comando de seus capitães Carlos Tadeu, Ester Antonieta e Washington. Desde que foi (re) criado o Lamento quem o declama é a capitã Pedrina, pois durante um tempo não existia o terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, mas sabe-se que é esta guarda que deve fazê-lo, por conta da tradição da festa. E também por ser o domingo, dia da realização da missa, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, então a guarda responsável é a do Rosário. Em função da criação recente do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, em 2004, ele contou com a ajuda do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês por ser mais antigo e conhecer mais a tradição do festejo congadeiro.

No final da década de 1970 inicia-se uma nova reforma de setores da Igreja Católica conhecida como Teologia da Libertação cujo objetivo era construir uma sociedade mais justa, onde os próprios oprimidos seriam agenciadores da sua libertação. Roma, nos anos de 1980 e 1990, apontou alguns desvios e abusos nessa proposta como, por exemplo, a Missa dos Quilombos que reconta a história da escravidão negra no Brasil, e que foi proibida. A Teologia da Libertação teve avanços e recuos em sua proposta. Ocorreu uma menor tolerância de determinados grupos da Igreja em relação às manifestações populares. Porém, padres e participantes das expressões culturais já haviam se apropriado à sua maneira dos pressupostos da Teologia.<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. IN: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>125</sup> VALENTE, Ana Lúcia Farah. *O negro e a Igreja Católica. O Espaço concedido, um espaço reivindicado*. Campo Grande- MS, 1994.

É também nesse contexto que os padres negros se organizaram e formaram a Agente de Pastoral Negros. Realizaram diversos encontros onde discutiram as mais variadas questões do negro no Brasil, inclusive a religiosidade afro-brasileira e o papel do negro na Constituinte. Os principais objetivos dessa organização eram: “unir a população negra dispersa, recuperar as raízes e memória histórica, conscientizar o negro, lutar por um espaço de dignidade para o negro no contexto nacional, lutar por um espaço do negro dentro do cristianismo e pelo direito de se expressar de acordo com aquilo que lhe é próprio, a sua fé, a sua adesão à mensagem de Jesus Cristo”<sup>126</sup>.

Os congadeiros se apropriaram dos pressupostos da Teologia da Libertação de acordo com sua história, assim como os padres. Esse novo fazer religioso pode ter contribuído para que os *negros do Rosário* lutassem de maneira mais enfática para entrarem em uma Igreja, para celebrarem sua missa e conseguirem, assim, a permissão dos representantes eclesiais para realizar uma missa no interior da Igreja e dentro do calendário do Congado.

Além da visão dos congadeiros sobre a celebração da missa é oportuno também analisar como é para quem a realiza: os padres. Padre Nilson afirma que:

A missa é a mesma em si né? Agora a participação dos ternos, do congado nessa missa é que tem sido assim com mais participação, tem sido mais participativa. Por exemplo, na porta principal da igreja, porta fechada, eles cantam pedindo para abrir, porque a participação deles da missa é também um fato de libertação. Antes não podiam participar. Os negros membros ali levavam a os chefes lá... Até a porta da igreja, mas não podiam entrar, sabe. Agora não. Agora depois da libertação... Inclusive o canto é muito bonito, aquele canto ali na porta da igreja Que diz: padre abre a porta que agora nós já podemos entrar né? E entram cantando pela... E depois então é aqui eu tenho feito assim. Cada terno, alguns ternos, marcados pela coordenação ficam responsáveis, por exemplo, pelo canto de entrada da missa, outro terno canta as ofertas, ofertório, outro terno comunhão, outro terno canto final da missa entende! Na verdade uma oportunidade de participação. Então eles utilizam seus instrumentos ali naquele momento em que estão participando ativamente né?<sup>127</sup>

Padre Nilson nos conta que a Missa Conga pouco varia de uma missa fora da tradição congadeira. As diferenças seriam: a presença do “Lamento Negro”, a maior participação dos celebrantes – cada terno fica responsável por uma parte da celebração -, o som dos instrumentos congadeiros e ser uma missa dentro do calendário da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que homenageia os seus santos de devoção, a saber: Nossa

---

<sup>126</sup> Idem pp 94.

<sup>127</sup> Entrevista realizada pela autora com Padre Nilson em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia e Nossa Senhora Aparecida<sup>128</sup>. O período escravista também é lembrado através de cânticos, os reis congos e perpétuos retiram de suas cabeças a coroa que carregam para o padre poder benzê-las, esse momento ritual é marcado por uma música específica: “Oh entregai, Sá Rainha, sua coroa de prata, oh. Oh entregai Sá Rainha, Oh entregai Sinhô Rei, sua coroa de ouro, oh. Entregai Sinhô Rei”.<sup>129</sup>

Para além da questão da estrutura da missa conga, os *negros do Rosário* têm o desejo de sempre realizá-la na antiga Igreja do Rosário que foi demolida no ano de 1929, quando outra foi construída em seu lugar. Mas até hoje encontram barreiras impostas pelo padre Guido, responsável pela mesma. Heloisa Helena mostra em seu depoimento que lá aconteceu poucas vezes, mas mesmo assim o pároco citado acima pediu aos congadeiros que não tocassem bruscamente seus instrumentos, as caixas, alegando que tanto barulho poderia abalar a estrutura da Igreja:<sup>130</sup>

Infelizmente nós estamos mudando sempre porque, na verdade, nós gostaríamos de fazer onde nós consideramos onde é a Igreja do Rosário, pra nós o importante é o que tá ali, é o alicerce, né? E a Igreja Nova seria pra nós o símbolo disso. Eu acho que na festa que ora hoje nós continuamos é ali que tudo começou, recomeçou, o importante seria que fosse ali. Mas infelizmente a gente ainda não tem essa abertura pra Igreja: ah a Igreja não tem estrutura pra agüentar o toque das caixas, então podemos adentrar a Igreja, mas pra nos comportar como se fosse uma missa comum. O que diferencia ela de uma missa comum, os cânticos são de uma missa conga, são de congadeiros, por exemplo, o Pai Nosso é cantado e acompanhado pelas caixas e instrumentos dos congadeiros. Então não é nada de orgia, só que ela é muito emocionante a missa, ela é mais extensa. Cerca de mais ou menos duas horas porque ela é uma missa toda cantada.<sup>131</sup>

Os congadeiros acreditam que o espaço da antiga Igreja do Rosário lhes foi roubado. Ainda a consideram um lugar sagrado, uma relíquia do tempo do cativo, que faz parte da sua história e que foi construída pelos seus antepassados. Há algum tempo foi construída uma nova Igreja do Rosário, mas segundo a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina, essa foi uma tentativa de tirar os

---

<sup>128</sup> Os santos homenageados e mais detalhes do ritual congadeiro serão devidamente abordados no terceiro capítulo.

<sup>129</sup> Folheto da missa conga realizada no ano de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>130</sup> Realizei em setembro de 2007 uma entrevista com o Padre Guido, mas o mesmo restringiu o uso da mesma.

<sup>131</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloisa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

*negros do Rosário* do centro da cidade de Oliveira, já que a antiga Igreja se situava neste local.<sup>132</sup>

A conflituosa relação entre os representantes eclesiásticos da cidade de Oliveira e os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário perpassa também os pesquisadores que se interessam pelo tema, marcados pelo complicado acesso aos padres e a difícil transposição das portas dos arquivos da Igreja. O que indica, a meu ver, o desejo de que os conflitos não se tornem públicos. Durante a pesquisa em Oliveira foi extremamente complicada a disponibilidade dos padres para conceder entrevistas sobre o Congado. O padre Guido me concedeu uma entrevista no ano de 2007 (quando ainda fazia a pesquisa para a monografia de conclusão de curso da graduação), mas colocou restrições na utilização da mesma. Além dele, entrevistei o padre Nilson e o novo bispo da cidade, Dom Miguel. Porém outros padres que procurei não quiseram falar, alegando que nada sabiam sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Programei também pesquisar nos arquivos da Cúria de Oliveira, mas, de forma bastante sutil, o acesso me foi negado. O bispo, Dom Miguel, alegou que ele já havia olhado a documentação e nada havia sobre a relação da Igreja Católica e o Congado. Sobre essa última questão é relevante destacar que na entrevista por mim realizada com Padre Nilson perguntei se o Congado era pauta nas reuniões da arquidiocese e o mesmo afirmou que sim. Então certamente estaria nas atas de reuniões as quais tive o acesso à pesquisa negado.

A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica se transformou ao longo dos anos. A cidade letrada mudou sua abordagem nas matérias publicadas pelo jornal local assim como passaram a celebrar a missa conga no interior da Igreja. Essas alterações podem ter sido influenciadas pelo contexto político brasileiro, pelo Concílio Vaticano II e pela Teologia da Libertação. Porém, ainda hoje, os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário encontram barreiras para celebrar a sua devoção, como se evidencia na proibição do Padre Guido em celebrar a Missa Conga na antiga Igreja do Rosário ou simplesmente por não permitir que os *negros do Rosário* usem seu espaço com mais frequência.

Percebe-se pelos depoimentos dos padres e congadeiros que suas visões sobre essa relação social ainda hoje é conflituosa. Cada um deles tem uma visão própria sobre a sua religião/religiosidade. O posicionamento da capitã Pedrina é significativo nesse contexto, segunda ela:

---

<sup>132</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

Eu acho que o padre não tem que se intrometer na maneira de fazer do negro não. Deixa eu te falar uma coisa: Missa começou de 1970 pra cá, nunca existiu missa não, entendeu. Agora que muita gente acha ... Tendo missa ou não a festa vai acontecer. Ela não se iniciou com a missa não porque os padres eram a favor da escravidão a maioria. A maioria tinha escravos, a Igreja sempre ficou do lado da elite, do poder. De 1960 pra cá, depois do Concílio II que começaram a fazer várias missas e essas missas (inaudível) aí arrumaram a missa conga que na verdade a gente vai (inaudível) às vezes nem tem. Tem lugar que eu fico muito triste porque os congadeiros não têm muita consciência do que fazem, tem lugar que é o padre quem manda. Eu aprendi com os capitães mais velhos na região que eu estou, lá em Belo Horizonte, o padre dá o sacramento, o fundamento, o mandamento da festa são os congadeiros. Se não tiver congadeiro pra saber o que é mandamento e fundamento da festa, a festa fica bonita só por fora, você pode olhar e achar aquilo bonito, mas se você vai perguntar alguma coisa e quando a pessoa sabe (inaudível). Então cada um lá na sua região faz como quer, mas aí a pessoa sabe.<sup>133</sup>

Pedrina tem um posicionamento singular dentro do universo de entrevistas realizadas para essa pesquisa, muito influenciado pelo contato que mantém com as outras comunidades congadeiras. Sua visão sobre o Congado e a relação com os representantes eclesiais é própria de sua vivência e, como analisarei no quarto capítulo, cada *negro do Rosário* constrói uma história para legitimar sua identidade e tradição dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário tanto a partir do relacionamento com a cidade letrada quanto da própria estrutura do ritual congadeiro. Percebe-se assim que dificilmente o posicionamento da cidade letrada e dos participantes da festa será o mesmo.

.....

O intuito desta pesquisa não é construir uma história linear da Festa de Nossa Senhora do Rosário, embora possa se pensar isto ao final deste capítulo. As fontes pesquisadas indicam que houve períodos em que a festa foi mais tolerada pelos representantes da cidade letrada do que em outros momentos. A decisão de agrupar as questões em três momentos distintos: 1900-1950, 1950-1970 e 1980 aos dias atuais, foi determinada pela percepção de que existem tendências e aproximações. Em todos os momentos existiram vozes discordantes.

Abreu analisa a Festa do Divino, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1830 a 1900 e mostra que existem períodos em que a festa era mais tolerada pelas autoridades, como em 1840, e em outros, como em 1850, era mais reprimida, sempre aliando à sua discussão o contexto político então vigente. Nesse sentido, a autora demonstra em seu

---

<sup>133</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

trabalho que a Festa do Divino era um local de conflito constante entre os participantes da festa e as autoridades e que havia polícias de controle sobre a festividade. Ainda destaca a pluralidade das polícias de controle ao afirmar que elas não tinham uma perspectiva homogênea ao decidir controlar ou tolerar a festa.<sup>134</sup>

Nesse primeiro capítulo tive como intuito apropriar-me da discussão de Abreu e mostrar que o Congado também é um local de conflito, onde participantes da festa e representantes eclesiais ora entram em conflito, ora toleram-se e que nesse embate disputam valores e posicionamentos políticos. A análise atenta das matérias publicadas no jornal local indica que em determinados momentos a festa era considerada bárbara, horripilante e um divertimento público e barato, notadamente entre os anos de 1910 e 1960, o que resulta em uma maior repressão ao Congado. Já a partir dos anos de 1970 a festa é noticiada de forma diferenciada, agora alegre a cidade, é representativa do civismo e da tradição mineira, e deve ser preservada. É, pois, a partir desse período que a festa é mais tolerada pelos representantes da cidade letrada.

Porém, nesses dois períodos existiram vozes discordantes sobre a repressão e a tolerância à festividade. No momento em que a festa era reprimida, encontramos uma matéria do ano de 1945 que afirma que a festa alegre a cidade de Oliveira. E quando a festa é mais tolerada há a proibição do padre Guido para a celebração da Missa Conga na antiga Igreja do Rosário.

As matérias e os depoimentos dos entrevistados indicam que os momentos de repressão e tolerância ao Congado são marcados por posicionamentos diferenciados no interior dos representantes da cidade letrada, mostrando as disputas que ali ocorrem. Em determinadas ocasiões certas posições políticas se sobrepõem a outras, possivelmente influenciadas pelo contexto político.

É interessante notar que, na década de 1970, a *Gazeta de Minas* procura os congadeiros para que estes contem suas histórias, assim, eles passam a expressar suas memórias sobre a festividade e a integrar a cidade letrada. Nesse capítulo busquei estabelecer um diálogo entre as memórias dos atuais participantes do Congado sobre os acontecimentos passados relacionados a sua história e o posicionamento do jornal sobre a festividade do período referido.

---

<sup>134</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999, pp 303 e 304.

## Capítulo 2: A relação dos congadeiros com Prefeitos da cidade de Oliveira e a *Gazeta de Minas*.

*“É verdade já não sinto  
O peso das chicotadas  
Mas ainda falta muito  
Pra liberdade sonhada”<sup>135</sup>*

Pedrina de Lourdes Santos

Neste capítulo analiso a relação dos congadeiros com outros representantes da cidade letrada de Oliveira: a Prefeitura Municipal e a *Gazeta de Minas*. Elizabeth Kiddy em sua pesquisa não considera a relação dos congadeiros com representantes da Prefeitura Municipal, com a *Gazeta de Minas* a partir do momento que deixa de pertencer à diocese e como o jornal noticiava em suas páginas o dia 13 de maio. A historiadora norte-americana não detém sua análise na conflituosa relação dos congadeiros com os diferentes representantes da cidade letrada, nem percebe que entre eles existiam vozes discordantes. Havia embates de posicionamentos na própria cidade letrada, como observou-se no capítulo anterior. Assim, nosso recorte, abordagem e objetivos são diferentes. Preocupe-me em pesquisar como o jornal noticiava as matérias relacionadas ao Congado. E também entrevistar padres e prefeitos para compreender como esses atores sociais assim como os congadeiros (re) constroem suas memórias, identidades e tradições em relação à festividade.

Na primeira parte deste capítulo detenho-me ao estudo da Prefeitura Municipal e para reconstruir essa relação entrevistei quatro ex-prefeitos, o atual e o ex-secretário de cultura. Por motivo de falecimento, mais especificamente os que ocuparam o cargo entre os anos de 1950 e 1970, alguns não foram entrevistados. O prefeito mais antigo que me concedeu entrevista foi João Haddad que assumiu a função no ano de 1970.

Algumas questões permeiam essa relação social como, por exemplo, a concessão do alvará para a realização da festa, os lugares em que a mesma ocorria, a verba liberada pela Prefeitura, a oficialização do Congado, os conflitos entre congadeiros e prefeitos e o apoio em outras demandas dos *negros do Rosário*. Esta análise basear-se-á fundamentalmente nos depoimentos obtidos com prefeitos, ex-secretário de cultura,

---

<sup>135</sup> Ponto cantado pela capitã Pedrina, do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, durante a apresentação no palanque montado na Praça XV de Novembro, no ano de 2008.

participantes da festa, antigos moradores da cidade, as matérias publicadas no jornal local, *Gazeta de Minas*, e um documento localizado na Prefeitura, o Decreto nº 252.

No primeiro capítulo relatou-se que quando o Congado “voltou”, no ano de 1950, celebrou-se na casa da Sinhá Saffi. Neste momento os dançadores não ocupavam as ruas com seus ternos. Alguns anos depois, o Congado voltou às ruas, porém em um lugar periférico da cidade, na Praça Manoelita Chagas. Era lá que os congadeiros montavam seu palanque para receber seus reis, rainhas e homenagear seus santos de devoção. Sr Antônio Eustáquio, capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, nos conta onde era a festa nesse momento:

Era ali onde é hoje a clínica “Via Vida” e era ali que era o nosso palanque, nós fazia o percurso e não podia ir na Praça. Nós fazia o nosso festejo resgatando rei, rainha, príncipe, princesa, juíza para onde está fazendo hoje o nosso pronto socorro, ali que tinha o nosso palanque. É, mas não era na praça, no jardim não, era uma área, um local que não tinha residência. Ali era uma área, o seguinte: o ano todo era liberado pela prefeitura para alojamento de parques de diversões e circo, nem residência não tinha. Então era ali que nós fazia o palanque, que nós fazia as nossas coroações.<sup>136</sup>

A mordoma da bandeira do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Maria Luisa Pereira, professora de escolas da rede pública e particular da cidade, afirma que houve uma proibição, de representantes da cidade letrada, de que a festa acontecesse na Praça XV de Novembro, local nobre da cidade. E mais uma vez os congadeiros valeram-se de táticas para enfrentar a imposição.

Então é e tinha um vigário aqui que ele se chamava Monsenhor Leão e ele era muito forte na cidade. A igreja em Oliveira sempre teve muito poder. Como tem até hoje é bispado, não é? Então é eu não sei te falar o porquê, mas começou a desvincular a festa do Congo da Igreja. Então os congadeiros não poderiam mais entrar e dançar com os tambores. Então eles não poderiam entrar mais com os tambores dentro da igreja, não é isso? E o prefeito na época ele era aliado ao partido do vigário, então o que foi feito? O prefeito uniu-se ao vigário porque ele não ia, não queria brigar com o vigário, não é? Então ele ao unir ele tira a festa da praça. Então a festa iria para lá (na Praça Manoelita Chagas, perto da estação de trem) porque dali ela ia pra mais longe dali ela ia para o bairro, mas aí houve o corte no centrinho da cidade em frente à matriz. Era tirar de frente da matriz e levar para e levar para um lugar mais longe. E a estação era longe do centro em relação à época, não é? Então a bandeira da Nossa Senhora das Mercês ela era guardada, com o senhor José Tertuliano, quem era esse senhor? Ele era uma pessoa que trabalhava no Estado. Antigamente falava que trabalhava no Estado ele era corretor do Estado, então era uma pessoa que tinha uma certa posição social também na cidade porque fazia parte. Então o senhor José Tertuliano também não quis romper, nem com a igreja e nem com a política. Ele tinha um

---

<sup>136</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

cargo mais ou menos político. Então ele uniu-se ao estado que aí seria a prefeitura e a igreja, ao Monsenhor Leão. O Sr. José Tertuliano ele chega perto de senhor Geraldo Bispo e do pai da Pedrina e entrega a bandeira e a bandeira era guardada ali bem próximo aqui da minha casa e aí criou-se o impasse. Passaria pela praça XV, e ele não quis fazer esse enfrentamento. E ele entrega a bandeira e deixa de ser mordomo. E aí vai meu pai peitou e falou: eu guardo a bandeira na minha casa. E aí nós não vamos deixar a festa sair da praça porque eles vão ter que... E nós vamos mudar o circuito, a festa vai passar pela rua Direita, que nós chamamos rua Direita, descer o Alto, passar pela rua Direita, descer, fazer esse trajeto, subir, essa praça toda e vai lá, para a Praça Manuelita Chagas, mas ela não vai sair da praça.<sup>137</sup>

Os depoimentos da mordoma e do Sr Antônio apontam para existência de uma proibição formal para a realização da festa no centro da cidade. Porém, por volta do ano de 1962, a Festa de Nossa Senhora do Rosário passa a acontecer em plena Praça XV de Novembro, lugar considerado nobre.

Antes de explorar a importância dos *negros do Rosário* adentrarem a Praça XV de Novembro, destaco que não tenho como precisar a data em que a missa deixa de ser campal e passa a ser celebrada no interior da Igreja e nem a data da mudança de local da realização da festa, da periferia para o centro. Os congadeiros não as registraram. Sabem apenas que a ida para a Praça XV de Novembro ocorreu muito antes da missa ser celebrada no interior da Igreja<sup>138</sup>. Vale ressaltar que a história dos *negros do Rosário* passa fundamentalmente pela tradição oral, transmitida ao longo dos anos por conversas entre pais e filhos. Somente na década de 1970 é que a Diretoria da Festa de Nossa Senhora do Rosário é constituída e começa a preocupar-se com os registros escritos, através das atas de suas reuniões. Mesmo assim, observa-se que a atenção é direcionada muito mais para as decisões tomadas quanto ao ritual do que para o registro de quando um evento ocorreu ou não.

O cruzamento das fontes orais e escritas aponta a década de 1960, mais especificamente entre os anos de 1962 e 1964, como a que os congadeiros saíram da periferia e foram para o centro da cidade. Múcio Lo Buono, um antigo morador de Oliveira, relatou o momento desse evento, bastante marcante para ele, que é um participante ativo e representou o rei no cortejo. Segundo ele, em 1961 a celebração congadeira foi realizada na Praça Manolita Chagas, coincidindo com o as comemorações do centenário da cidade, e um ano depois passou para a Praça XV de Novembro:

---

<sup>137</sup> Entrevista realizada pela autora com a mordoma do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Maria Luiza Pereira, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>138</sup> Entrevistas realizadas pela autora com os congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

Quando eu fui rei no ano do centenário da cidade, o reinado era lá em cima. A gente era levado lá, mas o reinado era de dia. A gente saía, eu saía daqui de casa mais ou menos às 3 horas da tarde fui buscar a rainha grande que era minha sobrinha ali embaixo onde hoje é aquela pensão Almeida. Quando eu fui entregar a coroa no ano seguinte foi justamente depois do ano do centenário da cidade que eu fui rei lá. No ano seguinte eu já entreguei a coroa aqui à noite.<sup>139</sup>

Uma matéria publicada pelo jornal local, *Gazeta de Minas*, em 19 de setembro de 1964, afirma que a Festa do Congo foi realizada na Praça XV de Novembro como observa-se abaixo:

Realizou-se como nos anos anteriores, a Festa do Congo, com as mesmas características do passado, misto de crença e **civismo**. A festa que agita a cidade, trazendo uma multidão enorme à Praça 15 onde é erguido anualmente o palanque, teve seu desenrolar tranqüilo e sereno, devido ao trabalho eficiente do capitão – mor, Geraldo Bispo dos Santos; capitão-regente, João Francisco Dias, fiscais, Geraldo Alexandre da Mata e Geraldo Orozimbo, tesoureiro, Antônio Salgado Ribeiro, narrador José Maria de Oliveira Segundo e capitães de ternos.<sup>140</sup> (grifos meus)

A Festa de Nossa Senhora do Rosário na Praça XV de Novembro tem um significado especial para seus participantes. A Praça situa-se próxima da antiga Igreja do Rosário onde, em tempos anteriores, a festa acontecia. Os *negros do Rosário* voltaram para seu espaço de origem! A matéria acima, expressa que o Congado não é visto como retrógrado e bárbaro. Para ir para a Praça XV de Novembro novas características foram atribuídas à festividade: o civismo agora é presente. A reportagem data do ano de 1964, período em que a Festa de Nossa Senhora do Rosário era mais reprimida pelos representantes eclesiásticos, como se apontou no capítulo anterior. A *Gazeta de Minas* nesse momento pertencia à diocese de Oliveira, sendo ainda considerado um canal de expressão dessa instituição, o que mostra a disputa de posicionamentos políticos e valores no interior do jornal sobre o Congado.

Além desse fato, a praça situa-se no centro comercial da cidade. Ao seu redor moram pessoas influentes e economicamente favorecidas e é lá que também se realizam os grandes eventos e comemorações de Oliveira. Paulo Resende, ex-prefeito da cidade,

---

<sup>139</sup> Entrevista realizada pela autora com Múcio Lo Bueno, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira. Múcio representou um rei que é coroado em um ano e descoroado no ano seguinte. No terceiro capítulo será explorado os diversos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário. O “aqui” na fala de Múcio refere-se a Praça XV de Novembro

<sup>140</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXII, nº 711, 19 de setembro de 1964, p 1.

faz uma comparação com a importância da Praça XV na década de 1960 e nos dias atuais. Segundo ele:

E aí nessa Praça XV de Novembro onde ficava realmente a grande sociedade de Oliveira, onde reside a grande sociedade, a sociedade mais alta é no centro na Praça XV de Novembro. É claro que hoje mudou muito porque há pessoas que tem curso superior, há pessoas de maior riqueza que moram em lugares mais distantes que hoje tem até condomínios na periferia da cidade, mudou muito. Aquela época, a Praça XV de Novembro era o centro principal, era o lugar onde nós, os grandes acontecimentos, os grandes eventos aconteciam.<sup>141</sup>

O foco principal dessa pesquisa não foi o de pesquisar nas atas da Câmara Municipal de Oliveira a fim de verificar se havia uma proibição formal por parte da cidade letrada para a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário na Praça XV de Novembro. Assim não posso afirmar se esta existiu. Entretanto deve-se considerar que as reportagens analisadas no capítulo anterior, veiculavam que a festa não era bem aceita em determinados períodos, apontando para uma possível proibição.

É através da reconstrução das memórias dos atores sociais envolvidos que a relação entre congadeiros e políticos na presente pesquisa se estabelece. O importante é perceber como esse fato é lembrado nas memórias dos participantes da festa. Os congadeiros usam e abusam dessa memória da proibição para ratificar no presente as lutas atuais e as do passado.

Sr José Maria de Oliveira Segundo, sapateiro, 85 anos, foi locutor da festapessoa que apresenta a realeza congadeira no palanque montado na Praça XV de Novembro- durante cinquenta anos, em entrevista ao jornal em 27 de setembro de 1998 relata que:

Um fato que ficou gravado foi o pedido de algumas autoridades para que o reinado viesse para a Praça XV, pois antes o nosso palanque era armado na Praça Dona Manoelita Chagas. Foi a primeira vez que sentimos a festa valorizada e algum interesse na sua preservação como manifestação folclórica, e isto, é claro deixou-nos envaidecidos, pois a Praça XV é o coração da cidade, local dos grandes acontecimentos, e assim começavam a ser visto a reinado de N. Srª do Rosário.

O locutor afirma que a mudança de local para a realização do festejo foi a pedido de algumas autoridades, mas atento para a luta dos próprios congadeiros em conseguirem

---

<sup>141</sup> Entrevista realizada pela autora com Paulo Resende, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

a mudança de localidade na realização de sua celebração. Não se deve considerar os participantes da festa como agentes passivos, mas sim ativos de sua história, elaboraram táticas para, aos poucos, transporem as dificuldades impostas pela cidade letrada.

No novo espaço, considerado nobre e que abriga a elite oliveirense, os *negros do Rosário* conseguiram coroar seus reis negros. A capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês Pedrina afirma que: “O adentrar a praça tem um significado do negro ser vitorioso dentro da sociedade opressora.”<sup>142</sup>

Um ponto que merece atenção é que anualmente os congadeiros, através da sua Diretoria, responsável pela organização da festa, precisam solicitar a Prefeitura o alvará para a realização de seus festejos. Segundo o capitão-mor, Geraldo Bispo dos Santos Neto, o alvará da Prefeitura entre os anos de 1950 e 2008 nunca foi negado<sup>143</sup>. Assim o Congado tem a autorização regularmente concedida pela Prefeitura Municipal de Oliveira, e de 1950 aos dias atuais nunca deixou de acontecer.<sup>144</sup>

No ano de 1971, durante o regime militar, o então prefeito de Oliveira, João Haddad, filiado ao partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sob o Decreto nº 252, considera o Carnaval de rua, a Semana Santa e o Congado festas tradicionais da cidade. Segundo o decreto:

Considerando que a Festa do Congo é uma semana em que se realiza uma homenagem às autoridades e aqueles que libertaram o negro da escravidão; Considerando que estas festas seguem à risca todo roteiro do passado e que Oliveira recebe, na época, gente de todo o Brasil, Decreta:  
Art. 1º- Ficam consideradas festas tradicionais e turísticas em Oliveira: Carnaval de rua, Semana Santa e Congado.<sup>145</sup>

A iniciativa do então prefeito certamente fez com que o Congado ganhasse uma projeção relevante na cidade. Porém, antes mesmo desse decreto outros representantes políticos já haviam demonstrado um interesse pelo Congado e pelas festas populares. A *Gazeta de Minas* publicava em 25 de julho de 1965 que o então governador do Estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto, através do Decreto nº 8.307 de 13 de maio do mesmo ano instituiu a Semana do Folclore Mineiro entre os dias 16 a 22 de agosto. Segundo o jornal, a festividade iniciar-se-ia em Belo Horizonte e depois poderia ir para o interior do

---

<sup>142</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>143</sup> No ano de 2009, o alvará foi negado devido a gripe suína. Sobre essa questão voltarei a discutir mais a frente.

<sup>144</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão – mor da Festa de Nossa Senhora do Rosário, Geraldo Bispo dos Santos Neto, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>145</sup> Prefeitura Municipal de Oliveira, Decreto nº252 de 13 de julho de 1971.

Estado.<sup>146</sup> No ano de 1969, o jornal local noticiava que a Assembléia Legislativa, através de um requerimento do deputado Sebastião Pinheiro Chagas, congratulou o capitão-mor da Festa de Nossa Senhora do Rosário, Geraldo Bispo dos Santos, devido ao “brilhantismo com que se realizou nessa cidade, a Festa dos Congados.”<sup>147</sup>

Voltando ao Decreto do prefeito João Haddad percebe-se que este coincide com a mudança de perspectiva da *Gazeta de Minas*, que enfatizava a participação dessa manifestação cultural como parte integrante do folclore brasileiro, mais especificamente da tradição mineira. Ainda que o Decreto do prefeito seja posterior a criação da Comissão Nacional de Folclore e da Comissão de Defesa do Folclore Brasileiro, as idéias postuladas pelos folcloristas, como a de que as manifestações populares não deveriam ser reprimidas pelas autoridades, e sim receber o seu apoio, fazem parte do contexto político brasileiro daquele momento. Afinal, as idéias circulavam pelo país e contribuíram, de alguma forma, para a oficialização do Congado.<sup>148</sup>

É interessante ressaltar que tanto governantes que apoiavam o regime militar brasileiro, como Magalhães Pinto, quanto os opositores, como João Haddad, em seus mandatos incentivaram o folclore. A valorização a essas expressões culturais certamente não questionavam a autoridade do regime militar brasileiro, pois caso o fizessem seriam reprimidas como aconteceu com outras manifestações artísticas. Nesse período algumas iniciativas de plano nacional foram criadas, dentre elas, o Centro Nacional de Referência Cultural, em 1975, que tinha como objetivo valorizar as raízes populares, demonstrar como determinadas expressões culturais poderiam gerar um valor econômico e apresentar-se como mais uma alternativa ao desenvolvimento brasileiro.<sup>149</sup>

Durante os anos de 1970 não localizei na *Gazeta de Minas* nenhuma matéria referindo-se a esse Decreto. Seus reflexos aparecem na década de 1980, quando o jornal local divulga a programação da festa e cita o decreto, como se nota na reportagem de 4 de setembro de 1983: “Oficializada pela Prefeitura Municipal de Oliveira, pelo Decreto 252, em 16.07.71, na gestão do Prefeito Sr. João Haddad.”<sup>150</sup>

---

<sup>146</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXVII, nº 745, 25 de julho de 1965, p 1.

<sup>147</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXVII, 31 de outubro de 1969, p 3.

<sup>148</sup> VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão. O movimento folclore brasileiro 1947-1964*. RJ, FUNARTE, FGV, 1997, pp 118.

<sup>149</sup> FONSECA, Maria Cecília. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Minc-Iphan, 2005.

<sup>150</sup> *Gazeta de Minas*, Ano 96, nº 1651, 4 de setembro de 1983. No documento encontrado na *Gazeta de Minas* a data da oficialização do Congado consta o dia 16, sendo na verdade o dia 13 de junho.

Segundo João Haddad a oficialização da festa em 1971 foi uma estratégia encontrada para que a Prefeitura pudesse dar um suporte financeiro maior à Festa do Congo, como afirma o ex-prefeito:

E nisso, eu senti o seguinte, começou a crescer o movimento e a gente tinha que oficializar a festa para que o poder público pudesse, entendeu, contribuir financeiramente e com suporte também porque tudo tem custo para o poder público e nada pode ser feito fora das normas. Então, o que eu fiz? Oficializei a festa para que a gente pudesse ter um suporte maior e pensando também no futuro entendeu, no futuro porque é... As contas públicas foram se modernizando. Então havia necessidade de o governo podia dar a verba ou simplesmente, mas você tinha que fazer tudo dentro das normas da contabilidade pública. Então a primeira coisa que eu fiz foi reconhecer pelo governo o Congado como festa oficial de Oliveira. Então o Congado é festa oficial de Oliveira desde mil novecentos e setenta e um.<sup>151</sup>

Porém, mesmo antes da oficialização da Festa do Congo a Prefeitura concede subvenção para os festejos. Esta questão foi noticiada na *Gazeta de Minas* em 13 de agosto de 1967<sup>152</sup>. No entanto, percebe-se que ainda hoje, mesmo após o Decreto lei nº 252, os participantes da Festa do Rosário encontram dificuldades na concessão de verba da Prefeitura para os ajudarem com as despesas do Congado.

Os prefeitos entrevistados quando questionados sobre a verba destinada à Festa do Congo sempre respondiam que faziam a sua contribuição para o festejo. Através dos depoimentos, atento para o fato de que não existe uma lei na cidade que obrigue os prefeitos a colaborarem, depende sempre de cada gestão. Todo ano é votado na Câmara Municipal um valor a ser repassado, que pode ser aprovado ou vetado. Como evidencia as palavras do ex-prefeito Paulo Resende: “Têm prefeitos que dão uma assistência total e outros que não ligam muito não, entendeu?”<sup>153</sup>

A *Gazeta de Minas* publica na década de 1990 um editorial intitulado “Tambores do futuro” que aborda a necessidade do poder público regulamentar a concessão de verbas para o Congado, afirmando que: “a matéria deveria estar na pauta do Legislativo: um projeto de lei que regulamentasse o encaminhamento de verba anual”.<sup>154</sup>

A subvenção da Prefeitura é utilizada na compra de alimentos, fardamento e instrumentos musicais. Segundo a direção da festa, o subsídio não é suficiente para arcar com todas as despesas, devido ao grande número de congadeiros, atualmente entre 800 a

---

<sup>151</sup> Entrevista realizada pela autora com João Haddad, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>152</sup> *Gazeta de Minas*, Ano LXXIXI, nº 858, 13 de agosto de 1967, p 4.

<sup>153</sup> Entrevista realizada pela autora com Paulo Resende, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>154</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CX, nº 2337, 31 de agosto de 1997, p 2.

1.000 pessoas, que tomam café da manhã, almoçam e jantam durante a semana dos festejos sob a sua responsabilidade.

Emílio Haddad, ex-prefeito e candidato ao cargo no ano de 2008, afirmou que caso fosse eleito, o que não ocorreu, regulamentaria a subvenção da Prefeitura para a Festa de Nossa Senhora do Rosário para que os seus integrantes não ficassem na dependência dos prefeitos.<sup>155</sup> Este é um ponto interessante, pois nem todos congadeiros concordam com a obrigatoriedade da ajuda da Prefeitura. A capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina, acredita que a ajuda financeira da cidade letrada de Oliveira pode comprometer a tradição da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Ela defende que os congadeiros devam recorrer a projetos culturais e outros tipos de auxílio a fim de não ficarem dependentes da subvenção de um só órgão.<sup>156</sup>

Para atender às necessidades da festa, a Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) faz campanhas nas rádios, escolas, pede contribuição à população da cidade para suprir a carência de verba. Como nos conta a Secretária da ACOL, Heloísa Helena:

A gente pede. Faz campanha, em geral, na rádio, nas escolas porque a nossa despesa é muito grande, não é só alimentação. Nós temos que auxiliar as guardas, os capitães com fardamentos, calçados, instrumentos não ficam baratos. Temos o palanque, a montagem do palanque, pintura, pintura da Casa do Congadeiro, luz, água porque até a luz do palanque da CEMIG nós temos que pagar. Nós não temos nada.<sup>157</sup>

Pessoas da sociedade oliveirense dirigem-se ao palanque que é montado na Praça XV de Novembro para homenagear os reis e rainhas e levam suas contribuições. Os representantes da realeza congadeira também fazem suas doações. Entretanto, como essas pessoas que representam a realeza do Congado têm elevadas despesas com suas vestimentas, que muitas vezes são suntuosas, acabam colaborando com pequenas quantias. O assunto é tema de discussão entre os congadeiros, que preferem roupas mais simples e contribuição mais significativa, pois já aconteceu em diversos anos que acabada a festa, ficaram as dívidas.<sup>158</sup>

---

<sup>155</sup> Entrevista realizada pela autora com Emílio Haddad, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>156</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>157</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>158</sup> Idem. Os reis e príncipes congos do Reinado de São Benedito também fazem suas contribuições. Não posso afirmar sobre os reis dos outros Reinados.

Outra questão polêmica entre congadeiros, prefeito e ex-prefeitos é o gasto com a luz do palanque. Segundo os participantes da festa são eles que arcam com essa despesa, porém todos os prefeitos entrevistados afirmam que isso é atribuição da Prefeitura, como nos conta o ex-prefeito Benjamin de Castro Filho, mais conhecido como Nem do Beijo: “Tudo tudo tudo é... Isso aí segurança, iluminação, tudo é por conta da prefeitura, limpeza, tudo, tudo, tudo é por conta da Prefeitura. Armar palanque, desarmar, tudo é a prefeitura que faz essas...esse serviço”<sup>159</sup>. Este é o mesmo posicionamento do atual prefeito, Ronaldo Resende que afirma que o auxílio da Prefeitura não é uma novidade, o Congado sempre teve a colaboração do poder público.<sup>160</sup>

O ex-prefeito Emílio Haddad no seu mandato entre os anos de 1989 e 1992 doou aos congadeiros uma sede para que pudessem se reunir durante a festividade. Porém, a doação só foi regulamentada na gestão do atual prefeito Ronaldo Resende. Na Casa do Congadeiro além dos almoços, atualmente também acontecem oficinas para a confecção de instrumentos e roupas usados durante a semana da festa, realizadas pelos próprios congadeiros, para que possam diminuir as despesas financeiras com o Congado.

Os conflitos envolvendo a subvenção da festa aparecem nos depoimentos obtidos e também nas reportagens publicadas no jornal local, *Gazeta de Minas*. No ano de 1993, sob a gestão de Nem do Beijo, durante a festividade os congadeiros acusam o prefeito de não ter instalado o sistema de som:

Um acidente acontecido na noite de segunda-feira, dia 13, durante a festa do Congado, agitou a Praça XV. A Prefeitura não instalou o sistema de som no palanque, provocando descontentamento e veementes protestos da organização. A cerimônia sofreu atraso de 90 minutos, e só pode começar após a instalação de aparelhagem improvisada. (...) O responsável pelo som da Prefeitura afirmou não ter recebido ordem para instalar a aparelhagem. Sob clima tenso, o apresentador José Maria de Oliveira Segundo ocupou o microfone para acusar o prefeito. Houve vaias e cânticos de protesto. O prefeito Benjamin de Castro Filho se defendeu das acusações, dizendo que a Casa do Congadeiro não solicitou o som, considerando precipitada a manifestação dos congadeiros contra a sua pessoa. E desabafou: ‘Foi uma sujeira. Não gosto de mentiras. Em nenhum momento deixamos de emprestar o som aos bairros e festas comunitárias.’<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup>Entrevista realizada pela autora com Benjamin de Castro Filho, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>160</sup>Entrevista realizada pela autora com Ronaldo Resende Ribeiro, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>161</sup>Gazeta de Minas, Ano CVII, nº 2133, 19 de setembro de 1993, p1.

Outro problema mais recente, entre os congadeiros e o prefeito Ronaldo Resende, ocorreu no ano de 2006, quando este teve uma séria discussão com o capitão-mor da Associação de Congadeiros de Oliveira, Geraldo Bispo dos Santos Neto. Sua irmã Heloisa Helena nos conta que:

Infelizmente, é até chato a gente falar, mas essa última gestão foi uma decepção – do Ronaldo. Ano passado nós sofremos agressões verbais por parte dele, ele agrediu o meu irmão, chegou a chamar meu irmão de negro safado, isso saiu em jornais, e foi horrível. E o meu irmão herdou da minha mãe, o que eu acho que havia de mais bonito sabe que era o amor próprio, principalmente, por ser negro, que ser negro não é um defeito é uma qualidade, é igual a qualquer outra pessoa. Então ele levantou a cabeça, agradeceu a ele qualquer ajuda que ele pudesse dar ao terno, sabe visando política que é o que infelizmente acontece, com todos que passam pela Prefeitura, então ele agradeceu e falou pra ele que a gente ia dar conta de fazer a festa e a gente deu. Encerramos a festa sem dívida, não encerramos no vermelho.<sup>162</sup>

Segundo a *Gazeta de Minas*, Geraldo Bispo dos Santos Neto registrou um Boletim de Ocorrência Policial e nele relatou como sofreu as agressões: o capitão-mor estava com parentes e amigos quando recebeu a ligação do prefeito. De acordo com o jornal as palavras do prefeito para Geraldo foram:

Neto: você é um safado, sem vergonha, ladrão; nego safado, você está querendo extorquir dinheiro da Prefeitura, mas não vou dar dinheiro para congadeiro nenhum. Você é safado, sem vergonha, negro safado, ladrão, vagabundo. Você tem sorte por eu não estar em Oliveira, pois se estivesse lhe daria dois tiros na cara. Negro safado arrume as suas malas que vou transferi-lo de Oliveira. Você vai conhecer quem é Ronaldo Resende.<sup>163</sup>

Para o atual prefeito, Ronaldo, o conflito aconteceu porque os congadeiros queriam auxílio financeiro para realização dos festejos. Ele se propôs a ajudar dando efetivamente a alimentação, mas eles queriam o dinheiro em espécie e não de outra natureza.<sup>164</sup> Segundo o mesmo número da *Gazeta de Minas*, citado acima, o prefeito foi procurado e declarou:

---

<sup>162</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloisa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira. O irmão de Heloisa Helena é o capitão-mor da Associação de Congadeiros – Geraldo Bispo dos Santos Neto.

<sup>163</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXIX, nº 2804, 27 agosto de 2006, p 4.

<sup>164</sup> Entrevista realizada pela autora com Ronaldo Resende Ribeiro, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

Eu errei, sei que tenho a minha parcela de culpa, mas tenho também meu caráter para pedir desculpas. Eu não queria ofender ninguém. Ele é meu amigo, temos liberdade um com outro. O melhor é colocar uma pedra em cima disso. Oliveira vai ganhar muito mais, tenham certeza disso. Peço a todos que me perdoem. Meu maior objetivo era ter zelo com o dinheiro público, como fizemos no ano passado. (...) Vou participar dos projetos do Congado, minha empresa vai participar, nosso objetivo é ajudar. Vamos deixar a política de lado e nos preocupar com a festa de Nossa Senhora do Rosário.<sup>165</sup>

Na justificativa apresentada pelo prefeito, como vemos acima, ele alega preocupação com o dinheiro público. Porém, apesar desses problemas, em 2007 os conflitos foram amenizados com a doação por parte do prefeito Ronaldo Resende do anexo da Casa dos Congadeiros e a regulamentação da parte da casa que já havia sido doada na gestão do prefeito Emílio Haddad.

No ano de 2009, ainda sob a gestão de Ronaldo Resende mais um conflito se estabeleceu. Ronaldo em entrevista à rádio de Oliveira declarou, sem consultar os congadeiros, que a Festa do Congo estava suspensa devido a gripe suína. A direção da festa conseguiu uma liminar judicial no sábado, quando se inicia a festa, que autorizava a realização do Congado. Tal fato fez com que os *negros do Rosário* afirmassem que mesmo sem a concessão do alvará saíam às ruas da cidade para louvarem seus santos de devoção, ou então tocariam suas caixas em seus terreiros.

Os congadeiros reclamam da falta de reconhecimento à sua manifestação cultural tanto por parte da população oliveirense quanto dos prefeitos da cidade. Sr Antônio Eustáquio afirma que: “Você já viu um comentário de que santo de casa não faz milagre? Nós lá em Paris fomos tratados como se fossemos artistas mesmos.”<sup>166</sup> Essa fala é recorrente nas entrevistas realizadas, os participantes da festa asseguram que precisam sempre lutar para continuarem com sua devoção tanto no que se refere a ajuda de ordem financeira quanto na valorização da sua tradição devocional/cultural.

Os prefeitos entrevistados, Emílio Haddad, João Haddad, Paulo Resende, Nem do Beijo e Ronaldo Resende, afirmam que mantêm boas relações com o Congado por ser esta manifestação cultural, parte integrante da cultura mineira e dois deles por terem ligação direta com a diretoria da festa: Emílio Haddad era padrinho do capitão-mor da

---

<sup>165</sup> Gazeta de Minas, Ano CXIX, nº 2804, 27 agosto de 2006, p 4.

<sup>166</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira. Sobre a ida dos congadeiros da cidade de Oliveira à Paris será devidamente explicado mais a frente neste mesmo capítulo.

festa, Geraldo Bispo dos Santos Neto, e seu irmão João Haddad mantêm com os laços desde os tempos de seus pais.<sup>167</sup>

Além de ligações familiares entre ex-prefeitos e congadeiros há outro aspecto nessa relação: muitos são devotos dos santos homenageados pelo Congado o que os aproxima da festividade. Além dessa questão, tem o reconhecimento, por parte dos entrevistados, da importância do Congado para a história do afro-descendente no Brasil, como afirma Paulo Resende:

Então eu tive sempre muito boa vontade porque eu gostava, além de gostar da festa porque é uma festa cultural é uma festa que reedita a história do negro, do africano, da raça negra no Brasil, dá um...dá dignidade a eles. Eu sempre respeitei a festa, acho a festa mística, ela tem um simbolismo quase que religioso mesmo, um simbolismo de fé. Eu tenho profunda fé naqueles santos padroeiros. Eu, eu me lembro de pessoas que faziam que têm pessoas que não eram da raça negra, mas que tinham aquilo como eu tenho hoje, como você tem a sua religião e você tem fé na santa protetora sua ou no seu santo protetor.<sup>168</sup>

É importante ressaltar que a Associação dos Congadeiros de Oliveira não apóia oficialmente nenhum candidato. Durante a minha ida à Oliveira no ano de 2008, momento que coincidiu com o período eleitoral, estava na Associação conversando com a Secretária, Heloisa Helena quando um candidato procurou-a pedindo apoio para sua candidatura, e a mesma afirmou que a Associação não fazia isso e que deixava os congadeiros livres para escolherem seus representantes. Além disso, a Associação está sempre atenta aos políticos oportunistas que usam o nome da festa para se promover, o que é inaceitável para eles, não admitem serem procurados apenas no período eleitoral.

Entrevistei o ex-Secretário de Cultura, Heraldo Tadeu Laranjo, que garante existir dificuldades financeiras para apoiar os projetos dos congadeiros como, por exemplo, o de construir um Museu do Congadeiro. Heraldo destaca que a nova política cultural do país pode dar maior apoio aos *negros do Rosário* através das leis de incentivo cultural, desvinculando a concretização de seus projetos às verbas da Prefeitura. Nas palavras dele:

Então tem a Secretaria de Cultura também, acho que a gente deve muito, precisa mesmo contribuir mais efetivamente pra festa... É claro que os recursos sempre... Os recursos financeiros, né? Sempre são uma barreira

---

<sup>167</sup> Emilio Haddad faleceu após as eleições do ano de 2008.

<sup>168</sup> Entrevista realizada pela autora com Paulo Resende, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

considerável. Eu mesmo como secretário talvez não tenha a autonomia que eu gostaria de ter pra dispor de recursos pra poder canalizar. Pra determinado projeto dos congadeiros, mas felizmente estão surgindo aí. Essas oportunidades, pelas leis de incentivo, a gente deve tentar mesmo, a gente sabe que o poder público municipal é limitado. Oliveira não é uma cidade que tem os recursos muito fáceis, então a gente tem mesmo que tá sempre atento pra se conseguir colocar esses projetos na pauta. E bem fundamentados pra que tenha aprovação.<sup>169</sup>

O Secretário de Cultura traz uma nova visão para a cena política de Oliveira ao afirmar que a valorização do Congado é o reconhecimento da cidadania de seus participantes e o resgate de uma dívida com os negros brasileiros:

Acho que tanto há uma dívida de sangue do brasileiro com a raça negra, do brasileiro no sentido. Se bem que todos nós somos mestiços, né? No Brasil é difícil falar raça branca, raça mulata, negra, né? Mas com essa descendência aí, dos escravos que sofreram. O Brasil foi o último país a libertar os escravos... isso é uma dívida que todos, qualquer cidadão teria para justamente garantir a plena cidadania desse congadeiro, e que, que já deu demonstrações tão fortes mesmo, de uma resistência, que já superou a tantas adversidades e incompreensões, da pura e simples proibição mesmo dele se manifestar. Então a partir daí como cidadão eu já vejo que é uma obrigação. Fazer o possível que, pelo direito de cidadania mesmo, deles se manifestarem e terem condição de expandir, passar pros filhos mesmo e pras outras gerações essa tradição tão rica.<sup>170</sup>

No ano de 1985, durante o governo José Sarney, cria-se o Ministério da Cultura e um ano depois foi promulgada a Lei Sarney cujo objetivo era impulsionar as produções artístico-culturais, através de incentivos fiscais, mas o Ministério sempre sofria cortes orçamentários. O presidente seguinte, Fernando Collor, extinguiu o Ministério. Em dezembro de 1991, promulgou-se uma nova lei, a Lei Rouanet, que era um aprimoramento da Lei Sarney. Essas iniciativas no plano nacional contribuíram para o surgimento de outras com a mesma finalidade, nas esferas estadual, municipal e particular, e que podem contribuir para a dotação de recursos aos congadeiros e outros agentes das manifestações populares.<sup>171</sup> No ano de 2006, os congadeiros, através do Fundo Estadual de Cultura, ação viabilizada pela Secretaria de Estado da Cultura de

---

<sup>169</sup> Entrevista realizada pela autora com Heraldo Tadeu Laranjo Mendonça, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>170</sup> Idem.

<sup>171</sup> CALABRE, Lia. *Políticas Culturais no Brasil: um balanço e perspectiva*. III ENECULT, maio de 2007, Faculdade de Comunicação/UFBA.

Minas Gerais, conseguiram financiamento para confeccionarem os tambores e gungas, instrumentos utilizados durante a semana da festividade.

Os representantes eclesiásticos, prefeitos e congadeiros mantêm relações tensas, com avanços e recuos, que podem ser influenciados pela conjuntura política. Nota-se que os prefeitos têm um posicionamento de maior valorização à festividade do que os representantes eclesiásticos. Porém, a Prefeitura cerceia o espaço público, mantém a ordem da cidade e concede ou não auxílio financeiro necessário para a realização da festa.

Mesmo que prefeitos mantenham relações mais harmoniosas o posicionamento do ex-secretário de cultura, Heraldo Tadeu diferencia-se no contexto das entrevistas realizadas. Percebe-se sua inserção no contexto político brasileiro tanto na busca de novas possibilidades para conseguirem apoio financeiro quanto na valorização e respeito à história do Congado e de seus participantes, os *negros do Rosário*.

#### ***A Gazeta de Minas e os congadeiros.***

Proponho discutir aqui como o jornal local, *Gazeta de Minas*, noticia a partir de 1988 as reportagens relacionadas ao Congado, já que de 1950 a 1987, como foi dito e analisado anteriormente, o jornal pertencia à Igreja sendo um veículo desta instituição para exprimir suas opiniões sobre esta manifestação cultural/devocional.

Nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000 as matérias na *Gazeta de Minas* sobre o Congado abordaram os conflitos dos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário com os prefeitos, noticiaram às visitas das guardas nas cidades vizinhas, informaram a programação completa da festa, inclusive as atividades desenvolvidas pelos *negros do Rosário* e a repercussão dessa manifestação cultural entre pesquisadores no país, e em eventos no exterior.

A primeira iniciativa dos congadeiros em registrar as suas músicas e conseqüentemente parte de sua história é a produção do CD “Os negros do Rosário”, gravado durante o festejo do ano de 1987. O CD possui quatorze faixas musicais dos diferentes ternos da cidade de Oliveira: Moçambiques, Catopés e Vilões. Além dos pontos/músicas dos congadeiros faz parte do CD um breve histórico sobre as Festas do Rosário redigido pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão. Mas somente em 1992 o CD é lançado. Primeiramente aconteceu em Belo Horizonte, em um evento em

comemoração à Semana da Consciência Negra<sup>172</sup>. No mês de janeiro de 1993 ocorreu em Oliveira, com uma missa conga celebrada pelo Frei Chico. Porém, é importante destacar a participação pouco significativa dos congadeiros e da população oliveirense<sup>173</sup>.

Nesse mesmo período, o Congado passa a atrair pesquisadores de diversos Estados oriundos das universidades brasileiras e também do exterior, como por exemplo, UNICAMP, USP, UFRJ,<sup>174</sup> UFRN<sup>175</sup> e a historiadora Elizabeth Kiddy<sup>176</sup>. Acredito que a visita de pesquisadores de variados locais do país despertou nos próprios congadeiros a vontade de criar um acervo sobre a sua história. Heloísa Helena, Secretária da Associação dos Congadeiros, no ano de 2002 solicita que a população da cidade doe o material que tiver, como fotografias e vídeos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Mas, esse acervo ainda não está concluído e nem organizado devido à ausência de um local apropriado para sua conservação e também à falta de profissionais especializados que colaborem nessa pesquisa<sup>177</sup>.

No início do século XXI o Congado participa de eventos fora do Estado de Minas Gerais, como o Fórum Social Mundial em Porto Alegre e apresentação em Brasília. As guardas de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês e o Congo de Nossa Senhora do Rosário participaram do Festejo do Tambor Mineiro realizado em Belo Horizonte, organizado por Maurício Tizumba. Esse evento é um festival artístico que apresenta a cultura afro-brasileira e além do Congado de Oliveira contou com performances de outras manifestações culturais como o jongo.<sup>178</sup>

O ponto alto para os congadeiros foi a participação no evento “Ano do Brasil na França”, em 2005, quando se apresentaram às margens do Rio Sena, em Paris. Nesse evento foi convidada a guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, sob o comando dos capitães Antônio Eustáquio e Pedrina, e contou com a presença de Maurício Tizumba, cantor e capitão de guarda na cidade de Belo Horizonte, e da cantora Titane, natural de Oliveira que atua no movimento congadeiro. Em matéria publicada

---

<sup>172</sup> Gazeta de Minas, Ano CXI, nº 2091, 22 de novembro de 1992, p 1.

<sup>173</sup> Gazeta de Minas, Ano CVI, nº 2096, 3 de janeiro de 1993, p1.

<sup>174</sup> Gazeta de Minas, Ano CXVI, nº 2600, 22 de setembro de 2002, p1.

<sup>175</sup> Gazeta de Minas, Ano CX, nº 2287, 15 de setembro de 1996, p1.

<sup>176</sup> Elizabeth Kiddy historiadora norte-americana fez sua tese de doutorado sobre as Irmandades dos Rosário e o Congado da cidade de Oliveira e a comunidade do Jatobá, situada na região metropolitana de Belo Horizonte. Ver: KIDDY, Elizabeth. *Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais*. The Pennsylvania State University, 2007.

<sup>177</sup> Gazeta de Minas, Ano CXV, nº 2595, 18 de agosto de 2002, p8.

<sup>178</sup> Gazeta de Minas, Ano CXX, nº 2856, 26 de agosto de 2007, p 4.

pela *Gazeta de Minas*, Titane fala da importância desse evento e a preocupação sempre religiosa do Congado:

Acredito que o convite surgiu agora para alcançarmos um vôo mais alto, porque ficou evidente uma particularidade do nosso show. Nele existe o esforço de não permitir que o terno de congado, ao entrar em cena, seja confundido com um grupo de artistas. Nossa intenção a todo momento, é a de resguardar o caráter religioso da guarda, garantindo assim o poder de sua atuação ritual.<sup>179</sup>

O discurso da Titane é expressivo, pois se voltarmos algumas páginas atrás perceber-se-á que antes o caráter religioso era sempre combatido pela cidade letrada e que os próprios congadeiros valeram-se de táticas para camuflarem sua devoção. Agora é o responsável pela presença do Congado de Oliveira nos eventos, garantindo destaque e visibilidade em outros meios sociais.

O capitão Antônio Eustáquio relata como foi a participação para os congadeiros, nas apresentações em Paris:

Nós nos apresentamos dentro de um espaço cultural fechado e nas margens do rio Sena. Tivemos bastante a presença de público. Foi ótima, principalmente, dentro do espaço fechado aonde nós fomos apresentar estava super lotado. Então nós sentimos, como se fosse, para nós é artista de Nossa Senhora, agente vai para lá com uma obrigação de representar o nosso município de Oliveira, acabamos representado o país, juntamente com cada... Lá foi um fórum mundial de cultura, então de cada cidade, de cada Estado foram escolhidos, foram selecionados uma parte cultural para ser representada.<sup>180</sup>

Sr. Antônio Eustáquio em sua fala apresenta duas questões importantes. A primeira delas vai ao encontro da afirmação de Titane, o caráter religioso do Congado tanto na festa realizada em setembro quanto nas apresentações que fazem no Brasil ou no exterior, eles são os “artistas de Nossa Senhora”. A segunda é que a ida à Paris foi uma forma de os *negros do Rosário* representarem o Estado de Minas Gerais e o Brasil. No terceiro capítulo, vamos discutir como os congadeiros que não freqüentam em seu cotidiano o centro da cidade de Oliveira, local nobre, conseguem a partir da visão mais aberta do mundo, interessada na diversidade cultural, participar como artistas de Nossa Senhora da cena cultural fora do país.

---

<sup>179</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXIII, nº 2739, 29 de maio de 2005, pp10.

<sup>180</sup> Entrevista realizada com o capitão de terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

É interessante observarmos como a Associação dos Congadeiros de Oliveira escolhe os ternos que irão representar o Congado em cidades vizinhas e até mesmo no exterior. Paris foi um caso a parte, pois a guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês foi a convidada. Através dos registros das atas da Associação dos Congadeiros de Oliveira percebe-se que ela pede que os ternos sempre estejam com suas vestimentas prontas para que possam ir aos eventos, o que não é cumprido por todos. Caso todos aderissem a recomendação da Associação haveria um revezamento entre as guardas, mas a Associação acaba sempre escolhendo, normalmente, o terno de Moçambique das Mercês, que está com sua farda sempre arrumada. Os registros das atas também indicam uma insatisfação das demais guardas com a preponderância desse terno na visita em cidades vizinhas, que tem um alcance menor se comparado com o evento em Paris.<sup>181</sup> Coloco, assim em questão que ocorre uma disputa entre os ternos para participarem desses eventos, o que garante uma visibilidade aos ternos escolhidos.

E os congadeiros começam, então a desenvolver outras atividades: lançam livros sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Pedrina de Lourdes Santos, capitã de terno, e Heloisa Helena, Secretária da Associação dos Congadeiros, através da Secretaria de Esportes, Cultura e Turismo de Oliveira lançam um livro, em 1997, sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira<sup>182</sup> e outro em 1998<sup>183</sup> que conta a história de Chico Rei.

O tema não interessa apenas aos congadeiros, Hugo Pontes lança em 2003 o livro “Congado em Oliveira: Tributo a Leonídio João dos Santos”<sup>184</sup>, antigo congadeiro que foi capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, hoje comandado por seus filhos Pedrina e Antônio Eustáquio. O jornalista Luciano Soares lança o documentário “Rufar de Caixas- O Documentário da Fé Congadeira”, em 2004, que foi um dos finalistas do Festival de Gramado/RS neste mesmo ano<sup>185</sup>.

Outra atividade desenvolvida pelos participantes da festa foi a realização, no ano de 2004, do I Seminário da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que contou com

---

<sup>181</sup> Atas da Associação dos Congadeiros de Oliveira, dos dias 10 de junho de 1984, 1 de maio de 1988, 22 de maio de 1988, 7 de junho de 1992, 21 de maio de 1995, 16 de julho de 2005.

<sup>182</sup> MAURÍCIO, Heloísa Helena e SANTOS, Pedrina de Lourdes. Festa de Nossa Senhora do Rosário. *O Rosário: Força, Fé e Resistência dos negros congadeiros*. Oliveira, Minas Gerais, Prefeitura Municipal de Oliveira, 1998 e MAURÍCIO, Heloísa Helena e SANTOS, Pedrina de Lourdes. Festa de Nossa Senhora do Rosário. *O Rosário: Força, Fé e Resistência dos negros congadeiros*. Oliveira, Minas Gerais, Prefeitura Municipal de Oliveira, 1997.

<sup>183</sup> Gazeta de Minas, Ano CXII, nº 2390, 13 de setembro 1998, p 1.

<sup>184</sup> Gazeta de Minas, Ano CXVI, nº 2646, 10 de agosto de 2003, p 1.

<sup>185</sup> Gazeta de Minas, Ano CXXI, nº 2859, 16 de setembro de 2007, p 14.

palestras de Geraldo Bispo dos Santos Neto, Capitão-Mor, Pedrina de Lourdes Santos, capitã de terno, Márcio Almeida, jornalista, Titane, cantora e integrante do Congado, José Patrício, rei congo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. O evento ocorreu no Oliveira Clube com a participação dos congadeiros, de estudantes, de professores de escolas e de faculdade e de autoridades das cidades<sup>186</sup>. Para a capitã Pedrina esse era um momento de discutir questões importantes sobre a festividade:

Ah, era uma tentativa de fazer o que eu venho tentando fazer até hoje. Arrumar um espaço pra discutir justamente essas questões sabe de... Mas dentro da festa é muito difícil de confraternizar, de um ver o outro, mas também de parar. Eu acho que dentro da festa do Rosário em todo lugar tá precisando parar e discutir isso. Quem tá fazendo o que e por que se todo mundo... Formar nossos jovens, repassar conhecimento porque é obrigação dos capitães porque uma hora ta aí e na mesma hora pode não tá. E está tendo assim influência, alguns lugares a pessoa não entendendo bem qualquer uma pessoa chega e fala, ah eu vou... Tem lugar que o capitão faz a roupa de acordo com que os dançantes acham que tá bonito. Aí ele perde na cor, ele perde... Tudo porque os dançantes acharam que assim é que é bonito. É a maneira dele gerir lá. Então assim, até que ponto isso tá correto?<sup>187</sup>

Porém, neste evento assim como no lançamento do CD não houve a repercussão esperada nem entre os congadeiros nem na comunidade oliveirense.

Além desses eventos a *Gazeta de Minas*, também volta sua atenção para o Congado. Em 10 de setembro de 1989 no editorial intitulado “O Baile” faz uma comparação entre as festas realizadas em setembro em Oliveira: o Congado e a Semana da Pátria. Afirma que:

Essa festa negra, que acabou por se transformar na mais viva manifestação de brasilidade e civismo curiosamente não sofreu nenhum tipo de desgaste através dos anos e nem mesmo permitiu que as infiltrações externas colaborassem para a sua descaracterização (...). Não restam dúvidas de que a verdadeira ‘Semana da Pátria’ começa mesmo é neste domingo com seus catupés e moçambiques, vilões e toda a corte folclórica.<sup>188</sup>

A reportagem considera o Congado agora uma expressão cultural que representa mais o civismo e a brasilidade do que a Semana da Pátria, contrariando as reportagens noticiadas em anos anteriores. Apesar de o jornal publicar essa matéria, no ano anterior,

---

<sup>186</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVVIII, nº 2702, 12 de setembro de 2004, p 4.

<sup>187</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã de terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>188</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CII, nº 1937, 10 de setembro de 1989, p 1.

1988<sup>189</sup>, Dona Conceição Bispo, ao dar uma declaração para a *Gazeta de Minas*, afirma que os congadeiros sempre desejaram participar com seus ternos dessa data festiva, mas encontram pessoas contrárias, ocasionando a sua não participação na Semana da Pátria. Nas entrevistas realizadas por mim, entre os anos de 2007 e 2009, não apareceu essa questão para os atuais congadeiros, assim ao que tudo indica participar ao não da Semana da Pátria não é mais significativo para eles.

O editorial do jornal local de 16 de setembro de 2001 intitulado “O Grito” afirma que: “Os brancos da classe média e alta de Oliveira não tratam a festa do Congado com a devida atenção. Ao contrário convivem com ela de forma segregacionista mantendo as distâncias devidas, numa nítida, mas socialmente negada forma de racismo.”<sup>190</sup> Essa parte do editorial é significativa, pois demonstra que mesmo passado mais de cem anos da abolição e de outras conquistas dos afro-descendentes, a discriminação racial no Brasil ainda persiste, como se percebeu no conflito envolvendo o capitão – mor, Geraldo Bispo dos Santos Neto, e o prefeito, Ronaldo Resende. A reportagem denuncia o mito de “democracia racial” existente no país, os *negros do Rosário* convivem diariamente com o racismo seja na cidade de Oliveira, seja em outros lugares. Os congadeiros em suas músicas/pontos cantam durante a semana da festa a necessidade da liberdade plena dos negros, denunciam a situação vigente e o seu cantar é uma das táticas encontradas por eles para reagir contra o racismo e a discriminação.<sup>191</sup>

No editorial do jornal do ano seguinte intitulado “Os patriotas”<sup>192</sup> é interessante destacar que aborda que a festa (re) atualiza situações passadas às presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário. Dependendo da conjuntura política os congadeiros através de seus pontos e do próprio ritual (re) contam, (re) criam sob o prisma das situações presentes a discriminação sofrida, a desvalorização tanto da festa quanto dos próprios participantes; assim no presente lêem seu passado.

A abordagem da *Gazeta de Minas*, nesse período, ao veicular em suas páginas as mais variadas atividades congadeiras, é fruto da própria mudança de perspectiva dos *negros do Rosário* sobre a história de sua festividade. Através desses eventos, os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário divulgam sua prática cultural, afirmam sua identidade e manifestam sua devoção.

---

<sup>189</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 2164, 15 de maio de 1988, p 1. A reportagem citada está expressa ainda nesse capítulo, na página 75.

<sup>190</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXV, nº 2574, 16 de setembro de 2001,92.

<sup>191</sup> Sobre essa questão voltarei a discutir no quarto capítulo e na conclusão.

<sup>192</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXV, nº2598, 8 de setembro de 2002, p 2.

### **O dia 13 de maio na *Gazeta de Minas*.**

Ao longo da pesquisa realizada no jornal *Gazeta de Minas* e com os congadeiros, pensando a história dos *negros do rosário* e a identidade que constroem com base em seu passado de escravo e em suas tradições culturais, veio à tona outra data que não a Festa de Nossa Senhora do Rosário: o dia 13 de maio, a abolição da escravatura. Proponho aqui refletir sobre a importância que a data assume no jornal local, entre os anos de 1900 aos dias atuais. Ressalto que os *negros do Rosário* têm em sua agenda festiva uma celebração específica para o 13 de maio. Porém neste capítulo detenho-me à análise da relação da cidade letrada com os congadeiros, e por esse motivo não mencionarei os detalhes do ritual, o que será desenvolvido no terceiro capítulo.

No mês de maio de 1988, a *Gazeta de Minas* tem um número dedicado, praticamente todo, às comemorações do centenário da abolição da escravatura e à condição do negro cem anos depois. Segundo o jornal:

Dona Conceição reconheceu também que, apesar de ser ela e sua família bem aceitas pela comunidade oliveirense e das outras cidades vizinhas, a discriminação racial no Brasil é sentida em alguns setores. Com relação á festa do Congado, Conceição Bispo lamentou que ainda seja discriminada por ser uma manifestação negra. **‘Percebemos, por exemplo, que não podemos participar do Dia da Cidade. A gente luta pra colocar os ternos na rua, no dia 19 de setembro, mas sempre tem gente que opina contrariamente.** Esclareceu ainda a organizadora, que os congadeiros são às vezes humilhados quando pedem contribuições para festa e que recentemente correram o risco de verem a verba municipal cortadas pela Câmara de Vereadores<sup>193</sup>. (grifos meus)

Ainda no mesmo número um artigo intitulado “o Desalmado” afirma que o Congado é fruto da resistência dos negros:

O exemplo mais claro, entretanto, da inteligência negra em nossa cidade, está exatamente na grande festa promovida a cada ano no início de setembro e que chamamos de Festa do Rosário. É aí que o conflito tão escamoteado pela história, inevitavelmente vem á tona, quando os protagonistas do espetáculo em esmagadora maioria composta por negros descem os morros em direção da Cidade, onde uma legião incontestável de brancos a tudo assiste, mas de quase nada participa, a não ser por uma silenciosa representação em forma de um Rei e uma Rainha, sem poderes de coesão e mando. A pujança da Festa do Rosário em Oliveira é a manifestação histórica da resistência e vitalidade da raça negra. (...) Apesar de tão usurpadas através dos tempos, esta é a manifestação mais clara da cultura e da política negra<sup>194</sup>.

<sup>193</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 2164, 15 de maio de 1988, p 1. O jornal local não especifica em que constituíam essas apresentações.

<sup>194</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 2164, 15 de maio de 1988, p 2.

Quase dez anos depois, em 1994, uma matéria é publicada na *Gazeta de Minas* que aborda a comemoração que os congadeiros realizaram nos 106 anos de abolição, na Praça XV de Novembro. Os ternos se apresentaram e cada um dos participantes desenvolveu um tema com o intuito de relembrar a escravidão, a libertação e as origens africanas. Entre eles estariam: O Lamento Negro, o Dialeto Africano, e a declamação do poema de Castro Alves, Navio Negreiro<sup>195</sup>.

No ano de 1995 além do Congado, um grupo de capoeira também participou das comemorações que incluíram palestras da capitã Pedrina, do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, e de um jornalista da cidade. O editorial deste mesmo número afirma que a liberdade que o negro obteve é relativa, pois continua marginalizado na sociedade brasileira<sup>196</sup>.

No ano de 1999 o jornal local afirma que as comemorações da abolição tiveram a mesma estrutura do festejo de setembro, a saber: levantamento dos mastros, boi do Rosário, Missa Conga realizada na antiga Igreja do Rosário. A única diferença foi a leitura da Lei Áurea pela menina que representa a princesa Isabel no cortejo congadeiro<sup>197</sup>. Somente em 2003 o jornal volta a noticiar a comemoração do dia 13 de maio.<sup>198</sup>

Nesse período (1988 aos dias atuais) há uma lacuna nas publicações de matérias da *Gazeta de Minas* sobre a comemoração da Lei Áurea relacionando o evento aos congadeiros. Entendo esta falta de notícias no jornal como fruto da própria história da irmandade dos *negros do Rosário*, que só começou a realizar essa celebração no ano de 1988.

Realizei um levantamento sistemático das matérias publicadas no jornal sobre o 13 de maio e é interessante notar que na década de 1950 localizei somente uma matéria relacionada à comemoração do dia 13 de maio, que afirma que a população se esquece da Lei Áurea:

Outra mãe que deveria ter sido homenageada dia 13 de maio, a muito está esquecida trata-se da mãe preta que teve no transcurso da história brasileira teve papel preponderante. Já não se fala e raramente nos lembramos da

---

<sup>195</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 2164, 8 de maio de 1994, p 1.

<sup>196</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVII, nº 2217, 14 de maio de 1995, p 1 e p 2.

<sup>197</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXII, nº 2425, 16 de maio de 1999, p 1. Sobre a estrutura da festa voltarei a discutir no terceiro capítulo.

<sup>198</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXVI, nº 2634, 18 de maio de 2003, p1.

escravatura africana e de sua abolição a 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel.<sup>199</sup>

No final da década de 1950 e na de 1960 apesar de encontrar reportagens sobre a data, estas não se referem à Lei Áurea e sim à Festa de Nossa Senhora de Fátima que ocorre no mesmo dia, como podemos observar: “Foi deveras bem comemorado o dia 13 de maio, festa de N.S de Fátima. O novenário preparou o espírito do povo para a festa.”<sup>200</sup>

Na década de 1930 localizei apenas uma matéria que aborda a comemoração da abolição, em que há uma referência a comemoração da data nas escolas.<sup>201</sup> Já nos anos de 1940 ocorreu um profundo silenciamento da Gazeta, nenhuma reportagem referente ao tema foi publicada em suas páginas.

A pesquisa nos revela que a *Gazeta de Minas* entre as décadas de 1930 e 1970 praticamente não registrou nenhuma notícia sobre a comemoração da abolição da escravidão, que seja associando a celebração aos congadeiros que seja à população da cidade de Oliveira.

Acredito que os *negros do Rosário* não festejarem o 13 de maio pode ser explicado pelo fato de durante muito tempo ser mais importante fortalecer a festividade do mês de setembro que ainda encontrava dificuldades para sua realização, como se observou anteriormente: a luta para irem para a Praça XV de Novembro e para que a celebração da missa acontecesse no interior da Igreja, por exemplo.

Recuando ainda mais no tempo, em 19 de maio de 1901, a *Gazeta de Minas* noticia em suas páginas uma matéria sobre a abolição da escravatura, como se observa abaixo:

Passou no dia 13 do corrente a data memorável da humanitária lei da abolição da escravatura. Quebraram-se de uma vez os grilhões que prendiam ao mais feroz dos julgo, à mais cruel das tiranias milhares de indivíduos que tinham tanto direito à liberdade como todos os seres que povoam a terra e os ares e a intensidade infinda das águas. Pena é que tão solene data passe para todos com a mesma indiferença dos outros dias. Nós, porém, não podemos deixar de saudar o 13 de maio como uma das páginas mais brilhantes da história do Brasil. Salve o 13 de maio!<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> Gazeta de Minas, Ano LXXVI, nº645, 19 de maio de 1950, p 5.

<sup>200</sup> Gazeta de Minas, Ano LXXII, nº 452, 17 de maio de 1959, p 1 e Ano LXXIII, nº 502, 22 de maio de 1960, p 1.

<sup>201</sup> Gazeta de Minas, Ano LI, nº 20, 22 de maio de 1938, p1.

<sup>202</sup> Gazeta de Minas, Ano XV, nº 708, 19 de maio de 1901, p1.

A matéria afirma que a lei da abolição da escravatura é humanitária, que livrou os escravos da tirania dos seus senhores, e mais, que os antigos escravos tinham o mesmo direito à liberdade que qualquer outro cidadão, só que esta data é, freqüentemente, esquecida pela sociedade. Fala-se da lei, mas não de quem a decretou, a Princesa Isabel. Tal observação vai ao encontro da análise de Robert Daibert Junior que afirma que, nos primeiros anos após a abolição, os republicanos tentaram fazer com que o povo se esquecesse da princesa, instaurando uma “política de esquecimento” sobre a sua figura.<sup>203</sup> Essa “política do esquecimento” proposta pelo governo Republicano é uma forma do novo regime, através, por exemplo, de artigos de jornal, desvincular a Princesa Isabel do processo de abolição, de legitimar a República, ao apagar da memória coletiva a associação entre a monarquia, a abolição e a princesa.

Entretanto, a República não conseguiu “forjar uma nova tradição”<sup>204</sup> e apagar da memória coletiva a figura da Princesa Isabel. Nas notícias da *Gazeta de Minas* a Princesa Isabel é considerada a Redentora, e o seu papel no processo abolicionista é marcante como percebe-se na matéria de 16 de maio de 1920: “As festas projetadas para o dia 13 de maio resumiram-se à celebração de uma missa em ação de graças pelo prolongamento da vida da augusta Princesa Isabel, Redentora.”<sup>205</sup>

No dia 8 de maio de 1921, a *Gazeta* publica mais uma vez uma matéria sobre a abolição:

A raça que, durante longos anos, suportou o cativo no nosso país, ainda hoje, quiçá, sofrendo os horrores da escravidão, **si uma mulher reconhecidamente magnânima, extraordinariamente heróica e, sobretudo de um patriotismo invulgar não houvesse lutado com uma torrente de ambições, com uma caudal de ódio para emancipar de um jugo violento e feroz os infelizes africanos.** Eta de ver a paciência com que essas vitimas da ignorância alheia sofriam a fome e a nudez, o trabalho desumano e o castigo alvejante, quando, no interior das senzalas infectas, estalava o chicote, gargalhando sarcasticamente da civilização que, fora delas, à luz meridiana, tinha prevenções não realizadas, porque uma instituição bárbara por excelência nos fazia retrogradar aos tempos do maior obscurantismo, da mais negra das tiranias.<sup>206</sup> (grifos meus)

E ainda no dia 14 de maio de 1922:

O Brasil comemorou ontem a ‘Lei áurea’ assinada, **pela princesa Isabel, a Redentora**, regente do Império na ausência do augusto pai, em tratamento na

---

<sup>203</sup> DAIBERT JÚNIOR, Robert. *Isabel, a Redentora dos Escravos: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

<sup>204</sup> Idem, pp 191.

<sup>205</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXIV, nº1688, 16 de maio de 1920, p1.

<sup>206</sup> *Gazeta de Minas*, Ano XXXV, nº 1739, 8 de maio de 1921, p1.

Europa. Essa lei profundamente humanitária acabou com a escravidão, nódoa que muito comprometia a nossa civilização.<sup>207</sup> (grifos meus)

E por fim:

Em todos os tempos em todas as graves circunstâncias a Igreja de Cristo sempre teve os seus mais denodados defensores. Desta feita foi **Isabel cognominada redentora**, e fez com que o Brasil caminhasse em par com as nações civilizadas em abolindo por um decreto a escravidão.<sup>208</sup> (grifos meus)

As três matérias abordam o papel da Princesa Isabel no processo abolicionista e como essa iniciativa fez com que o Brasil caminhasse rumo à civilização. Vale destacar que a escravidão, a partir das reportagens da década de 1920, é vista como retrógrada e um empecilho a civilização assim como o Congado era noticiado nesse mesmo período. Pela perspectiva do jornal local os escravos deveriam ser livres, mas não poderiam manifestar sua cultura e religiosidade, pois caso o fizessem impediriam o progresso e (re) instaurariam a barbárie em solo brasileiro.

As matérias mencionadas demonstram que a “política de esquecimento” proposta pelos republicanos e adotada por alguns jornais, fundamentalmente na década de 1920 não surtiu efeito. Falar da abolição era associá-la a figura da princesa Isabel, conhecida como a Redentora dos escravos. Não é mais a lei que é humanitária e sim a própria princesa, vista como bondosa, caridosa, a quem os negros devem sua eterna gratidão. Seu gesto levará o Brasil rumo às outras nações já civilizadas, visto que a escravidão impedia, segundo o jornal, a civilização brasileira<sup>209</sup>.

O jornal ao noticiar a comemoração do dia 13 de maio entre os anos de 1900 a 1980 não vincula a data da abolição da escravidão a nenhuma celebração dos integrantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Pelas reportagens pesquisadas não se pode afirmar se os congadeiros realizavam ou não alguma festividade lembrando esse momento de sua história. É interessante notar que a *Gazeta de Minas* nesse período pouco publica matérias relacionadas a esse fato histórico, ocorrendo um salto

---

<sup>207</sup> Gazeta de Minas, Ano XXXV, n 1786, 14 de maio de 1922, p1.

<sup>208</sup> Gazeta de Minas, nº 1824. 13 de maio de 1923, p1.

<sup>209</sup> DAIBERT JÚNIOR, Robert. *Isabel, a Redentora dos Escravos: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

quantitativo na década de 1920, provavelmente ocasionado pela morte da Princesa Isabel em 1921.<sup>210</sup>

Entre os anos de 1900 a 1950 as matérias, na maior parte delas, indicam um destaque para bondade da princesa Isabel, já no entre 1950 a 1980 pouco é noticiado sobre a abolição.

Em 13 de maio de em 1988 ao comemorar o centenário da abolição da escravatura, o jornal apresenta uma nova visão, agora a data é um caminho para abordar as discriminações raciais sofridas pelos afro-descendentes e praticantes de manifestações culturais como o Congado, enfatizando sua força e resistência para enfrentar esses problemas.

A análise da relação dos congadeiros com os representantes da cidade letrada aponta para uma constante (re) escritura desse texto. Em um primeiro momento, a festividade era vista como retrógrada e bárbara, depois passa a ser considerada parte integrante das tradições mineiras e do folclore brasileiro. E por fim, a partir da valorização do Congado e conhecimento da história da festa se concretiza o reconhecimento, por parte do jornal, da inserção do afro-descendente na sociedade oliveirense e a luta contra a discriminação racial.

....

Nessa primeira parte espero ter deixado evidente que independente do que os representantes da cidade letrada pensavam sobre o Congado, os *negros do Rosário* lutaram para dar prosseguimento a sua devoção. Através da festa e das suas memórias, os congadeiros compartilham um passado comum, possuem visões de futuro conjuntas e expressam-se politicamente sobre as questões que o cercam.

A partir dessas considerações é possível relacionar os conceitos de cultura política e cultura histórica na presente pesquisa. Gomes afirma que o conceito de cultura política está intimamente relacionado com o de cultura histórica. O último caracteriza a relação que uma sociedade mantém com seu passado, o que considera seu passado e que valor lhe atribui.<sup>211</sup>

---

<sup>210</sup> O jornal local publica a morte da Princesa Isabel. Gazeta de Minas, Ano XXXV, nº1767, 20 de novembro de 1921, p 2.

<sup>211</sup> GOMES, Ângela de Castro Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. IN: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Berstein afirma que cultura política é um: “Fator de comunhão dos seus membros, ela faz tomar parte coletivamente numa visão comum do mundo, numa leitura partilhada do passado, de uma perspectiva idêntica de futuro, em normas, crenças, valores, que constituem um □patrimônio indiviso, fornecendo-lhes, para exprimir tudo isto, um vocabulário, símbolos, gestos, até canções que constituem um verdadeiro ritual.”<sup>212</sup>

Assim devemos nos perguntar que valores e leituras partilhadas do passado os congadeiros têm? O que consideram o seu passado e que valor eles atribuem a ele?

As entrevistas realizadas com os congadeiros indicam como eles relacionam-se com seu passado e o valor que ele ainda hoje tem na comunidade congadeira. Esse passado é marcado pelas dificuldades enfrentadas ao longo de sua história: o cerceamento do espaço público para manifestarem a sua devoção; a proibição a entrada nas Igrejas da cidade para celebrarem sua missa; as críticas do jornal local. Essas questões assim como a declamação do Lamento Negro, esse último que relembra o passado escravista, indicam a construção de sua cultura histórica. Estes fatos estão marcados na memória dos atuais congadeiros, relacionam no presente a história das dificuldades enfrentadas de outrora e às batalhas a serem ainda vencidas.

O que faz com que os *negros do Rosário* permaneçam realizando a festividade, em meio às dificuldades do passado e do presente, é a devoção à Senhora do Rosário e aos santos padroeiros. A fé e as histórias que fazem parte do Congado são um caminho encontrado pelos congadeiros de expressarem-se politicamente e partilharem experiências comuns. Ao compartilharem a devoção, partilharem histórias comuns, não só ligadas ao tempo presente, mas também à época do cativo, constroem uma cultura política.

As relações que os congadeiros mantêm com seu passado, o que consideram como passado e o valor que lhe atribuem, foram expressas na primeira parte da pesquisa, fundamentalmente, na forma como percebem os posicionamentos que a cidade letrada assume ao se referir a eles. Os valores, visões compartilhadas de histórias e memórias, não se restringem a essa parte da pesquisa. A cultura histórica e cultura política perpassarão também outros capítulos. Os integrantes da festa, através de suas memórias sobre o Congado, indicam quais valores e passados são ainda hoje significativos para os *negros do Rosário*.

---

<sup>212</sup> BERSTEIN, Serge. A cultura Política. IN: Rioux, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean – François. *Para uma História Cultural*. Editora Estampa, 1988, pp 363.

Segunda Parte: Entre memórias, identidades e tradições.

*“Fruto de Oliveira, oliva,  
Fruto de Oliveira, oi viva.  
Olha os negros Leonídios,  
Olha os negros Leonídios,  
Eles batem tambor de alegria,  
Eles batem tambor pra louvar Maria.”<sup>213</sup>*

Maurício Tizumba



**Congadeiros do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês se preparando para saírem para as ruas da cidade.<sup>214</sup>**

---

<sup>213</sup> Música do compositor e capitão de guarda de Belo Horizonte, Maurício Tizumba. Essa música é uma homenagem para os congadeiros do terreiro denominado, Leonídio, de fundamental importância para a presente pesquisa.

<sup>214</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2009.

### Capítulo 3: Na dança do Rosário.

“Vamos fazer maravilha senhor, no Rosário de  
Maria;

Vamos fazer maravilha senhor, no Rosário de Maria”.<sup>215</sup>

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é um ritual que envolve muitos integrantes divididos entre os ternos, o Estado-Maior, reis, rainhas, príncipes e princesas, além do público que a assiste. O ritual congadeiro tem muitos mistérios e desperta a curiosidade dos espectadores que desejam compreender sua complexa teia de significados. Mas, os *negros do Rosário* estão continuamente aprendendo sobre sua prática não tendo, assim, um conhecimento acabado sobre o Congado, e também não revelam seus saberes para pessoas que não fazem parte da irmandade, assim muitos dos significados do ritual não foram por mim desvendados.<sup>216</sup>

Para além dos mistérios do ritual congadeiro devemos nos perguntar: quem são os *negros do Rosário*? A maioria dos participantes é afro-descendente, neta de escravos libertos, reside na periferia da cidade, especialmente no bairro do Alto do São Sebastião. São pessoas economicamente desfavorecidas que trabalham nas plantações de café e outros produtos da região. Os congadeiros pouco freqüentam o centro de Oliveira, porém ao mesmo tempo em que não ocupam esse espaço fora do período da festividade, vão a outras localidades: participam de eventos em Belo Horizonte e Paris, por exemplo.

A festa do Congado muda temporariamente essa situação. É um período especial onde em uma semana, duração da comemoração, seus integrantes ocupam a Praça XV de Novembro e tornam-se o centro das atenções. Saem da periferia e adentram o local da cidade considerado nobre. E os próprios congadeiros reconhecem essa alteração de papel social que acontece durante a festa, como ratifica a capitã Pedrina:

Agora o que eu vejo que muitos acham que as pessoas fazem a festa porque tem esse lado de se mostrar, de se identificar, de se fazer reconhecer porque é um aspecto social que tem. Por exemplo, qualquer ser humano precisa de um

---

<sup>215</sup> Cântico entoado pelo terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário.

<sup>216</sup> Os significados da tradição congadeira são apropriados diferentemente por cada congadeiro. Através dos conflitos internos entre os *negros do Rosário* analisarei no quarto capítulo como que os participantes da festa reconstróem sua tradição, história, memória e afirmam sua identidade, cada um com significados próprios.

dia na vida pra ser o centro das atenções e a festa serve disso também, nós somos o centro das atenções<sup>217</sup>.

Da Matta ao analisar o Carnaval brasileiro afirma que a festividade é um momento liminar, ocorrendo uma inversão temporária das hierarquias da sociedade marcada pela transposição de barreiras sociais, porém passada essa ocasião elas mantêm-se<sup>218</sup>. Para o autor, cria-se, então, um período especial, onde os valores cotidianos são invertidos.

Rachel Soihet critica este posicionamento e afirma que Da Matta não “ênfatiza a força dessa festividade junto aos populares que, segundo ele, nunca se organizam para reclamar ou reivindicar, embora o façam para brincar”<sup>219</sup>. A autora acredita na resistência, nas estratégias dos populares e que o carnaval é um caminho para seus participantes expressarem seus anseios e um instrumento de mudança social.

Aproprio-me de Soihet para analisar o Congado, pois concordo com a formulação de estratégias e a resistência dos populares. Caso aderisse a percepção de Da Matta não notaria as lutas e táticas elaboradas pelos participantes da Festa do Congo, não mostraria determinadas reivindicações que perpassam a festividade, como, por exemplo, a luta para celebrarem sua devoção em plena Praça XV de Novembro, local considerado como de grande prestígio.

Como se percebeu nos capítulos anteriores, o Congado acontece em Oliveira desde o período escravocrata, mas devido às proibições dos agentes eclesiásticos e civis deixou de ocorrer durante alguns anos. Mas da década de 1950 aos dias atuais dá-se de forma sistemática<sup>220</sup>. Porém, a ocupação da Praça XV foi somente após os anos de 1962 e 1964<sup>221</sup>, antes a festa era realizada em um local periférico. A memória oral dos atuais congadeiros indica que havia a vontade de fazer a festividade na praça justificada pelo fato que antes do ano de 1930 o Congado realizava-se na antiga capela do Rosário que fora construída pelos escravos, próxima a Praça XV de Novembro.

---

<sup>217</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte. A Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira também aborda essa questão, na entrevista realizada pela autora com Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>218</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

<sup>219</sup> SOIHET, Rachel. *Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas reflexões*. Revista Tempo, nº 7, julho de 1999, pp 11.

<sup>220</sup> Pesquisa realizada no jornal local, Gazeta de Minas, entre os anos de 1900 aos dias atuais.

<sup>221</sup> Entrevista realizada pela autora com Múcio Lo Buono, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

Entendo que a ida para o local de prestígio da cidade deve-se à luta dos antigos congadeiros que desejavam expressar ali seus valores, especialmente à devoção a virgem do Rosário. Não se deve pensar que o poder público concedeu esse direito aos *negros do Rosário*, mas sim que houve uma luta dos próprios agentes sociais para transporem as barreiras cotidianas impostas, como já foi demonstrado no capítulo anterior.



**Terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês na Rua Direita, local nobre da cidade.**<sup>222</sup>

### **As famílias pesquisadas.**

Essa pesquisa baseou-se fundamentalmente nas entrevistas realizadas com duas famílias: Bispo, que faz parte do comando geral da festa, e Santos, que atualmente possui três ternos em seu terreiro. O objetivo nessa parte é reconstruir através dos depoimentos de pessoas pertencentes a essas famílias a árvore genealógica das mesmas. Isto para que possamos ter uma visão geral de quantas gerações já participaram da festividade de Nossa Senhora do Rosário e que importância assume na história desses integrantes.

Na entrevista realizada com Heloísa Helena, Secretária da Associação dos Congadeiros, ela nos conta um pouco mais da participação de sua família no Congado. Seu avô, Geraldo Bispo dos Santos, era rei congo do Reinado de São Benedito antes dos festejos serem paralisados. Quando a festa “voltou” assumiu a direção geral, cargo

---

<sup>222</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

conhecido como capitão-mor. Sr Geraldo era casado com Dona Maria dos Anjos Santos, que não se envolvia muito na festa e depois de um tempo se separaram. Os dois tiveram seis filhos, mas apenas três participavam do Congado: Dona Conceição, Antônio Bispo Sobrinho e Teresinha.<sup>223</sup>

Era Dona Conceição quem mais auxiliava seu pai no Congado. Ela casou com Sr Júlio Mauricio e ele não participava muito da festividade. Os dois também tiveram seis filhos, e todos, quando pequenos, dançaram em algum terno ou então ajudaram nos preparativos da festa. Mas atualmente apenas quatro participam ativamente. Geraldo Bispo dos Santos Neto que ocupa o cargo que era de seu avô, é o capitão-mor, Heloísa Helena é Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), Dona Maria Aparecida é rainha conga do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Haroldo é colaborador do Estado-Maior. Dona Conceição ainda teve dois outros filhos que não mais participam: Isabel por ter se tornado evangélica e Sérgio porque mudou-se de cidade.

A história da família Santos inicia-se com Sr Leonídio dos Santos e Dona Ester Rufino Borges. Segundo os depoimentos de Antônio e Pedrina, seus avós maternos não participavam do Congado e eles chamavam-se Joviano Rufino Borges e Ana Sebastiana ou Ana Albertina, cada um deles me deu um nome diferente.<sup>224</sup>

A avó paterna chamava-se Inês e participava do Congado, sobre seu avô eles não souberam informar já que não tinham muito contato. Sobre a participação de Sr Leonídio, não há um consenso entre os irmãos, se ele já estava antes da festa ser proibida. Para Sr Antônio Eustáquio seu pai não estava na festa antes do ano de 1950, já para Pedrina ele estava envolvido desde os sete anos de idade. Há indícios que essas memórias diferentes estejam relacionadas ao fato de em período anterior a 1950 as pessoas serem presas por participarem da festa, assim Sr Antônio não deseja vincular a prisão de seu pai a sua participação no Congado.

No primeiro capítulo observou-se que Sr Leonídio, segundo o depoimento de Pedrina, fora preso por participar do Congado. Sr Antônio já nos fornece outra versão ligada ao período em que seu pai foi carcereiro:

---

<sup>223</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>224</sup> Entrevistas realizadas pela autora com os capitães do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte e Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

A única coisa que a gente que ficou muito sentido quando soube quando a gente começou a compreender a situação de quem precisa trabalhar, é de que na época ele foi receber uma ordem no final do ano, um indulto de um dos detentos. O indulto seria como se diz, dar uma liberdade condicional pra ele ir passar o fim de ano com a família. E ele muito confiante que era e apavorado que ficou, aceitou, acatou as ordens e não pegou uma carta de comprovação. Isso ele contou pra gente e o que aconteceu? O preso não retornou. E aí o que aconteceu? O restante da pena passou pra ele.<sup>225</sup>

Não suponho que um depoimento seja verdadeiro e outro falso, mas chamo a atenção para as diferentes memórias que os irmãos possuem o que revela suas vivências pessoais. Para Sr Antônio deve ser difícil assumir esse passado enquanto Pedrina “usa e abusa” no presente da memória da prisão de seu pai devido a sua participação no Congado.

Sr Leonídio e Dona Ester viveram juntos e tiveram oito filhos: Helena, Berenice, Efigênia, Inês, Regina, Amásia, Pedrina, Antônio. Sr Leonídio era capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês e Dona Ester rainha conga do Reinado de Santa Efigênia. Seus filhos quando pequenos participaram da festa e as meninas eram princesas ou ajudavam nos preparativos, já que nessa época mulheres não podiam dançar. Helena, Regina e Berenice, esta última já falecida, tornaram-se evangélicas e não mais participam do Congado, Amásia era rainha conga do Reinado de São Benedito e também já faleceu, Pedrina e Antônio são os que dão continuidade ao terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês deixado por seu pai.

Segundo Pedrina e Antônio a história de sua família não começa com o terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês. Quando a festa “voltou” Sr Leonídio ocupou o cargo de capitão fiscal por alguns anos.<sup>226</sup> Depois assumiu a guarda de Moçambique de São Benedito porque o antigo capitão estava doente, só depois é que assumiu o terno das Mercês. Sr Leonídio se afastou do terno na década de 1980 por motivos de saúde e logo depois faleceu, deixando o comando do terno para Sr Antônio. Pedrina juntou-se ao irmão, pois outras pessoas da família do sexo masculino não quiseram assumir o terno. E os dois já estão comandando o terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês há mais de vinte e cinco anos.

Os filhos de Sr Antônio dançaram quando pequenos no terno por ele e sua irmã comandados, mas hoje por morarem fora de Oliveira não mais participam. Amásia deixou dois filhos, Kátia e Carlos, que são capitães, do Congo e Moçambique de Nossa

---

<sup>225</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>226</sup> Idem.

Senhora do Rosário, respectivamente. Carlos conta que sua mãe foi coroada rainha conga de São Benedito quando ele já estava na sua barriga<sup>227</sup>. Kátia tem dois filhos, Rayne, com 11 anos, e Rendrick, com 14 anos, que dançam no Congo do Rosário. Rayane substituirá sua avó como rainha conga quando atingir a maioridade.

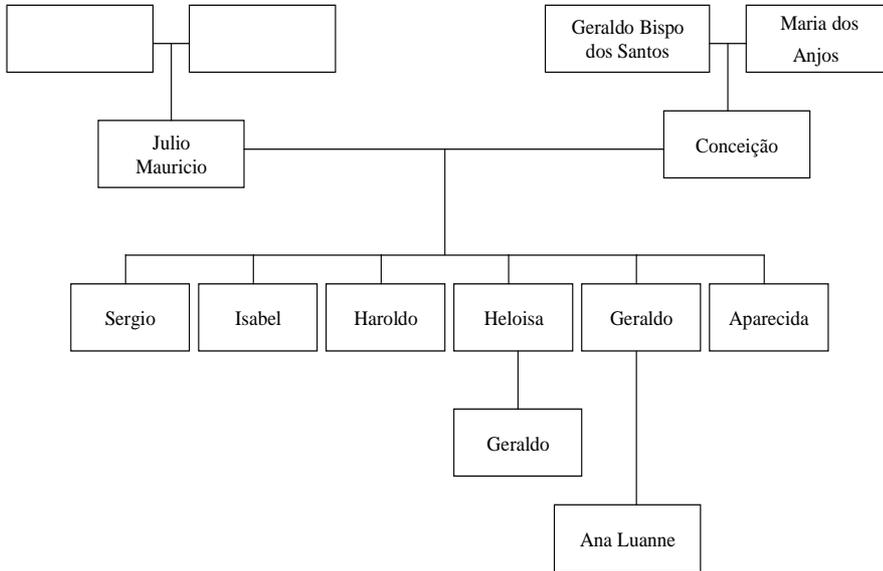
Pedrina tem três filhos, Pedro, Domingos e Ester, e todos eles participam do Congado. Pedro está no Congo do Rosário e Domingos no Moçambique do Rosário, onde sua irmã Ester é capitã. Wahington primo deles também é capitão do Moçambique do Rosário. A história dele é diferente porque sua mãe, Regina, afastou-se do Congado, por ter se tornado evangélica. Ele ficou um tempo ausente da festa, mas depois decidiu voltar.

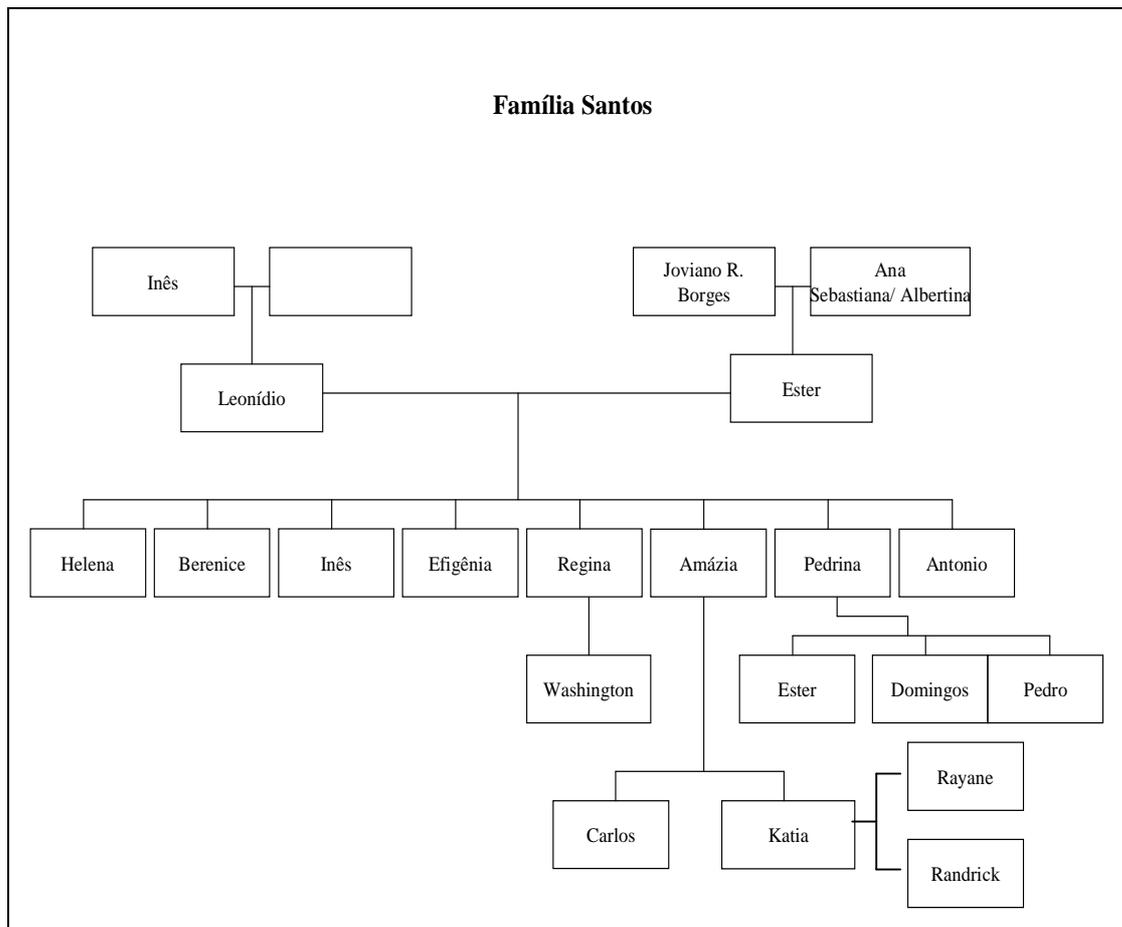
Na família do Sr Leônídio e Geraldo Bispo existem pessoas que não mais participam seja porque mudaram de religião ou então porque moram longe. Mas, independente disso, desde que a festa “voltou” em Oliveira sempre há representantes dessas famílias no Congado.

---

<sup>227</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Carlos Tadeu Sabino Gonçalves, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

### Família Bispo





### **A organização do Congado em Oliveira.**

Atualmente a Associação dos Congadeiros da cidade de Oliveira (ACOL), uma entidade com objetivo de dirigir e organizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, é dividida em dois eixos: a Diretoria e o Estado- Maior.

A Diretoria não é composta exclusivamente por congadeiros e conta com Presidente, Vice - presidente, Secretária, 2ª Secretária, 3ª Secretária, Tesoureiro e Relações Públicas. Tem como função representar a Associação junto aos poderes públicos, convocar e dirigir reuniões e seus integrantes devem estar presentes durante a realização do Congado a fim de “ajudar na manutenção da ordem, do respeito, lutando

para o maior brilhantismo dos acontecimentos.”<sup>228</sup> O Presidente da Diretoria é eleito pelos membros da Associação e os demais componentes são nomeados pelo presidente, que pode ou não ouvir as sugestões do Estado-Maior<sup>229</sup>. Muitos dos membros da Diretoria são convidados para estarem no palanque montado na Praça XV de Novembro nos dias da festa e normalmente contribuem com algum valor financeiro a ser usado nas despesas como, por exemplo, comidas, vestimentas e instrumentos.

Políticos e artistas da região participam da Diretoria, assim como congadeiros. Pedrina ocupou o cargo de Relações Públicas, e segundo Heloísa Helena, a capitã defende a participação de todos os capitães na Diretoria para que assim compreendam melhor as necessidades da festa.<sup>230</sup>

Segundo as atas da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL)<sup>231</sup> é a partir da década de 1970, mais especificamente em 30 de maio de 1976, que a primeira Diretoria se constitui, antes só existia o Estado-Maior. O momento de sua fundação coincide com a maior valorização e visibilidade do Congado na cidade, que, como observou-se nos capítulos anteriores, passa a ser considerado parte da tradição mineira e do folclore brasileiro. Mas a valorização e a integração do Congado como parte do folclore é um processo que se desenvolve ao longo das décadas de 1960 e 1970 e não deve ser atribuído somente à formação da Diretoria ou ao contexto nacional, ainda que esses fatores possam ter contribuído para a maior repercussão dessa manifestação cultural.

O Estado - Maior é constituído pelos 1º Capitão – Mor, 2º Capitão – Mor, Capitão Regente, 1º Capitão Fiscal, 2º Capitão Fiscal e Colaboradores do Estado Maior. O capitão-mor é o responsável pela organização da festa e tem a colaboração dos outros integrantes.

A função do capitão-mor é herdada e atualmente é representada pelo Sr Geraldo Bispo dos Santos Neto, que tem aproximadamente 45 anos, é policial, afro-descendente, e morador de Oliveira. Antes deste assumir o cargo, a função era exercida pelo seu avô, Geraldo Bispo dos Santos, que no ano de 1950 “voltou” com a Festa de Nossa Senhora

---

<sup>228</sup> Estatuto da Associação dos Congadeiros da Cidade de Oliveira, Estado de Minas Gerais, do ano de 2005.

<sup>229</sup> Idem.

<sup>230</sup> Entrevistas realizadas pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte e com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>231</sup> Heloísa Helena Maurício, Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, permitiu a minha pesquisa nas Atas da Associação entre os anos de 1976 a 2005.

do Rosário na cidade de Oliveira. O antigo capitão-mor faleceu em março de 1976, antes da formação da diretoria. Assim, até 1976, todas as decisões sobre a festa eram tomadas exclusivamente pelo Estado-Maior. A formação da diretoria pode estar relacionada com o falecimento do capitão-mor, já que neste momento a Festa de Nossa Senhora do Rosário perdia um importante integrante do Congado. Acredito, portanto que a constituição da Diretoria foi uma tática para a reformulação e uma maior sustentabilidade da festa.

Geraldo Bispo dos Santos Neto nasceu no mesmo dia em que seu avô, e no leito de morte este lhe deixou a capitania<sup>232</sup>. Mas nessa época, Geraldo ainda menor de idade, não podia assumir o cargo. Pela ata da Festa de Nossa Senhora do Rosário de 4 de maio de 1978<sup>233</sup> o cargo de capitão-mor era ocupado por João Francisco, que veio a falecer em 1979<sup>234</sup>. Através do registro da ata de 6 de julho de 1980, é proposta nesta reunião que o menor, Geraldo Bispo dos Santos Neto, assumira a capitania, antes de completar a maioridade<sup>235</sup>. Esta indicação é aprovada na reunião seguinte, em 13 de julho de 1980, tendo sua mãe, Conceição Bispo, falecida em 2005, como sua curadora<sup>236</sup>.

A capitania pertence a família desde então e será passada para seu sobrinho e afilhado também Geraldo, filho de sua irmã Heloisa Helena Maurício. Uma questão interessante é que o atual capitão-mor tem uma filha, mas por ser mulher ela não pode assumir o comando da festa<sup>237</sup>.

A capitania em Oliveira tem suas especificidades e já gerou conflitos com alguns congadeiros. Em outras Irmandades do Rosário de Minas Gerais, o título de capitão-mor não é hereditário como em Oliveira, mas dado a pessoa que tem maiores conhecimentos sobre a festa. Exemplificando esta situação, temos um fato ocorrido depois que o Congado “voltou” em Oliveira aqui relatado, a partir da memória oral de Heloisa Helena, Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, e Pedrina Lourdes dos Santos,

---

<sup>232</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão-mor da Festa de Nossa Senhora do Rosário, Geraldo Bispo dos Santos Neto, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>233</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 4 de maio de 1978.

<sup>234</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 10 de maio de 1979.

<sup>235</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 6 de julho de 1980.

<sup>236</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 13 de julho de 1980. O cargo de capitão-mor não foi passado para o pai de Sr Geraldo Bispo dos Santos Neto, Sr Júlio Maurício, por ele não ser filho de Sr Geraldo Bispo dos Santos e também por não envolver-se muito na festividade congadeira. Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>237</sup> Sobre a participação das mulheres na Festa de Nossa Senhora do Rosário será devidamente explicada no quarto capítulo.

capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês<sup>238</sup>. Existiu um congadeiro chamado Edson Thomaz que desejava assumir o posto de capitão-mor por se considerar com mais conhecimentos que Geraldo Bispo para o cargo. Não se sabe muito a respeito desse acontecimento entre os atuais congadeiros, mas pode-se supor que Geraldo por ter “voltado” com a festa e realizado os contatos necessários com as autoridades locais juntamente com a Sinhá Saffi e seu marido, considerava-se no direito de permanecer na liderança da festa.

A capitania de Edson, assim, não foi possível e ele acabou indo para a Irmandade do Jatobá, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e, por alguns anos, continuou dançando em Oliveira no terno do capitão Leonídio dos Santos, o Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, que hoje está sob o comando de seus filhos Antônio Eustáquio e Pedrina<sup>239</sup>.

Além da Diretoria e do Estado-Maior também existe o Conselho de Honra da Medalha Geraldo Bispo dos Santos composto de Presidente, Vice Presidente, Secretária, Tesoureiro, Relação Públicas. Segundo Heloísa Helena, integrante do Conselho e Secretária da Diretoria, esse tem como finalidade homenagear pessoas que de alguma forma ajudaram a Festa do Rosário. Nas palavras da própria Heloísa:

O Conselho ele era contínuo sabe, agora ele se tornou periódico porque, infelizmente, a gente ainda tem que ressaltar isso, que pessoas merecedoras de um mérito tão grande, de uma homenagem tão grandiosa, tão importante e tão rica pra nós eu acho que são poucas aquelas que alcançam. Não menosprezando aquelas que ajudam de uma forma ou de outra. Nós tivemos que fazer assim pra não nos estendermos a homenagens esporádicas por aí e com isso ficarmos em falta com alguém. Eu quero dizer assim, por exemplo, às vezes uma pessoa contribui na festa com um quilo de sal, outra já dá um garrote sabe, a outra já dá um fardamento pra um terno. Eu to colocando assim valores diferentes, mas intenções, intenções eu acho voltadas pra fé da pessoa dentro da religião, mas dentro da condição que a pessoa tem. A gente se perdia nisso aí e acabava ficando em falta com alguém. Nós tornamos essas homenagens, que são feitas pelo Conselho, de uma forma mais tradicionalista, mas vamos fazer isso periodicamente dando um espaço de tempo pra não tornar isso uma coisa cotidiana na festa.<sup>240</sup>

---

<sup>238</sup> Entrevistas realizadas pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira e com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>239</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>240</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, na cidade de Oliveira, em janeiro de 2007.

O fato de o Conselho de Honra da Medalha Geraldo Bispo dos Santos não ser contínuo remete à falta de apoio e respeito dos moradores da cidade de Oliveira ao Congado, que é ratificado pelos conflitos que aconteceram recentemente entre o capitão-mor, Geraldo, e o prefeito, Ronaldo. Esse episódio foi noticiado nos jornais e ganhou notoriedade. Mas é importante enfatizar que diversos embates são velados e que ainda hoje ocorrem oriundos da discriminação, falta de respeito e conscientização do valor do Congado e de seus participantes.

Na introdução desta pesquisa afirmou-se que a Festa do Congado em Oliveira tem sua origem relacionada com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Porém, nos dias atuais, a Irmandade não é ativa. Percebe-se que sua atuação fica restrita aos dias de festejos e quando um novo integrante entra para irmandade, tornando-se reis, rainhas, capitães de ternos ou então é uma pessoa que muito colabora para a festa. Pelos registros das atas da Associação dos Congadeiros perceber-se-á que a capitã Pedrina afirma que a Irmandade não é ativa, inclusive ela sugere a sua reativação<sup>241</sup>. Tal fato também pode ser notado na entrevista realizada por mim com Heloisa Helena que ao ser perguntada sobre a Irmandade afirma que ela não tem um estatuto atual, sendo ainda o de 1860.<sup>242</sup>

Assim, abaixo do Estado-Maior e da Diretoria estão os capitães de ternos, os dançadores, os reis congos, perpétuos, de promessa, grande e os seus respectivos príncipes e princesas e a representação da princesa Isabel.

### **A família dos sete Irmãos.**

O Congado é uma manifestação cultural extremamente ritualizada, repleta de significados para os seus participantes, sendo uma forma de comunicação com os outros, entre si e também com seus antepassados. Através do Congado podemos conhecer os valores, os conhecimentos dos *negros do Rosário*, o que eles consideram seu passado e o valor que lhe atribuem.

A festa é uma celebração e tem o poder de lembrar, narrar eventos, histórias que podem ter acontecido no passado, mas que ainda têm sentido no presente para os seus integrantes<sup>243</sup>. Através da estrutura ritualizada do Congado podemos realizar leituras sobre o passado da Festa de Nossa Senhora do Rosário. É importante termos em mente

---

<sup>241</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira, de 18 de maio de 1997.

<sup>242</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, na cidade de Oliveira, em janeiro de 2007.

<sup>243</sup> CONHNERTON, Paul. *How societies remember*. Cambridge University Press, 1989.

que falamos de um local específico, a cidade de Oliveira, pois ocorrem variações tanto na forma quanto no significado do ritual de um local para outro.

O Congado está intimamente relacionado à devoção à Senhora do Rosário e, no intuito de demarcar essa questão, os atuais congadeiros relembram a história de sua aparição no tempo da escravidão. Em três depoimentos percebe-se como essa história ainda hoje é presente entre os participantes da festa. Segundo a capitã Pedrina:

Aí Nossa Senhora apareceu no mar e os brancos, esse conto é oral, então eles foram lá. Apareceu e os brancos foram com procissões, bandas de música para buscar pra levar pra capela. Ela ia, mas depois ela voltava. Aí um terno de negros, sete homens e mulheres, dizem alguns, foram pedir para seu senhor se eles podiam. Eles foram ameaçados de ir para o tronco, falaram que eles queriam sair da lida, do eito. Aí eles disseram que podia castigar, pode até por no tronco, mas nós queremos ir. Eles foram tocar, cantando, do jeito deles, os escravos e ela gostou e acompanhou. Alguns acham até que ela foi sentada no tambor. O fato é que ela acompanhou os negros e ficou. Essa história tem um fundo moral a dizer que a nossa senhora é a santa dos brancos porque ela aceitava os negros do jeito que os negros eram. Porque o negro ele dança, ele reza dançando e cantando não faz como os brancos. Há uma mistura hoje em dia por causa desse sincretismo dessas religiões africanas com o catolicismo primitivo. Mas o negro pra ele comunicar com a divindade africana sempre foi através do toque do tambor e a dança. Então a meu ver ela quis dizer isso: que ela estava satisfeita, a maneira do negro, não precisava mudar sua maneira, sua manifestação de fé pra ela. E ela é a nossa redentora porque culminou-se na lei Áurea, foi por inspiração de Nossa Senhora do Rosário. Ela a mãe dos negros.<sup>244</sup>

O capitão Antônio Eustáquio:

Nós sabemos a lenda ainda da época da escravatura e quando Nossa Senhora apareceu os padres fizeram procissões levando a santa porque ela apareceu numa gruta e no outro dia a imagem estava de volta na gruta. E quem conseguiu fixar a santa dentro da capelinha foram os negros, por isso falamos os negros do Rosário. Eles conseguiram fazer tipo uma procissão levando ela cantando, essas letras nossas, do dialeto nosso do congadeiro, vinha em nossa cabeça, mas louvando de coração a Nossa Senhora. Porém, os negros, muito sofrido, na época a Nossa Senhora teve compaixão e eles ficaram rezando, cantando, porque não sabia rezar, negro não sabia rezar na época, sabia cantar, mas nem tinha letra era porque era oh oh (faz sons da música) Nossa Senhora lia o coração e conseguiu e foi onde ficou. Essa lenda que os negros conseguiram tirar Nossa Senhora da gruta e ela ficar dentro da capela.<sup>245</sup>

---

<sup>244</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>245</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

E ainda o relato da capitã Ester Antonieta, formada em psicologia, tem 27 anos e é filha da capitã Pedrina:

A gente começa pra contar a história da Festa do Rosário, a gente começa contando a aparição de Nossa Senhora. Pra contar da aparição de Nossa Senhora a gente tem que fazer, falar em algum momento do Candombe. Porque eles falam que a Nossa Senhora sentou num tambor Santana que é o Candombe, faz parte do Candombe. Eles falam que um grupo de negros foi com o Candombe lá na beira de qualquer lugar, que a Nossa Senhora esteja porque eles falam mar, outros falam rio, outros falam gruta. Eles vão lá com o Candombe, batem pra Nossa Senhora e ela vem. Essa é a origem da Festa do Rosário assim que começa a contar a história do Rosário. Mas eu acho que independente do Candombe, já é o negro foi obrigado a fazer esse sincretismo porque, por exemplo, pra ele louvar oxó com os rituais próprios deles, o jeito de dançar, o jeito de tocar, ele tinha de arrumar uma forma de fazer com que o branco aceitasse.<sup>246</sup>

A história de Nossa Senhora com os negros na época do cativo é uma forma que os congadeiros encontraram para integrar a santa pertencente à Igreja Católica, ao seu modo de manifestarem sua devoção que era tão criticado e combatido pela sociedade escravocrata. Os *negros do Rosário* atribuem à Senhora do Rosário tanto a aceitação de sua forma de rezar quanto a abolição do cativo. Os depoimentos dos capitães de ternos sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário são expressivos ainda hoje para os *negros do Rosário*. Frente a necessidade de reafirmar e legitimar a maneira de vivenciar sua devoção, que é específica de sua história e tradição e alvo de constantes discriminações, os afro-descendentes passam, pela tradição oral, essas histórias para as atuais gerações.

É, pois, a partir da aparição da santa para os negros que a fé a Nossa Senhora se instaura na comunidade congadeira. É interessante afirmar que a devoção permanece atualmente e que alguns integrantes da festa começaram a dançar ou tocar um instrumento através de uma promessa realizada aos santos padroeiros. A promessa é feita principalmente para pedir ajuda relacionada a doença de algum familiar, como é o caso da mãe do capitão Antônio Eustáquio, segundo ele:

A primeira vez que participei estava pra completar 6 anos de idade. Participei pela primeira vez porque minha mãe – Éster Rufino Borges – fez uma promessa a Nossa Senhora do Rosário por conta que eu tinha um problema na perna esquerda e esta perna numa certa época ela encolheu, então eu fui conseguir andar já bem velho de idade. E a gente era muito humilde, muito pobre, não tínhamos as regalias de hoje o SUS, por exemplo, pra tratamento médico. Minha mãe muito devota ela acreditou que Nossa Senhora do Rosário daria conta conforme deu. Eu era um elemento que eu não andava

---

<sup>246</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

normalmente e quando me tornei adolescente, na parte dos 13, 14 anos eu joguei futebol, cheguei a jogar até meus 25 anos de idade. Para mim, principalmente, foi uma benção através da graça de Nossa Senhora do Rosário. Por isso eu confio de mais, faço tudo alegremente dentro da festa, dou o máximo dentro do meu porte físico em agradecimento, o que eu era antes e o que passei a ser após a idade de 6 anos. Então é uma história digna, alegremente para contar a todos que vieram até mim para falar da festa. Eu participo da festa sorridente, de corpo e alma na festa por causa de Nossa Senhora do Rosário olhou de mais pra minha mãe, sofreu de mais com meu porte físico quando eu era quase deficiente e sem mais nem menos Nossa Senhora me deu a graça e eu pude ir espichando, espichando a perna aí eu comecei a caminhar. É para mim uma história muito rica e enquanto tenho vida e força nas penas vou cantar, dançar e louvar Nossa Senhora, ela é uma santa milagrosa, é Nossa Senhora do Rosário.<sup>247</sup>

Para entender o Congado, além da história de aparição de Nossa Senhora, fortemente presente no imaginário dos congadeiros, procurei observar o ritual e também explorar essa questão nas entrevistas realizadas com capitães de terno, reis e rainhas congos, bem como de outros integrantes a fim de compreender a sua estrutura narrativa.

Segundo a memória oral dos congadeiros entrevistados<sup>248</sup>, o Congado é uma família de sete irmãos: Congo, Catopé, Vilão, Moçambique, Marujo, Caboclo e Cavalheiros de São Jorge. Eles possuem características próprias: histórias, instrumentos e objetos diferentes. Seus pais são Candombe e Nossa Senhora. Em Oliveira existem quatro irmãos: Catopé, Vilão, Congo e Moçambique.

O Candombe é um ritual interno, que acontece no terreiro/quartel, casa dos capitães das guardas onde os dançadores se reúnem durante a festividade. Os congadeiros tocam tambores e cantam. Suas músicas lembram o período da escravidão, louvam e agradecem a Nossa Senhora. Embora em Oliveira a Festa de Nossa Senhora do Rosário “tenha retornado” em 1950, o Candombe só voltou a acontecer recentemente. Apenas no terreiro da capitã Pedrina, e ainda conta com a participação de poucas pessoas<sup>249</sup>. Os tambores do Candombe são batizados, assim como outros instrumentos, nesse ritual existem cinco tambores chamados de Santana, Chama, Santa Maria, Crivo e Guiá.<sup>250</sup>

Os irmãos do Congado são constituídos em ternos ou guardas. Cada terno é ligado a um santo de devoção. Em Oliveira existem 17 ternos divididos em quatro

---

<sup>247</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>248</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>249</sup> Os diversos significados que o Candombe possui será abordado no quarto capítulo.

<sup>250</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

irmãos e os santos homenageados são: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Então existe, por exemplo, o terno de Moçambique de Nossa Senhora Aparecida, o Catopé de Nossa Senhora Aparecida, e o Congo de Nossa Senhora do Rosário e vários outros.

Os ternos são grupos de dançadores com seus capitães, caciques (que são os ajudantes do capitão) e o meirinho – pessoa responsável em carregar água e alimentos para os congadeiros, já que eles saem de seus quartéis por volta das 16 horas e só retornam de madrugada. Os dançadores são formados em duas filas subdivididas em grupos responsáveis por tocar determinado instrumento musical. Os capitães posicionam-se no meio dessas duas filas e comandam seus integrantes e o meirinho fica no final da formação.

Além desses componentes há uma pessoa responsável em levar a bandeira do santo daquele terno. Pelo que percebi, através de conversas informais e depoimentos com vários congadeiros, essas pessoas têm uma enorme responsabilidade, pois como vão à frente, são os abre – alas de cada terno, se existir alguma energia negativa no ar, são os primeiros a serem atingidos. Como os cantos entoados dentro do terno são orações, as bandeireiras protegem os demais integrantes que vão atrás dele. Como nos conta a bandeireira do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Dona Lúcia:

É uma responsabilidade muito grande. Eu nem sabia. E aí foi que me vieram me explicar o significado de carregar a bandeira. E é quase que a responsabilidade do terno, então é uma responsabilidade muito grande e eu não sabia. Então, é uma bandeireira geralmente tem que ser uma pessoa mais velha e não uma criança. Aí foi que a dona foi me explicando e falou comigo: Olha, deixa eu te falar uma coisa. É... até você andando você limpa o caminho para o terno. Mas eu não sei nada. A hora que você vê uma coisa que vocês passar numa encruzilhada, você vai saber, você vai firmar seu pensamento, carregar a bandeira sempre com muita firmeza, não brincando não. Aí eu falei pra mim: E agora? Aí eu falei: Pedrina é qual o significado da bandeireira na encruzilhada, na saída. Aí foi que ela foi me explicando, explicando. Na encruzilhada é porque o pessoal gosta muito de fazer maldade entendeu. Então a gente joga um pedaço do Rosário, um pedaço de fita.<sup>251</sup>

É também do bandeireiro a responsabilidade por uma sacola que fica pendurada na bandeira do santo do seu terno para que pessoas que passem pelas ruas e queiram contribuir com algum dinheiro possam ali colocá-lo, estas doações são usadas para comprar qualquer alimento que esteja em falta.

---

<sup>251</sup> Entrevista realizada pela autora com a ex-bandeireira do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Ana Lúcia Machado, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

O Congado na cidade de Oliveira é organizado a partir de Reinados, ou seja, cada dia da semana é dedicado a reverência de um santo homenageado com seus respectivos reis, rainhas, príncipes e princesa. Nos seis dias de Reinado, todos os ternos saem às ruas da cidade para buscar a realeza congadeira. O que diferencia é que o terno/irmão que representa o santo homenageado naquele dia fica próximo ao pé da coroa, ou seja, mais perto da realeza congadeira. Caso exista mais de um terno ligado ao mesmo santo é feita uma votação nas reuniões para decidir quem irá ficar mais perto da coroa congadeira.

Os Reinados começam no domingo à noite e estão ligados a um santo de devoção dos participantes da festa: no domingo e na segunda-feira, Reinado de Nossa Senhora do Rosário; na terça e quarta-feira, de Nossa Senhora das Mercês, quinta-feira de São Benedito, sexta-feira de Santa Efigênia e no sábado de Nossa Senhora Aparecida. Os Reinados de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Mercês são de dois dias. No primeiro ocorre a descoroação, ou seja, a entrega da coroa que receberam no ano anterior, de reis, rainhas, príncipes e princesas de promessa e grande. No dia seguinte a coroação dos novos reis, rainhas, príncipes e princesas de promessa e grande. Nos Reinados de São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora Aparecida, como acontecem em apenas um dia, as coroações e descoroações são feitas todas no mesmo dia-

Os ternos saem de diferentes bairros da cidade. Cada um busca os reis, rainhas, príncipes e princesas de sua responsabilidade e todos se encontram em um determinado lugar para seguirem juntos até o palanque, montado na Praça XV de Novembro. Seguindo a ordem do ritual congadeiro, depois do terno de Moçambique vem um estandarte com a imagem do santo do Reinado daquele dia e atrás a representação da Princesa Isabel e seu marido, reis e príncipes grandes, os de promessa, os perpétuos e por fim os congos.

A realeza congadeira ao chegar no palanque armado na Praça XV de Novembro senta-se para a realização da cerimônia. Também há a participação de pessoas da sociedade oliveirense que levam uma contribuição para a festa. O locutor da festa anuncia tanto a realeza quanto os convidados presentes. Nesta cerimônia a jovem que representa a Princesa Isabel coroa e descoroa simbolicamente os reis e príncipes de promessa e grande, já que os congos e perpétuos são vitalícios.

Depois da apresentação da realeza e dos convidados que estão no palanque acontece a apresentação dos ternos responsáveis pelo Reinado daquele dia, sendo esta uma homenagem ao santo de devoção. Enquanto isso os demais ternos comem, vão ao

banheiro, bebem água, confraternizam-se com as pessoas que estão na praça e assistem a cerimônia e também descansam, já que terão um longo caminho de volta.

Após a celebração, os ternos buscam a realeza de sua responsabilidade que ali está e a conduzem novamente para sua casa. Caminham pelas ruas da cidade, cantam suas músicas e tocam seus instrumentos. Seus sons ecoam madrugada adentro pela cidade.

O terno de Vilão é o que vai à frente do cortejo, têm como instrumentos as caixas, sanfona, cavaquinho e varinha e um outro elemento: os facões de caça. Conta-se que eles são de uma tribo de índios, caçadores e vão à frente para afastar qualquer coisa ruim que possa ter no caminho para os outros ternos, reis, rainhas, príncipes e princesas que vão ao final do cortejo. No momento da apresentação do Vilão à frente do palanque, seus integrantes batem as varinhas com as de seus companheiros e também fazem com as facas de caça: é uma representação da defesa que fazem da coroa que o terno de Moçambique traz. Em Oliveira só existe um terno de Vilão, o de Nossa Senhora do Rosário. É um dos mais antigos da cidade, que se apresentou nas comemorações do Centenário do Rio de Janeiro na década de 1960, apenas alguns integrantes não são mais os daquela época.



**Terno de Vilão.**<sup>252</sup>

---

<sup>252</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2009. Esse terno de Vilão não é o da cidade de Oliveira. No ano de 2009 o Vilão de Nossa Senhora do Rosário da cidade pesquisada não saiu no cortejo congadeiro. Coloquei a foto para que o leitor tenha noção de como é esse terno, ainda mais que só modifica as roupas.

Atrás dele vêm os ternos de Catopés, que assim como as guardas de Vilão e de Congo, abrem os caminhos para a passagem da coroa que o terno de Moçambique traz. Sua função é alegrar o ambiente e seus instrumentos são as caixas, sanfonas e o reco-reco. O capitão tem o tamborim como símbolo de seu comando.



**Terno de Catopé<sup>253</sup>**

Em seguida vem o Congo que é o irmão mais velho. Também é uma tribo de caçadores e tem como instrumentos o pantangome e caixas. O capitão do terno tem uma espada em suas mãos que simboliza o poder de comando. Em Oliveira só existe um terno de Congo, o Congo de Nossa Senhora do Rosário, criado no ano de 2005 e cujas capitãs são Kátia e Isabela.

---

<sup>253</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.



**Terno de Congo de Nossa Senhora do Rosário.**<sup>254</sup>

No final do cortejo congadeiro vem os ternos de Moçambiques que têm como função “levar a coroa”. São os responsáveis por proteger os reis, rainhas, príncipes e princesas. Segundo a tradição congadeira, os reis congos não podem sair de suas casas sem a presença do Moçambique do seu Reinado. Ainda que chegue o Vilão, o Catopé e o Congo, eles só podem sair com um Moçambique. Caso não haja um Moçambique no cortejo, o terno de Catopé está autorizado a puxar o Reinado. Os ternos de Moçambique têm como instrumentos as caixas, as gungas e os pantangomes e o capitão tem um bastão em suas mãos que simboliza o poder de comando. O capitão Antônio Eustáquio do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês conta o que são as gungas e ainda as relaciona com o passado escravista:

As gungas, as campanhas; essas campanhas que significa na tribo na época da escravatura as correntes que os escravos traziam presos nos pés. Quando havia uma fuga ficava fácil do feitor encontrar o escravo fugido na mata por causa do barulho da gunga. Então, nós achamos melhor não usar as correntes porque ficaria não uma coisa muito do passado, então achamos um jeito de colocar as gungas. Quando iniciamos na época do velho Leonídio, do meu pai as primeiras que foram feitas com latinhas de massa de tomate.<sup>255</sup>

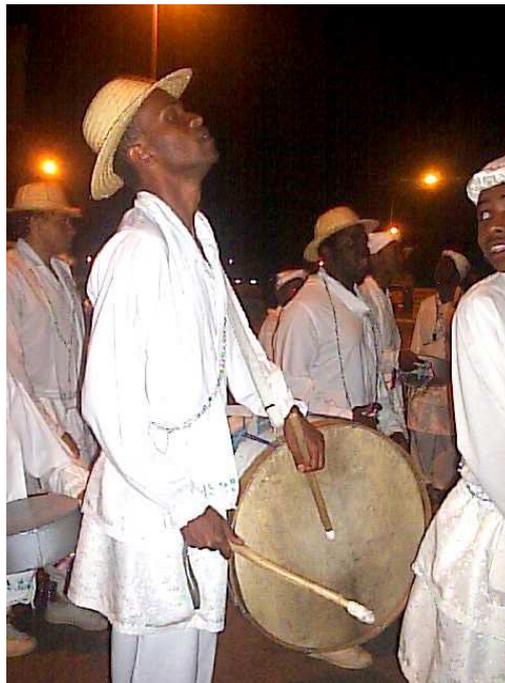
---

<sup>254</sup> Idem.

<sup>255</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.



**Terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês**  
O instrumento nas mãos do dançador é o pantangome e o que está nos pés são as gungas.<sup>256</sup>



**Capitão Carlos do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário.** O instrumento é a caixa.<sup>257</sup>

---

<sup>256</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

<sup>257</sup> Idem.

Os instrumentos congadeiros são elementos essenciais na construção da história da Festa de Nossa Senhora do Rosário, eles não emitem apenas sons que acompanham os pontos/ músicas entoados. Eles são considerados sagrados pelos integrantes da festa, não é qualquer pessoa que pode tocá-los, para fazê-lo precisa pedir autorização a um capitão.

Lowenthal<sup>258</sup> examina os caminhos pelos quais tomamos consciência do passado e aponta que a consciência atual está intimamente relacionada com o passado. E um desses caminhos é através das relíquias tangíveis, é a memória e a história que reconhecem determinados objetos como tais. Os instrumentos congadeiros, como as gungas, são relíquias; através delas realizam-se leituras do passado escravista, ligam o presente e o passado e dão sentido a história da festa.

A configuração do ritual não é estática e fatores externos a tradição rememorada pelos congadeiros influenciam também a organização do cortejo. É o caso do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário que possui questões importantes na construção e afirmação de sua identidade dentro do cortejo congadeiros. Os capitães Carlos, Ester e Washington fazem uma composição diferente dos outros Moçambiques. Ao invés de dançarem em duas filas separadas, o fazem em montinho, o único integrante à frente do terno é a bandeireira. Segundo os capitães, existem razões para andarem pelas ruas em montinho e uma delas é que a entonação da voz fica melhor, pois encontram-se com mais facilidade. E também pela troca de experiências com outras regiões mineiras que têm assim os seus Moçambiques e eles acreditam que em tempos anteriores os Moçambiques de Oliveira tinham essa estrutura, segundo afirma a capitã Ester:

O Múcio ele tem registro disso. Em dois mil e quatro quando nós saímos no primeiro ano, nós estávamos subindo a Rua da Igreja dos Passos. E ele tava lá na casa dele. E lá de cima ele gritava minha mãe desesperadamente, isso ela contou pra gente, Pedrina, Pedrina e chamou e chamou e ela não escutava. Aí alguém viu, chamou minha mãe e ele correu deu um abraço nela emocionado deu os parabéns pra ela que ela tinha conseguido retornar com a tradição de Oliveira. Porque na época dele, a época que ele participava, era daquela forma, os Moçambiques dançavam daquele jeito. Mas teve uma época que os Moçambiques eles estavam com poucos dançadores e os capitães começaram a perceber que se eles colocassem os dançadores em fila dava a entender que tinha mais gente. Que você pode perceber a gente fica parecendo um pouquinho de gente, mas se colocar em fila dá uma quantidade bacana. Então pra não ficar aquela coisa de tô com pouco dançador a vergonha mesmo que as pessoas infelizmente têm disso, eles começaram a formatar assim. A gente tem um pouco de responsabilidade nisso. A gente fala assim, o meu avô foi um dos que começou com isso. Que começou a colocar esse formato de dançar em fila, os

---

<sup>258</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. São Paulo, Projeto História, n.º. 17, 1988, pp 149.

capitães no meio e tal e então desde essa época vem vindo assim, todo mundo que forma lá, forma nesse... Com esse exemplo assim.<sup>259</sup>

Os ternos com suas músicas, instrumentos e função no ritual narram sua história na tradição do Congado, e percebemos os conhecimentos que o ritual nos transmite. Desse modo, os ternos constroem suas identidades, através de suas memórias e ao que lhe foi passado por seus antepassados. O caso acima citado mostra que seus capitães compreendem diferentemente os significados do festejo, desejando a partir da estrutura ritualística, contar outras memórias e tradições, afirmando, assim, uma identidade própria para seu terno.

### **A realeza da festa.**

Os reis, rainhas, príncipes e princesas são figuras essenciais no Congado, já que essa é uma festa de coroação de reis e rainhas negros. Porém, em Oliveira e em outras cidades que realizam essa manifestação cultural existem outros reis e rainhas. A partir dos depoimentos obtidos em Oliveira<sup>260</sup>, os reis congos são os que comandam, os donos da festa, lembrando todo sofrimento, resistência e vitória de seus antepassados africanos.

A capitã Pedrina em seu livro afirma que a história de Chico- Rei no Brasil Colônia se inicia quando Galanga – rei do Congo – foi vendido com sua família como escravo. Durante a travessia, sua esposa - Rainha Djalô – e sua filha Itulú morreram. Ao chegar ao Brasil, Galanga, agora Francisco, e seu filho foram vendidos para o Major Augusto de Andrade Góis e foram trabalhar na fazenda de seu senhor que ficava em Vila Rica. A reputação de Francisco logo chegou ao conhecimento dos outros escravos da região, ganhando o nome de Chico- Rei. Conta a história que Chico- Rei trabalhava arduamente e em cinco anos conseguiu comprar a sua alforria e depois libertou mais trinta e cinco negros cativos, inclusive seu filho. Chico - Rei inscreveu-se na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Antônio Dias, e no dia 6 de janeiro de 1747 fez uma festa com seus amigos alforriados onde apareceram fardados como no Congo.

---

<sup>259</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>260</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

Assim essa festa ficou conhecida como Congado do Rosário, onde elegiam reis e rainhas do Rosário.<sup>261</sup>

A história de Chico-Rei não está presente somente na memória dos atuais congadeiros. Dantas ao analisar a revista Kosmos localiza um registro de Mario Behring, onde o autor explora o martírio de Chico-Rei desde sua captura até a fundação da Igreja do Rosário em Vila Rica.<sup>262</sup>

Os reis perpétuos são auxiliares dos reis congos e não há exigência de serem negros e ambos são passados hereditariamente e vitalícios. Na falta dos reis congos, os perpétuos assumem a função. Tanto os reis congos quanto os perpétuos carregam em suas cabeças uma coroa. A Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL), em caso de falecimento de reis perpétuos e congos, tenta manter a coroa dentro das famílias, procurando passar o cargo para um filho ou sobrinho. Os reis congos para saírem de suas casas precisam que tenha algum representante do Estado-Maior A rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia, com 24 anos, afro-descendente, estudante do curso de história em uma cidade vizinha à Oliveira, Divinópolis, conta como assumiu a coroa:

Já comentou com você que a coroa é passada hereditariamente. (...) E aí meu tio perguntou e aí não tio, eu acho que é responsabilidade demais e além do que é hereditariedade, é pessoa da família, mas é muito distante. Então vai ter alguém na casa dela que vai, com certeza, vai querer assumir a coroa. E aí nós... Terminou a cerimônia do enterro, do velório e tudo e quando foi na semana seguinte meu padrinho veio como de costume. Aí eu já tinha conversado um pouco com a minha mãe. Mãe, será que eu vou ter que assumir essa coroa, será que eu vou ter? Ela falou assim: Você quer? Eu falei assim: Uai, mãe, eu acho que eu quero, mas eu não sei se tenho essa responsabilidade. E aí meu tio veio na semana porque ele já tinha comunicado a família que ninguém da família queria assumir a coroa. Tinha uma sobrinha dela, só que ela era alcoólatra e tudo então tem toda assim restrições para assumir a coroa. Além de saber, você tem que saber, você tem que ser da família e você tem que ter é um papel social diferenciado na comunidade. E aí eles disseram que esta sobrinha não tinha o perfil. Então assim, tem só quatro anos que eu estou, que eu fui coroada.<sup>263</sup>

A decisão da Associação de manter a coroa dentro da família é por acreditar que os valores e tradições congadeiras, na maioria dos casos, são transmitidos por herança familiar e para ser reis e rainhas congos e perpétuos é fundamental ter fé em Nossa

---

<sup>261</sup> SANTOS, Pedrina Lourdes dos. *Festa de Nossa Senhora do Rosário. O Rosário: Força, fé e resistência dos negros congadeiros*. Prefeitura Municipal de Oliveira, 1998.

<sup>262</sup> DANTAS, Carolina Vianna. Cultura histórica, República e o lugar dos descendentes de africanos na nação. IN: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>263</sup> Entrevista realizada pela autora com a rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia da Silva, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

Senhora do Rosário e nos santos padroeiros. Já os príncipes e princesas congos e perpétuos não são vitalícios em função da idade. Quando chegam a uma determinada faixa etária passam a coroa para outras pessoas mais novas.

Em relação aos reis congos e perpétuos há um rito de passagem que acontece dentro da Igreja, durante a Missa Conga, e após este os postulantes passam a pertencer a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Nesta cerimônia as coroas dos novos reis são bentas por um padre e eles ganham o Rosário. No caso de Ana Luzia, além da coroação realizada na Igreja com a participação de todos os integrantes do Congado, também ocorreu no terreiro do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, dos capitães Antônio Eustáquio e Pedrina.

Tornar-se um desses reis é uma grande responsabilidade e novas posturas precisam ser adotadas como, por exemplo, não falar palavrão, e fundamentalmente estar imbuído do sentimento de devoção à Senhora do Rosário e aos santos padroeiros, já que ser um rei congo ou perpétuo para os congadeiros significa carregar a coroa de Nossa Senhora. Quando um desses reis morre é preciso fazer a descoroação antes do enterro.

Além da devoção à Senhora do Rosário e da hereditariedade é preciso ser maior de idade para assumir a coroa conga. Segundo os depoimentos obtidos, a pessoa precisa estar consciente da responsabilidade e das obrigações de seu posto, para isso é importante estar mais amadurecido. No terreiro onde realizei a pesquisa, a antiga rainha conga do Reinado de São Benedito, Amázia, irmã dos capitães Antônio e Pedrina, faleceu. A sua coroa foi herdada por sua neta, Rayane, mas é sua madrinha a capitã Ester Antonieta quem está cumprindo esta missão, até que ela complete dezoito anos. Porém, mesmo que Ester desejasse assumir perpetuamente a coroa de rainha conga ela não poderia, por já ser capitã. As duas funções não podem ser ocupadas pela mesma pessoa, já que cada uma delas tem atribuições diferentes.

Os reis congos precisam preparar-se com antecedência para o levantamento dos mastros, a festa realizada em setembro e a festa do dia 13 de maio: não comer carne e fazer abstinência sexual. Esses preceitos são obrigatórios para os reis congos, mas nem sempre são cumpridos por todos.

Tal fato faz com que alguns reis não se preparem devidamente para os festejos, menores de idade assumam coroas e capitães também sejam reis. Esse é um entendimento específico do terreiro dos “Leonídios”, que participa ativamente dos Reinados de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito, que acreditam que é a partir

desses mandamentos e fundamentos que a Festa de Nossa Senhora do Rosário deve ser regida.

É freqüente na cidade as pessoas pedirem a benção à reis e rainhas congo. A rainha conga Ana Luzia conta a primeira experiência que ela teve:

Oh, agora as pessoas vão te procurar. Vão te procurar na tua casa, vão te procurar pra te pedir uma benção, pra te pedir uma graça. Só que eu me assustei com isso e de certa forma a nossa igreja católica não aceita muito isso não, né? Porque acha que a gente tá fazendo feitiçaria, que a gente tá fazendo isso assim assado. E aí ela, no primeiro dia que ela saiu, ela me chamou na casa dela e me pediu uma benção. E aí eu benzi ela com o rosário e pedi a Deus que nada de mal aconteça a ela da minha forma. Só que eu disse pra ela: Flavia, eu vou te benzer mas a benção ela só vai ser válida se você acreditar nela. Eu estou aqui me fazendo instrumento de Deus e Nossa Senhora pra que nada de mal te aconteça, mas você tem que acreditar.<sup>264</sup>



**Reis e príncipes congos do Reinado de São Benedito.<sup>265</sup>**

Ainda existem reis e príncipes de promessa, são pessoas que fazem promessas a algum santo homenageado, e que são cumpridas durante os festejos. Esses reis e rainhas,

---

<sup>264</sup> Idem.

<sup>265</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

príncipes e princesas mudam de um ano para o outro e estão ligados a um santo.<sup>266</sup> Em um ano a realeza recebe a coroa e no ano seguinte a devolve. Caso um desses reis e rainhas faleça antes de entregar a coroa é necessário que representantes do Congado os descoroem antes de serem enterrados.

Há ainda a família real, chamados de reis e príncipes grandes e são convidados dos reis congos. A realeza dos grandes também muda a cada ano. Conta com a representação da princesa Isabel e seu marido. A partir da memória oral dos congadeiros há exigência de que seja branca a menina que representa a princesa<sup>267</sup>. A princesa Isabel tem um significado muito importante para os congadeiros, ela foi a redentora ou nas palavras de Sr. Antônio Eustáquio:

A princesa Isabel foi àquela pessoa que mais corajosa que, na época, no tempo do cativo, quando o senhor batia no negro, ela sempre tinha dó, tinha piedade, mas ela não poderia fazer nada porque quem mandava chicotear o negro era o senhor pai dela e ela sempre dizia no tronco, até que Nossa Senhora iluminou e deu força para que ela tomasse uma providência; então na lenda da escravatura foi a senhorinha princesa Isabel que ordenou, ela passou por cima das ordens do velho pai, do fazendeiro, e ordenou que libertasse, aí ele disse que só deu a carta de alforria no 13 de maio.<sup>268</sup>

---

<sup>266</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

<sup>267</sup> Sobre essa questão voltarei a discutir no quarto capítulo da dissertação, pois existem conflitos sobre a cor da jovem que representa a Princesa Isabel. Na próxima página tem uma foto da menina que representou a Princesa e ela é afro-descendente e filha do capitão-mor.

<sup>268</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antonio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.



**Representação da princesa Isabel e seu marido junto com o Estado-Maior.<sup>269</sup>**

Apesar do cortejo congadeiro contar com a dramatização da princesa Isabel e de sua família e ainda dos *negros do Rosário* reverenciarem esses reis não é no sentido de relembrar saudosamente o período monárquico, mas sim porque eles estão ali representando a sua devoção: à Nossa Senhora do Rosário e aos santos padroeiros. Segundo a capitã Pedrina:

E a conotação de rei e rainha é da coroa de Nossa Senhora, não é igual a monarquia antiga que exibia poder. Eu diante de um rei e rainha me ajoelho, não é igual a plebeu diante do monarca é porque eu estou reverenciando a coroa de Nossa Senhora da qual ele está investido. E também representa a cora da glória que ele irá receber. Eu me ajoelho pra reverenciar essa beleza, como se eu estivesse dizendo eu interior, Deus interior, que é isso que está acontecendo, a força que está por traz disso é muito grande.

---

<sup>269</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008. A princesa Isabel na foto é filha do capitão-mor da festa. Sobre esse assunto voltarei a discutir no quarto capítulo.



**Capitã Pedrina reverenciando a rainha conga Ana Luzia.<sup>270</sup>**

Os diversos reis, rainhas, príncipes e princesas – grande, promessa, perpétuo e congo – possuem, portanto, suas especificidades. Toda realeza só participa do cortejo no dia do seu Reinado, exceto a representação da Princesa Isabel e de seu marido.

A realeza que compõem o cortejo congadeiro possui inúmeros significados para os participantes da festa, cada um tem uma história relacionada ao passado dos afro-descendentes. Assim, o rei congo representa Chico-Rei, reis perpétuos são os substitutos dos congos, reis de promessa indicam pessoas que fazem promessas a um santo homenageado e os reis grandes representam o passado monárquico brasileiro. Através das memórias dos congadeiros, cada rei, rainha, príncipe e princesa têm uma história na Festa de Nossa Senhora do Rosário, e reconstroem, dessa forma, no presente as histórias e memórias do passado escravista.

### **A festa do Rosário em tempo expandido.**

A Festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre todo ano no mês de setembro.<sup>271</sup> Porém existem algumas comemorações e preparativos que são realizados antes desse

---

<sup>270</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

<sup>271</sup> Os entrevistados quando perguntados sobre o porquê da festa ser realizada no mês de setembro responderam apenas que era uma tradição.

momento. Nesse sentido procuro compreender a festa e o sentido dela para os seus participantes ao longo do ano.

### **1) Comemoração do dia 13 de maio, o dia da libertação.**

A partir da análise das atas da Associação dos Congadeiros do ano de 1976 até 2002, constato que a primeira vez que surge um pedido para se festejar o dia 13 de maio é no ano de 1988. A comemoração é realizada, mas não está detalhado como foi feita. O que consta é que a única guarda/terno que compareceu foi o Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, dos capitães Antônio Eustáquio e Pedrina. Segundo a Secretária da ACOL, Heloísa Helena, por volta de 1986, houve uma celebração da abolição, mas contou como poucas guardas, e voltou a acontecer de forma sistemática dois anos depois. O capitão Antônio Eustáquio afirma em seu depoimento que a idéia de realizar essa celebração surgiu de sua irmã Pedrina:

Surgiu a idéia da boa cabeça da irmã Pedrina. Tanto é que nós com o Moçambique das Mercês é que começou esse movimento de levantar uma bandeira com a coroa que seria a coroa da Princesa Isabel em agradecimento da libertação dos escravos essa coisa, da corrente, dela ter assinado a Lei Áurea. E então ela teve a idéia e foi apoiada pelo capitão - mor o Geraldinho. Só que os nossos co irmãos congadeiros e outros capitães deve ter o que, uns quatro, quatro, cinco anos que eles aderiram. Quem fazia era só nós, só o terno das Mercês.<sup>272</sup>

A Presidente e zeladora da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Conceição Bispo, filha do antigo capitão-mor Geraldo Bispo registra em reunião do dia 22 de maio de 1988 o desinteresse das guardas nessa comemoração e ainda enfatiza que os congadeiros deveriam se unir “mais, para que o progresso de nossa festa continue, que não deixemos regredir”<sup>273</sup>, fato este também lembrado pelo capitão Antônio Eustáquio.

Pelos depoimentos e atas da Associação percebe-se que durante um período a comemoração do dia 13 de maio contou com uma pequena participação dos congadeiros. Fazia parte do festejo da abolição palestras sobre Zumbi dos Palmares<sup>274</sup>. No ano de 1999, pela primeira vez há registros sobre a realização de uma missa conga nesse dia e

---

<sup>272</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>273</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 22 de maio de 1988.

<sup>274</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 6 de março de 1995.

também de um discurso de conscientização para os congadeiros sobre a importância dessa data. Segundo a ata de reunião:

É uma data marcante e com muitas conquistas a serem feitas a cada ano, quando revivemos o instante em que as nossas correntes foram quebradas, desculpe a força de expressão, por me colocar, claramente no papel, digo, no lugar de um dos escravos. Mas é que além de ser descendente, sinto que digo de tempo de outrora da escravidão e fui abolida, pois sinto necessidade de também preservar esse espaço conquistado com tanto sofrimento. Após a missa uma guarda de escravos deverá ser formada digo com todas as características do passado levando gamelas, potes, correntes, revivera, digo fará uma apresentação na escadaria da Igreja, após a leitura da Lei Áurea, por sua Alteza Princesa Isabel, tornará o momento de forma característica estaremos assim revivendo as emoções e responsabilidades que nos foram atribuídas de preservar tal liberdade e ampliar nossos horizontes.<sup>275</sup>

Nas reuniões da Associação dos Congadeiros de Oliveira são os capitães de terno, Diretoria, Estado-Maior, reis congos e perpétuos que participam. As atas da Associação revelam que há uma intenção que os capitães de ternos transmitam aos seus dançadores o que está acontecendo e também que os conscientize da importância da história da Festa do Rosário, do tempo do cativo e da abolição da escravatura.

Atualmente a festividade do treze de maio se caracteriza pelo levantamento dos mastros em frente à Casa dos Congadeiros no sábado anterior a esta data, descimento dos mastros um mês depois<sup>276</sup>, alvorada dos ternos, às cinco horas da manhã, “os ternos passarão por algumas ruas da cidade cantando e tocando, lembrando assim o tempo do cativo e a libertação dos negros”<sup>277</sup>, café da manhã na Casa do Congadeiro e o cortejo dos ternos levando os reis congos para a Missa Conga. Segundo a Ata:

A guarda de escravos subirá até o cruzeiro do bairro das Graças, indo em seguida para a missa também. Antes da missa acontecerá a encenação do grito de liberdade, com a guarda de escravos, e a princesa Isabel fará a leitura da Lei Áurea, após o diálogo do feitor de escravo e do senhor de engenho. Após a missa conga os negros lembrarão a alegria de poder louvar livremente a virgem do Rosário.<sup>278</sup>

---

<sup>275</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 10 de abril de 1999.

<sup>276</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>277</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 7 de maio de 2000.

<sup>278</sup> Ata da Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) de 7 de maio de 2000.

O depoimento de Fabrícia Nascimento, menina que representou a Princesa Isabel a convite de Dona Conceição Bispo, no ano de 2004, é bastante significativo para nos fazer perceber como é a Missa Conga celebrada no dia da Abolição da escravatura. Segundo a entrevistada, os *negros do Rosário* representam, nessa data, os escravos. A leitura da lei Áurea e a quebras das correntes, são simbolismos com os quais essa celebração reconstrói no presente suas histórias passadas:

Ela é naqueles moldes, só que antes, tem a leitura da Lei Áurea. E tem o pessoal, nesse ano, e no ano passado eu não fui assistir, mas nesse ano teve todo pessoal vestido, dos tipos mesmo dos escravos. Então depois que eu li a Lei Áurea, eu fiz, a encenação da quebrando as correntes. Uma corrente sabe? Então tinha esse menino, e tinha um outro senhor também, mais velho, vestido também como de escravo, e eu tirava as correntes, sabe? É muito bonito. E é o tempo todo muito comovente. A Missa do 13 de maio ela é maravilhosa, o canto deles é um canto muito sofrido, então quando eles fecham as portas e a Princesa Isabel fica do lado de dentro e eles ficam fora, e batem pedindo pra eles entrar que agora eles são livres e eles podem entrar na Igreja e rezar e tal, então é uma coisa assim, que chega até assim, dá uma revolta na gente, sabe? De pensar assim, nossa como que era injusto, né? Eles não terem nem o direito de rezar, de entrar numa igreja e rezar, quanto... De onde vem a desigualdade social?<sup>279</sup>

A comemoração do dia 13 de maio pelos congadeiros passa a ocorrer a partir do ano de 1988 quando coincidiu com a comemoração do centenário da abolição e também com o momento em que a *Gazeta de Minas* passa a noticiar essa data.

Porém, muitos participantes da festa, ainda hoje, não atribuem grande importância a celebração realizada. Tanto é que em várias reuniões, pede-se aos capitães de terno uma maior mobilização de seus dançadores. Segundo a Secretária da Associação dos Congadeiros, Heloisa Helena, essa não participação ocorre porque muitos integrantes trabalham fora da cidade e assim não moram em Oliveira, o que torna difícil comparecerem nas comemorações do dia 13 de maio.

Há indícios de que a não adesão dos congadeiros nessa comemoração, em Oliveira, esteja relacionada ao fato de que muitos dos integrantes participam do Congado para sentirem-se valorizados durante a semana da festa. Como a celebração do dia 13 de maio é mais simples e não têm tanta visibilidade quanto a festividade de setembro preferem não participar.

A outra está ligada ao fato da festividade de setembro já lembrar o período escravista. O depoimento do capitão Antônio Eustáquio é significativo a esse respeito:

---

<sup>279</sup> Entrevista realizada pela autora com Fabrícia Nascimento, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

Porque tudo foi pelo que a gente sabe, pelo que eu sei tudo foi assim. Só que hoje existe essa sofisticação de instrumentos melhores quando que os nossos antepassados não tinham condições porque eles não tinham tempo eles trabalhavam forçados. Todos os momentos que eles faziam nesse aí movimento era só lá dentro da senzala. Fazendo no momento que ele teria pra descansar. **Mas fazendo aquilo na época eles faziam pedindo essa liberdade que nós temos hoje, para os filhos para, por exemplo, para os netos, para os bis bisnetos o qual nós viemos alcançar. Então hoje já fazemos o contrário. Agradecemos por nós ter esse privilégio.** Quando eles faziam isso eles faziam chorando porque eles tinham medo de nós dos netos, os filhos, por exemplo, passar por aquilo que eles testavam passando no momento. Então, por louvar Nossa Senhora do Rosário por eles ter muito sofrimento e muita resistência é que eles conseguiram que hoje estamos em plena essa liberdade que nós temos. O que nós temos que fazer? Dar seguimento, dar seqüência fazer um tipo de um ritual que é um trabalho já fazendo em agradecimento por nós ter, nós ter alcançado essa grande graça que eles morreram. Igualzinho hoje nós temos é a palavra que Jesus morreu pra nos salvar, então a mesma coisa o mesmo acontecimento não comparando o mal, é claro, mas os nossos antepassados sofreram até morrer pra nos dar essas condições hoje de liberdade. **Agora nós vamos cruzar os braços, sorrir vamos supor dançar, se a gente dança um samba, se dança um pagode se, por exemplo, dança um bolero ou mesmo é um forró porque que a gente não pode fazer um trabalho dançante agradecendo à Nossa Senhora por nós ter essas condições por nós ter essa liberdade.** Então é uma coisa que cada um se movimenta dentro daquilo que ele acredita. É onde nós acreditamos nesses acontecimentos passados. É onde nós acreditamos que nós deveríamos dar seqüência pra essa tradição não acabar. (grifos meus)<sup>280</sup>

Hobsbawm aborda o conceito de “tradição inventada” que, segundo ele, se estabelece através de um conjunto de práticas que podem ou não ser de criação recente, repetição constante e relação que estabelecem com o passado. Porém essa relação da “tradição inventada” com o passado é artificial.<sup>281</sup> Compreendo que a nova data na celebração congadeira é uma nova tradição que se instaura na comunidade, mas não é uma “tradição inventada”, já que os participantes se apropriam de histórias e memórias passadas que ainda hoje tem significado para eles, não se constata assim artificialidade nessa celebração. Entendo a tradição como algo que não é fixo e que se transforma a partir dos significados que os participantes da festividade lhe atribuem.

Para alguns congadeiros a festa da abolição não possui sentido em sua memória, não faz parte da sua leitura de passado, já que em setembro relembram o tempo do cativo, assim, a nova festividade passa a ser desnecessária. Já para outros, o festejo de maio possui um significado importante, a leitura que fazem do passado escravista é

---

<sup>280</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>281</sup> HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p 9 e pp 10.

presente em suas memórias, sendo necessário lembrar tanto em maio quanto em setembro.

Na comemoração do dia da abolição com a guarda de escravos e com a leitura da Lei Áurea pela jovem que representa a princesa Isabel, os congadeiros atualizam o passado no presente. É uma forma de os integrantes não se esquecerem do tempo do cativo, de se conscientizarem da história do negro e da luta de seus antepassados para conquistarem a sua liberdade.

## **2) Ensaios.**

A partir de junho a Associação dos Congadeiros de Oliveira (ACOL) libera os capitães de terno para começarem os ensaios. Normalmente acontece no terreiro/quartel (local onde os congadeiros se reúnem para buscar os reis e as rainhas durante os festejos) do capitão do terno. Os ensaios, segundo os capitães entrevistados, são importantes porque de um ano para outro entram dançadores novos e também é uma forma de preparação física para a semana da festa, já que nesta os integrantes dançam, cantam e caminham muitas horas por dia. Nos ensaios eles não saem às ruas da cidade, mas dançam e cantam os pontos puxados pelo capitão. É o momento dos dançadores e tocadores de instrumentos aprenderem o ritmo e as letras das músicas. Várias vezes o capitão interrompe o ensaio para explicar o ritmo e o ponto correto. Além de aprenderem os pontos/músicas que serão entoadas durante a semana da festa, através deles os dançadores conhecem a história da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Em diversos momentos, o capitão de guarda pára o ensaio para dizer qual ritmo que quer e também o faz para explicar o que aquela música significa e a sua importância na tradição do Congado. É, portanto, nos ensaios que os capitães vão, aos poucos, passando para os dançadores os conhecimentos sobre a festa – alguns para aprendizagem imediata, outros para aquisição com o passar do tempo.<sup>282</sup>

No quartel/terreiro pesquisado ficam concentrados três ternos diferentes: o Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Congo de Nossa Senhora do Rosário. Cada um deles tem seus capitães específicos. Assisti a um ensaio que não contava com todos os ternos que ficam nesse local, pois muitos dançadores moram na cidade de Belo Horizonte. Os ensaios, normalmente, são

---

<sup>282</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

realizados à noite e de 15 em 15 dias para que os dançadores que moram fora e trabalham possam estar presentes.

Uma questão importante no terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês é o comparecimento aos ensaios. Os dançadores só podem participar da semana da festa se estiverem presentes aos ensaios. Os capitães Antônio Eustáquio e Pedrina Lourdes dos Santos colocaram em 2007 uma lista de presença para terem maior controle da participação dos congadeiros, quem freqüentava ou não os ensaios. Caso um integrante não fosse e quisesse participar da festa era proposta uma votação entre os dançadores para que eles decidissem se aquela pessoa podia ou não dançar.

### **3) Levantamento dos mastros.**

Os mastros da festa são levantados um mês antes do início da festa, em um domingo no princípio de agosto, e indicam que os festejos se iniciarão dali a um mês<sup>283</sup>. É o momento em que os congadeiros pedem licença à Nossa Senhora para o começo dos preparativos da festa.

Os mastros durante o ano ficam guardados na capela Santa Terezinha anexa ao Ginásio Mário Campos e Silva. Todos os ternos acompanham o trajeto da capela até a Praça XV de Novembro, local que eles serão erguidos juntamente com as bandeiras dos santos padroeiros, mas quem os carrega são os ternos de Catopés. São cinco mastros referentes aos santos padroeiros da Festa do Rosário em Oliveira: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida<sup>284</sup>.

---

<sup>283</sup> Assim como quando perguntados sobre o porquê da festa ser realizada em setembro, a mesma resposta ocorre o porquê dos mastros serem levantados um mês antes da festa, é tradição. Em outras cidades os mastros podem ser levantados um mês antes, duas semanas ou um dia antes da festa começar.

<sup>284</sup> O Reinado de Nossa Senhora Aparecida foi formado na década de 1970 como será abordado no quarto capítulo.



**Os mastros sendo retirados da capela para serem erguidos na Praça XV de Novembro.<sup>285</sup>**

Antes de irem para a Praça XV os ternos de Moçambique vão às casas das mordomas, pessoas que guardam a bandeira do seu santo durante o ano, buscar a bandeira que será erguida juntamente com os mastros. Segundo a capitã Pedrina, a tradição da festa atribui aos ternos de Catopé guarnecer os mastros e os de Moçambique as bandeiras.<sup>286</sup>

---

<sup>285</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

<sup>286</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.



**Terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês buscando a bandeira, na casa de sua mordoma, para ser erguida junto com os mastros.<sup>287</sup>**



**Reis congos do Reinado de Nossa Senhora das Mercês carregando a bandeira.<sup>288</sup>**

---

<sup>287</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

<sup>288</sup> Idem.

Ao chegar à Praça XV de Novembro os mastros são colocados na beira da praça e os ternos de Moçambique referentes ao santo do mastro ficam em volta dele, cantam e dançam os pontos específicos para o momento de levantá-los. É erguido um mastro de cada vez, e segundo a tradição congadeira os ternos de Moçambiques não podem parar de dançar e cantar enquanto o outro mastro está sendo levantado. Eles ajudam, com suas músicas, a levantar o mastro do outro santo padroeiro.



**Levantamento da bandeira de Nossa Senhora das Mercês na Praça XV de Novembro.<sup>289</sup>**

#### **4) A semana da festa em Oliveira: o Boi do Rosário.**

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Oliveira, acontece durante uma semana. Começa no sábado com o Boi do Rosário. O Boi do Rosário é representado por uma pessoa que veste uma roupa confeccionada de chitão estampado, chamada de balaio, com fitas amarradas em seu chifre. Segundo a memória oral dos depoentes, o Boi do Rosário existe desde o período escravocrata, e como na época não havia meios de comunicação de massa, sua finalidade era anunciar para a cidade que os festejos começariam no dia seguinte, o que permanece até os dias atuais. O Boi do Rosário

---

<sup>289</sup>Idem.

percorre todos os bairros da cidade, com muita gente acompanhando-o. Todos cantam ao som dos tambores: “eh boi, eh boi”. Pude observar que na memória dos atuais congadeiros existe uma relação entre o boi, o período da escravidão e da abolição, como nos conta Heloisa Helena:

O boi sai na véspera do primeiro reinado e da Missa Conga, aí ele tá anunciando os festejos vindouros. E o Boi do Rosário tem pra nós um significado muito importante pra nós, porque além dele tá anunciando que a festa tá chegando, ele é uma figura importante, é uma figura religiosa também da festa. Conta-se que por ocasião da libertação dos escravos, um fazendeiro que não mantinha os seus escravos em cativeiro deu pra ele, quando foram libertados deu um boi para que eles fizessem uma farra e cantavam e muitos vinham de outras fazendas que eram açoitados, muito castigados, reprimidos. Então, o que eles tomaram pra eles? A farra que eles iam fazer era soltar o boi pelo pasto e sair gritando a liberdade. Então, hoje esse boi do Rosário é o boi da liberdade, na verdade, eles preferiram fazer isso do que sacrificar o animal como muitos eram sacrificados.<sup>290</sup>

Antes de sair às ruas, os participantes da festa realizam um ritual na Casa do Congadeiro, sede da Associação dos Congadeiros de Oliveira, com o Boi do Rosário, como relata a entrevista realizada pela *Gazeta de Minas* de 6 de setembro de 1998 com Maurício Almeida, integrante da direção na época:

Antes de sair, o Boi é bento pelo capitão condutor. Segundo a crença, o bom andamento da Festa do Rosário depende do desempenho do Boi em seu itinerário pelas ruas da cidade. Brigas e confusões que possa acontecer poderão se refletir no transcorrer da festa, que se inicia no dia seguinte e se prolonga por toda a semana. Para que tudo transcorra bem, antes de sair pelas ruas são feitas orações: um Pai Nosso e um Terço são rezados pelos presentes.<sup>291</sup>

---

<sup>290</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>291</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CXII, nº 2389, 6 de setembro de 1998, p 7.



**Boi do Rosário na Praça XV de Novembro.<sup>292</sup>**

Os capitães de terno devem acompanhar o trajeto do boi, seguindo-o em oração, e também devem ficar ao pé dos mastros quando o mesmo por ali passar. O boi ao percorrer os bairros da cidade passa nas casas dos reis e rainhas congos e perpétuos.

No domingo antes da Missa Conga é feita a Alvorada dos ternos, que, segundo Antônio Eustáquio, inicia-se às 5 horas de manhã e os congadeiros têm de: “rezar o terço, e depois sair. É... indo até as portas das principais igrejas que nós cruzamos em agradecimento e retornando, passando na porta da onde é hoje o nosso quartel da casa dos congadeiros até chegar no quartel de origem.”<sup>293</sup>

Depois da Alvorada dos ternos ocorre a Missa Conga no domingo pela manhã. No primeiro capítulo aprofundou-se a relação dos congadeiros com alguns representantes da Igreja Católica, e como ficou explicitado não é uma relação harmoniosa, muitos são os embates ainda travados em Oliveira. Mas com a abertura de alguns padres, os congadeiros conseguem realizar a missa dentro da Igreja, com o toque de seus instrumentos.

No domingo à noite começam os Reinados dos santos homenageados em Oliveira. A festa termina no domingo seguinte com uma procissão que contorna a Rua Direita e passa em frente à antiga Igreja do Rosário. Nesta procissão que conta com a participação de todos os ternos e realeza congadeira, principalmente os congos,

---

<sup>292</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do ano de 2008.

<sup>293</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

perpétuos e a jovem que representa a Princesa Isabel, os dançadores e capitães de terno carregam em um andor as imagens dos santos homenageados durante a semana da festa. Após a procissão há o descimento dos mastros que marca o fim do festejo congadeiro. Depois do descimento dos mastros, os ternos de Moçambique entregam a bandeira para a mordoma, que irá guardá-la durante mais um ano, e os ternos de Catopés levam os mastros para serem guardados novamente na capela anexa ao Ginásio Mário Campos e Silva.



Procissão de encerramento da Festa de Nossa Senhora do Rosário.<sup>294</sup>



Procissão de encerramento da festa.<sup>295</sup>

<sup>294</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2009.



**Terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês em frente à casa da mordama de sua bandeira.<sup>296</sup>**

### **5) As visitas durante a semana da festa.**

Os ternos, mais especificamente o do quartel pesquisado, vão ao cemitério visitar seus antepassados. Ali cantam, dançam e tocam seus instrumentos. Saem também durante o dia para fazer visitas a pessoas doentes, a escolas e a asilos. Os ternos levam a bandeira de Nossa Senhora para dentro das casas e abençoam as pessoas que ali estão. Atualmente muitos ternos não fazem mais esse tipo de visita, pois alegam que trabalham durante o dia e não têm tempo para realizá-la. Segundo o capitão Antônio Eustáquio:

---

<sup>295</sup> Idem. Na foto as pessoas que estão carregando a bandeira do santo são os reis congos do Reinado de São Benedito.

<sup>296</sup> Idem. Os dançadores nesse momento estão rezando, antes de entregarem a bandeira para a mordoma que irá guardá-la por mais um ano em sua casa.

É... O que tá em cima de um leito na cama, não pode levantar a gente faz questão de ir lá dentro, se a casa se o quarto tiver condições vai o terno todo de vez, se não tiver a gente tá cantando lá fora e cada hora vai um dos dançadores lá dentro cumprimentar aquela pessoa. Felizmente ainda fazemos isso, por ser o único, mas ainda fazemos isso, felizmente ainda fazemos isso aí e às vezes contra a vontade de alguns dos nossos próprios dançador e, principalmente, aqueles que estão ali só pra participar. Por exemplo, nós temos um tio que já foi dançador do terno e agora tá lá em cima de uma cama lá da coisa é sofreu, teve derrame, fala muito torto, o braço direito não funciona é... a perna e o braço esquerdo não funciona, a perna esquerda teve que ser amputada e ele vive do mesmo jeito. Nós fazemos questão de levar o pessoal lá dentro pra ver a casinha dele ali é muito assim pequena assim então com as coisinhas estão não tem como o terno entrar todo e bater lá pra ele. Toca lá de fora lá na sala e de cada hora vai lá um dançador lá conversar com ele um pouquinho e mesmo assim ele está nessas condições todas e não é capaz de correr água no olho de arrependimento não, tá alegriinho lá, tá satisfeito de ter de ir lá pra ele ver.<sup>297</sup>

Além dessas visitas, algumas pessoas da cidade oferecem um lanche para o mesmo terno há alguns anos.



Vista dos ternos de Moçambique e Congo de Nossa Senhora do Rosário.<sup>298</sup>

## 6) O capital simbólico dos capitães de ternos.

Tornar-se um capitão de terno não acontece de um dia para outro, mas é um processo de permanente formação. Normalmente, os atuais capitães começaram

---

<sup>297</sup> Idem.  
<sup>298</sup> Idem.

dançando ou tocando algum instrumento em um terno e depois de um tempo é que passaram a exercer a função. Muitos dos atuais congadeiros substituem capitães de sua família já falecidos. Ratifico esse fato com o depoimento da capitã Pedrina:

Capitão é uma formação, ninguém nasce capitão, vai se formando ao longo dos tempos. Eu entrei pra capitania em 1980, já tenho 27 anos de capitania junto com meu irmão. Foi quando meu pai, o capitão Leonídio, não pode mais, estava doente, aí nós assumimos, em 81 ele faleceu. Desde então o Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, nós estamos com ele.<sup>299</sup>

Quando um congadeiro torna-se capitão de terno existe uma cerimônia, um rito de passagem. Os capitães em seus terreiros passam em baixo do Rosário três vezes, simbolizando a transformação de um dançador em capitão.<sup>300</sup>

Porém, passar em baixo do Rosário não significa dizer que a formação do capitão esteja completa, eles adquirem conhecimentos específicos para a sua posição continuamente. No terreiro pesquisado existe o terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário que foi constituído no ano de 2004 e seus capitães apesar de dançarem no Moçambique de Nossa Senhora das Mercês desde pequenos ainda estão aprendendo a função de capitães. Ester e Carlos que estão desde o início da formação do terno afirmam que a capitã Pedrina, mãe e tia, respectivamente, os ajudou muito na preparação, mas a preocupação dos capitães era com a prática: Como fazer para tirar um rei? Que pontos puxar? O depoimento de Carlos, estudante do curso de matemática, afro-descendente, que tem 28 anos e é filho da falecida rainha conga do Reinado de São Benedito- Amásia-demonstra essa apreensão: “Eu sei, ela deu dica, ou seja, ela falou na teoria, e a prática? Tu vai lá e se vira, entendeu, e a prática?”<sup>301</sup>

Os capitães desse terno, incluindo Washington, afro-descendente, com 23 anos, jornalista, e entrou em 2009 para a capitania, afirmam aprender muito no contato que mantêm com outras irmandades congadeiras do Estado de Minas Gerais. Ester tem uma maneira peculiar de aprender com as outras irmandades: é no enterro de congadeiros. Segundo ela, esse é um momento muito difícil para a irmandade, já que os falecimentos podem ser uma provação, quando ocorrem perto dos festejos, por exemplo, fazem com

---

<sup>299</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>300</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>301</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Carlos Tadeu Sabino Gonçalves, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

que os integrantes tenham que decidir se irão continuar a praticar sua manifestação cultural ou interrompê-la. Ester, formada em psicologia, afro-descendente, filha da capitã Pedrina, cita o exemplo da irmandade de Novo Progresso:

Mas, por exemplo, na irmandade de Novo Progresso, em Contagem, quando morreu a Dona Efigênia lá, que ela era capitã do Congo lá que ela ajudou muito na festa, ajudou a fundar muita coisa ali. Era um momento que... Eu vi a fé daquele pessoal sendo afirmada naquele momento assim. Ela faleceu, nós vamos levá-la até o cemitério, vamos enterrar, mas vamos continuar. A gente vê isso pelas ações, pelos cânticos mesmos que eles têm aquela música que a gente aprendeu lá.

Ô mamãe, não deixa o seu filho chorar

Ô mamãe, não deixa o seu filho chorar

Não deixa a coroa cair, não deixa o reinado acabar

Não deixa a coroa cair, não deixa o reinado acabar<sup>302</sup>

Ainda sobre o aprendizado dos capitães, todos afirmam que é muito difícil o acesso à informação, ao conhecimento necessário para exercer a capitania. A capitã Pedrina relata que a Festa do Rosário é uma sociedade fechada e que:

Então, eu avalio o meu conhecimento quando eu falo pra quem sabe igual aos capitães mais velhos porque a Festa do Rosário tem isso é uma sociedade fechada pra isso tem os ensinamentos. Então você nunca vai ter alguém, por exemplo, meus filhos nunca vão ter alguém que fale igual eu falo não. Os capitães que sabem eles não falam, sabem, têm dois receios: um receio é de passar conhecimento pra as pessoas imaturas, que é muito pertinente isso, o outro é o medo mesmo: eu vou falar pra fulano ele vai saber mais do que eu, têm essas duas vias. Então as coisas que eu aprendi foi em conversa, igual tá eu e você, tem uma festividade, seja dentro da Irmandade, seja, igual nós já fizemos, um cortejo saindo daqui.<sup>303</sup>

Os conhecimentos adquiridos pelos capitães perpassam todo o ritual, antes das festividades congadeiras- o treze de maio, o levantamento dos mastros e a semana da festa- quando fazem uma preparação para essas celebrações: não comem carne, fazem abstinência sexual e de bebida alcoólica, rezam o Rosário e não falam palavrões durante os quinze dias que antecedem a festa.<sup>304</sup>

---

<sup>302</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>303</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>304</sup> Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009, nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

A função do capitão dentro do terno é de comandar os seus dançadores, instruindo-os corretamente sobre o ritmo das músicas, e sobre a música que será cantada, já que cada ponto é apropriado para um momento do ritual congadeiro. Os capitães ficam no meio do terno e puxam os pontos que são repetidos pelos dançadores. É fundamental percebermos que os pontos já são há muito tempo cantados e são improvisações que os capitães fazem.

Ao chegar à casa dos reis, rainhas, príncipes e princesas os capitães de terno pedem para que eles os acompanhem, com suas falas improvisadas. Só entra a bandeira do terno para abençoar o lar e as pessoas que lá estão presentes, enquanto os dançadores e tocadores de instrumentos ficam do lado de fora cantando os pontos. As improvisações podem ser exemplificadas na fala da capitã Pedrina:

Está chegando a nossa hora, hora sagrada, ei senhor rei (2x), viva a coroa toda iluminada. Essa festa do Rosário é uma festa diferente, acorda quem ta durmindo e dura quem ta dure. Ei senhor rei (2x) mamãe das Mercês ta te chamando, pra cumprir essa missão de andar o mundo afora, levando para toda gente benção de Nossa Senhora. Sr rei cheguei aqui, eu cheguei aqui agora, vim pedir a sua benção em nome de Nossa Senhora. Oi viva negro de coroa, oi viva negro coroado, o negro de coroa é um negro iluminado, vou pedir a sua benção, sua benção vou ganhar e depois nossa mãezinha ela que vai nos guiar. E com amor no coração e com muita alegria, vamos cumprir a nossa missão, festejar a virgem Maria. Vamos indo senhor rei, vamos indo de vagar, vou pedir pra Nossa Senhora de passo em passo nós chegamos lá.<sup>305</sup>

É fundamental deixar claro que esse pedido só pode ser feito pelo capitão, é ele que tem o capital simbólico para realizá-lo. Aproprio-me do conceito de capital simbólico de Bourdieu:

As condições a serem preenchidas para que um enunciado performativo tenha êxito se reduzem à adequação do locutor (ou melhor, de sua função social) e do discurso que ele pronuncia. Um discurso performativo está condenado ao fracasso quando pronunciado por alguém que não disponha do 'poder' de pronunciá-lo. De maneira mais geral, todas as vezes que 'pessoas ou circunstâncias particulares' não sejam 'as mais indicadas para que se possa invocar o procedimento em questão', em suma, sempre que o locutor não tem autoridade para emitir as palavras que enuncia.<sup>306</sup>

---

<sup>305</sup> Filmagem realizada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira no ano de 2008.

<sup>306</sup> BOURDIEU, P. *Linguagem e poder simbólico*. pp 89.

É o capitão quem deve, dentro do terno, assim como no momento de pegar um rei para levá-lo até o palanque, fazer o “discurso performativo”, pois este para ser eficaz sobre os outros depende da função social de quem o pronuncia, no caso o capitão de terno.

É também o capitão que tem o capital simbólico na formação dos dançadores e tocadores de instrumentos, ensina sobre a história da festa e sobre a função de cada um dentro do terno, já que ser dançador também é um aprendizado. É o capitão que sabe o melhor momento para ensinar aos seus integrantes os mandamentos e fundamentos da festa. Segundo a capitã Pedrina:

Então eu explico pra eles sempre, porque tem a disciplina, a gente não vai soltando as coisas não porque eu não sei se aquele dançador vai permanecer ou não, o que vai ensinar mesmo é depois de um certo tempo que aquele vai permanecer lá. Mas no geral aquilo que eu posso falar que vai dar pra eles um embasamento aí eu falo lá no terreiro quando a gente está ensaiando, conversamos, paramos os ensaios, ensina, eu ou a Ester, os meninos.<sup>307</sup>

Os pontos, na concepção dos *negros do Rosário*, são orações que eles fazem pedindo força e proteção à Senhora do Rosário para agüentarem a semana da festa e, expressam também, seu agradecimento à ela e a todos os santos padroeiros. É interessante observar que o capitão ao puxar determinada música demonstra seu conhecimento, ou seja, existem pontos adequados para cada situação dentro do ritual congadeiro. Os capitães, através desses conhecimentos, constroem o patrimônio dos *negros do Rosário*. Como nos diz a capitã Pedrina:

São ensaiados porque a maioria ali, muitos já sabem, muitos anos, com os novos que a gente treina mais. Agora todos eles, o capitão tem que saber que pra cada situação tem um canto porque pra cada carga de energia existe um ritmo, existe um canto, isso é uma das coisas que faz diferenciar um capitão do outro, que esta começando a entender de quem não sabe nada. A pessoa tem que saber a hora que canta e como. Porque naquela repetição você está canalizando forças, aquela repetição do refrão, daquele movimento, daquela tocada, você ta canalizando forças, você está favorecendo isso. Do contrário é ajuntamento de gente quando fica batendo muito, se a maioria não está voltada eu percebo que aquilo ali não está favorecendo. Às vezes não está respondendo, não está dançando, ah eu to cansado, ah eu to... Não. Por isso existe essa seleção, de não poder participar todo mundo, a pessoa pra participar tem que estar imbuída desse sentimento.<sup>308</sup>

---

<sup>307</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>308</sup> Idem.



**Capitão Carlos com seu o terno reverenciando os mastros erguidos no seu terreiro.<sup>309</sup>**

Através dos pontos capitães de diferentes guardas podem testar os conhecimentos um dos outros. Como nos conta novamente a capitã Pedrina:

Porque o que eu percebo ao longo desses 27 anos há um duelo de forças que é simplesmente de má intenção: eu não gosto da Pedrina então o que eu puder fazer pra derrubar a Pedrina eu vou fazer. Agora existe um outro duelo que eu percebo nas outras Irmandades que não é um duelo só porque eu não gosto da Pedrina não, eu como conhecedor do fundamento eu vou ver até aonde a Pedrina sabe, até aonde ela agüenta. O que eu acho que não é correto é que é o que eu compreendo como maneira de reconhecimento daquilo que eu falo o que é fundamento e mandamento. Se você é capitã, Fernanda, eles vão testar seu conhecimento a maneira desses fundamentos e dos mandamentos, então vamos fazer isso assim, vamos ver se ela consegue segurar isso. Esse tipo de coisa a gente não abre, como fazer, nada, mas se a pessoa sabe ela vai. Há uns anos, o terno da...na época que meu pai ainda estava com saúde houve um duelo de capitães tão fortes que no Reinado de São Benedito ele foi tomado intuitivamente ele saiu fora antes.<sup>310</sup>

Ainda sobre os pontos congadeiros, os participantes da festa relatam que em outros tempos havia muita demanda entre os capitães de guarda. Os pontos eram mais fortes e, muitas vezes, tinham o intuito de prejudicar outro terno. Alguns congadeiros afirmam que hoje em dia não existe mais esse tipo de ponto, eles alegam que através deles as formas sincréticas de religiosidade também se manifestavam, o que era usado como um dos motivos da proibição do Congado. É interessante atentar que os pontos são

---

<sup>309</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2009.

<sup>310</sup> Idem.

mensagens cifradas pelos *negros do Rosário*, através deles os mistérios do Congado se concretizam. O depoimento do capitão Antônio Eustáquio é importante a este respeito dos pontos:

Tem que responder adequadamente. Aí nós vamos fazer até sair do limite. Eu achei que sou mais forte, que sou mais bem ensaiado que você, você vai e solta pra mim: se você acha que é bom, se você acha que (inaudível) você é olha lá em cima a coroa do mestre que ta caindo (no caso a coroa do mestre é a coroa de Deus). Então, acabou você me desarmou aí eu volto e aí parto pra ignorância pra cima de você, vira aquele tumulto, os dançadores é o que havia muito antigamente. Mais forte. Era forte, então, por exemplo, o pai contava que um capitão chegava cantando, pegava o bastão dele assim passava pra lá, aquela coisa daí a pouco começa a subir, a brotar na terra, não tinha, não tinha calçamento, uma bananeira aí ele ia cantando, ela ia crescendo, crescendo, crescendo, crescendo, vinha o umbigo dela e dava o cacho, saía, crescia e tava cantando a bananeira, dava o cacho, amadurecia, ele ia lá, cruzava aquilo, apanhava uma banana e dava pra cada um dos seus dançadores. Isso é uma lenda que meu pai contava, cantava bananeira, dava cacho, cozia a banana e dava pros dançadores. Os antigos, não da época dele, nessa época ele era menino.<sup>311</sup>

Ao puxar os pontos nos ternos de sua responsabilidade e ao responder a capitães de outros ternos, demonstram seu conhecimento sobre os mistérios que a tradição da festa envolve, revelam aos demais participantes o que sabem sobre os mandamentos e fundamentos da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Além disso, o capital simbólico dos capitães caracteriza também, pelo menos nos três ternos pesquisados, a permissão ou não a idas ao banheiro e a ingestão de água durante as caminhadas pelas ruas da cidade. Os capitães são muito rigorosos com seus dançadores, normalmente quando um dançador sai para ir ao banheiro vai acompanhado do capitão.

A relação entre os capitães e os participantes do terno não se restringe ao momento da festa, em muitos casos eles mantêm contato e se ajudam fora deste período. Em janeiro de 2008 estive em Oliveira e fiquei sabendo que uma dançadora do terreiro dos “Leonídios” teve um filho em uma situação bastante difícil. A capitã Pedrina, a rainha perpétua Dona Cleusa, o capitão Carlos, a bandeireira Nega e outros prontamente a ajudaram com o bebê, levando leite, fraldas e roupas.

---

<sup>311</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

Assim, o capital simbólico do capitão se concretiza tanto no momento da festividade com a colocação dos pontos corretos dentro do terno, na hora de buscar e devolver seus reis, no enfrentamento com outros capitães, na disciplina com seus dançadores, quanto no momento fora do ritual congadeiro, inclusive com ajuda financeira e aconselhamentos.



**Capitão Antônio Eustáquio comandando o seu terno.**<sup>312</sup>

....

Ao assistir algumas rodas de jongo e leituras realizadas sobre a temática percebi que o Congado e jongo têm inúmeras convergências. Dentre elas, posso destacar os pontos/músicas entoados pelos participantes dessas manifestações culturais, eles ao cantarem suas músicas fazem leituras de um passado comum- a escravidão, libertação do cativo e devoção aos santos, em especial Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O objetivo aqui não é analisar diversos pontos de Congado e jongo para pensar a similaridades dessas manifestações culturais e sim apontar essa questão, sendo possível desenvolver essa temática em outro momento.

---

<sup>312</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, do ano de 2008.

No Congado canta-se: “Eh estava dormindo, Sá rainha me chamou, acorda nego, cativo acabou”<sup>313</sup>. Em um ponto de jongo, coletado por Stanley J. Stein em Vassouras, no Rio de Janeiro, em 1949, cantava-se assim: “Tava dormindo cangoma me chamou, levanta povo que o cativo acabou”.<sup>314</sup>

Porém, o que mais me chamou a atenção foi que ao assistir uma roda de Candombe percebi um ritmo muito próximo ao jongo, o que não ocorre quando os ternos saem às ruas. Ao invés das caixas, os *negros do Rosário* tocam o tambor no seu terreiro.

Ao perguntar à capitã Kátia, filha da falecida rainha conga do Reinado de São Benedito- Amásia-, afro-descendente, com 29, moradora de Betim e que na época da entrevista trabalhava no PROJOVEM, sobre a semelhança do Candombe e jongo recebi a interessante resposta:

Mas é assim. Tudo é muito parecido tudo tem o mesmo fundamento. Se você tá ouvindo Ivete Sangalo cantar e for observar só a percussão fazer uma ligação é parecido. O toque, o jeito de tocar vem no... Vai tudo voltar no mesmo lugar porque tudo que... O tambor é oração né? O tocar o tambor, o som do tambor toca uma oração. Então aonde você tá tocando não tem como você tá tocando... Os ritmos são bem próximos, bem parecidos. Você pode tá aqui, pode tá no Maranhão, pode estar na África vai tá sempre tocando bem próximo, bem... Porque o fundamento é o mesmo. A essência do toque vai ser sempre a mesma independente da onde você tiver.<sup>315</sup>

Alguns pesquisadores já apontaram a semelhança entre essas expressões culturais como Gustavo Pacheco<sup>316</sup> que ao ler o livro de Glaucia Lucas<sup>317</sup> percebe elementos próximos entre o Congado e jongo, no que se refere aos pontos cantados sobre a Princesa Isabel. Edmilson Pereira<sup>318</sup> já realizou uma análise entre o jongo, o Candombe mineiro, do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da Argentina. Pereira afirma que “a herança do escravismo, a luta contra a exclusão étnica, a reelaboração de símbolos ancestrais e o diálogo com o catolicismo são, dentre outros, fatos que aproximam os afro-descendentes

---

<sup>313</sup> Ponto coletado pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira, entre os anos de 2008 e 2009.

<sup>314</sup> PACHECO, Gustavo. Memória por um fio: as gravações históricas de Stanley J. Stein. IN: LARA, Silvia Hunold e PACHECO, Gustavo. Memória do Jongo. *As gravações históricas de Stanley Stein*. Rio de Janeiro, Folha Seca, Campinas, SP: CECULT, 2007, pp 27.

<sup>315</sup> Entrevista realizada pela autora com Kátia, capitã do terno do Congo de Nossa Senhora do Rosário, em setembro de 2008.

<sup>316</sup> PACHECO, Gustavo. Memória por um fio: as gravações históricas de Stanley J. Stein. IN: LARA, Silvia Hunold e PACHECO, Gustavo. Memória do Jongo. *As gravações históricas de Stanley Stein*. Rio de Janeiro, Folha Seca, Campinas, SP: CECULT, 2007.

<sup>317</sup> LUCAS, Glaucia. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

<sup>318</sup> PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Os tambores estão frios. Herança cultural e sincretismo no ritual de Candombe*. Juiz de Fora, Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005, pp 436.

em sua experiência histórica, mas que, também os distanciam, na medida em que eles estabelecem leituras específicas para o mesmo fato”. Sobre a similaridade entre o jongo e Candombe mineiro, Pereira apropria-se de Slenes, pois segundo este autor, essas manifestações culturais fazem parte de um complexo cultural banto, oriundo do século XIX<sup>319</sup>.

As manifestações culturais, aqui representadas pelo jongo e pelo Congado, mantêm ligações com o passado africano e com as novas vivências que foram estabelecidas no contato com o Novo Mundo. Compreendo que as diferenças e semelhanças que ocorrem nas expressões culturais podem ser percebidas através de memórias e histórias similares e também na construção, por parte dos integrantes, de uma identidade negra. Para discutir essas semelhanças e diferenças entre o Congado e o jongo recorro a algumas discussões que estão cada vez mais presentes.

Gilroy em “O Atlântico Negro” analisa a construção da identidade negra no contexto da diáspora, tendo como um dos fios condutores da discussão a música negra. Em um primeiro momento reflete sobre como foi possível a apropriação de formas, estilos e histórias semelhantes, apesar da distância física das comunidades negras. As comunidades da diáspora são ao mesmo tempo similares e diferentes, o que demonstra o fluxo da cultura negra, e como a negritude foi elaborada na Europa e em outros continentes dentro de espaços clandestinos. Segundo o autor, é importante pensar as similaridades e diferenças entre as culturas negras, tendo como perspectiva o seu caráter plural localizado em diferentes partes do mundo pensando a partir das culturas geradas no Novo Mundo e as herdadas da África.

Para Gilroy, as semelhanças nas culturas negras foram facilitadas pela experiência urbana, segregação racial, memória da escravidão, legado de africanismos e experiências religiosas. Nesse sentido, a cultura e a identidade negra elaborada na diáspora africana são indissociáveis da memória da escravidão, e é a partir do horror do cativo e da experiência do racismo que se constrói politicamente a identidade negra no Ocidente.<sup>320</sup>

Hall ao abordar o significado da África no Novo Mundo, afirma a impossibilidade de reconstruirmos a África de cinco séculos atrás. Para Hall, devemos sim reconstruí-la, mas a partir do que ela se transformou no Novo Mundo e do que nós

---

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, Rio de Janeiro, UCAM/Editora 34, 2001.

fizemos dela, sendo fundamental fazê-lo “através da política, da memória e do desejo”.<sup>321</sup> Outro autor que reflete sobre o tema é Price que utiliza o conceito de criouliização para pensar as transformações ocorridas nas culturas negras no contexto da diáspora. Ambos defendem que devemos pensar nas transformações que ocorreram nas culturas negras e o que ela tornou-se no contato com Novo Mundo.<sup>322</sup>

As perspectivas dos autores elucidam como acredito que as culturas negras devem ser analisadas, tanto as continuidades como as descontinuidades com a África precisam ser levadas em consideração. A diáspora propiciou que determinadas manifestações culturais, como o jongo e o Congado, tivessem características comuns no que se refere a leitura de um passado comum, e também que as diferenças se estabelecessem. Mas ainda há muita discussão a ser travada sobre essa temática, o que não é objetivo principal dessa pesquisa.

---

<sup>321</sup> HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 24, 1996, pp 72 e pp 73.

<sup>322</sup> PRICE, Richard. *O Milagre da Criouliização: retrospectiva*. Estudos Afro-Asiáticos, vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro, 2003.

## Capítulo 4: “Vai manter a tradição...”<sup>323</sup>

*“No cativo negro muito trabalhou,  
trabalhava e tocava tambor,  
quando ia pra senzala  
fazia oração pra Nosso  
Senhor”.*<sup>324</sup>

### **As transformações no ritual congadeiro.**

A partir das entrevistas realizadas com os participantes da festividade e algumas reportagens pesquisadas no jornal local, *Gazeta de Minas*, proponho analisar as transformações que aconteceram e ainda acontecem no ritual do Congado, e desconstruir a idéia que durante um longo tempo foi pregada de que os rituais são imóveis, chamo atenção para o contrário: que eles possuem uma dinâmica própria e se modificam.

Antes, porém, destaco que ainda que ao longo dessa pesquisa alguns dos temas coincidam como a análise de Kiddy, como por exemplo, os reis, o poder de capitão de terno, a “volta” da festa na cidade, como observou-se nos capítulos anteriores, essas são questões que perpassam a própria estrutura narrativa dos depoimentos que foram realizados por mim e pela historiadora norte-americana. Kiddy não opta por analisar as transformações que aconteceram no ritual congadeiros, apesar de reconhecer que a tradição tem um sentido móvel para os participantes. Também não detém sua análise as diferentes formas de apropriação da memória, identidade e tradição congadeira, a partir dos conflitos internos envolvendo os participantes da festa.

Desta forma, atento que a análise de Kiddy refere-se às Irmandades do Rosário e à construção de uma identidade afro-mineira, relacionada à África, pelos escravos de Minas Gerais. Entretanto, percorro outro caminho e priorizo as diferentes leituras dos participantes da festa relacionadas a esse passado, inserindo o Congado dentro de um movimento negro de luta contra a discriminação racial.

---

<sup>323</sup> Trecho da música Tristeza pé no chão de autoria de Armando Fernandes, mais conhecido como Mamão.

<sup>324</sup> Cântico do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês.

Na primeira parte da pesquisa observou-se que a festa ao longo dos anos mudou de local: em um primeiro momento era realizada na Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, depois em um palanque montado na periferia da cidade e por fim em plena Praça XV de Novembro. A criação do palanque possibilitou aos participantes a continuidade de sua devoção, foi uma tática elaborada pelos *negros do Rosário* para prosseguirem com sua festividade em meio às proibições dos agentes eclesiásticos apoiados pelos civis.

Além da alteração de local e a criação do palanque, a própria estrutura da Missa Conga ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 transformou-se. Hoje dela consta o Lamento Negro que através de sua música relembra a história dos afro-descendentes no período do cativo. Heloisa Helena afirma que a idéia de fazer o Lamento partiu da capitã Pedrina e segundo a Secretária o intuito da Associação ao aprová-lo é fazer com que facilite o entendimento das pessoas sobre a história do Congado, mas sempre sem descaracterizar a festa. Algumas modificações do ritual são assim aceitas pelos congadeiros, mas sempre atentam para a autenticidade da tradição.<sup>325</sup>

Estas foram algumas transformações que aconteceram, mas percebeu-se no capítulo anterior outras como a criação do terno de Congo e a volta do Candombe. Muitas outras ocorreram no ritual da Festa de Nossa Senhora do Rosário e merecem destaque.

Durante um período, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, as mulheres não podiam participar como dançadoras, tocadoras de instrumentos e nem assumir o cargo de capitã. Apenas representavam princesas, rainhas e ajudavam nos preparativos da festa, com as vestimentas e alimentação. O capitão-mor, Geraldo Bispo dos Santos Neto, apesar de não saber o motivo dessa proibição traz a tona uma visão interessante a respeito da inserção feminina no Congado, segundo ele:

Eu não sei o motivo dessa proibição, mas eu acho que depois eles foram vendo que não podia ter essa restrição. Eu acho que a partir do momento que você luta contra o racismo, contra a discriminação você proibir uma pessoa participar da festa, claro que ela tem que seguir os preceitos da festa, por ser preta, branca, mulher, homem tá havendo um tipo de discriminação.<sup>326</sup>

---

<sup>325</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>326</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão-mor da Festa de Nossa Senhora do Rosário, Geraldo Bispo dos Santos Neto, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

Apesar do depoimento mostrar que não tem sentido discriminar uma pessoa devido ao seu sexo, os integrantes da festividade não aceitam que a filha do capitão assumira seu cargo quando ele falecer. Não há preconceito em relação a capitania de terno, mas para comandar a festa como um todo ainda está presente. A permissão para a participação das mulheres foi um processo lento, nem todas as guardas aceitavam. Os depoimentos dos congadeiros afirmam que esta mudança foi primeiramente feita pelo capitão, da guarda de Catopé, Mazuca e depois do Moçambique do Sr. Leonídio, ambos por terem filhas ou pessoas na família que desejavam dançar. Apesar de hoje em dia haver algumas mulheres capitães, como Pedrina, Ester Antonieta, Kátia, Isabela e Lourdinha, ainda há uma predominância masculina.

Passados já quase trinta anos de capitania, Pedrina sente discriminação por parte de seu irmão Antônio Eustáquio, por ser mulher, como a própria afirma:

Sempre houve esse mal estar, por eu ser mulher. O tempo todo, há vinte e sete anos, eu sempre soube disso, muito consciente. Até quando nós fizemos vinte e cinco os meninos fizeram uma confraternização pra nós, uma homenagem pra nós, quando chegamos tinha bolo. A hora que eu fui falar lá no palanque e tudo eu disse que eram vinte e cinco anos que nós estávamos fazendo bodas de prata, e como todo relacionamento tinha problemas que ele me tolerava e eu tolerava, normal.<sup>327</sup>

Atualmente existem, como já foi dito, cinco Reinados, ou seja, são cinco santos reverenciados e homenageados no Congado: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigenia, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Os congadeiros relatam que quando o antigo capitão-mor, Geraldo Bispo dos Santos, faleceu era seu desejo a criação do Reinado de Nossa Senhora Aparecida, e sua filha, Conceição Bispo, fez sua vontade. Como conta a capitã Pedrina:

Muitos anos a nossa procissão foi feita com essas imagens. Só que não tinha Reinado de Aparecida porque Santa Aparecida não tem Reinado na Festa do Rosário a verdade é essa. O Reinado de Aparecida, Dona Conceição criou depois que Sr Geraldo Bispo morreu, em 1977, falando que era vontade dele. O sábado nosso era reservado pra procissão, nessa procissão, sem ser amanhã, no próximo. Essa procissão, muitas vezes era feita... O padre saia de baixo pároco sacramento e essas imagens saiam.<sup>328</sup>

---

<sup>327</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>328</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

O depoimento de Pedrina mostra que com a criação do Reinado de Nossa Senhora Aparecida outras mudanças foram realizadas, como a alteração do dia da procissão, que passou a ocorrer no domingo. O desaparecimento das juízas é outra transformação no ritual congadeiro. O capitão Antônio Eustáquio nos conta quem eram as juízas:

Juízas eram mulheres, era só mulher, por exemplo, eu gostaria de ser juíza eu convidava você pra carregar uma sombrinha pra mim, a juíza ia de baixo da sombrinha e ela levava uma rosa, uma rosa vermelha, não é natural não com um envelope de donativos. Era lindo, atrás dos reis congos, que eram os últimos, aí vinha aquele tanto de juíza.<sup>329</sup>

Muitas das transformações que aconteceram e ainda ocorrem no ritual congadeiro são alvos de críticas pelos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que acusam essas modificações de descaracterizarem a festa. Citando como exemplo, o ritmo dos ternos de Catopés, como analisa a capitã Pedrina:

Os Catopés cantam muito música sertaneja, infelizmente. A gente que é capitão tem que saber o ritmo, subir o morro qual o ritmo mais adequado, pra descer porque se não você cansa muito mais. Então têm ritmos diferenciados, têm serra acima e serra abaixo, têm alguns que são mais rápidos e outros que são mais lentos pra fazer com que o povo consiga dar a melodia porque essa vibração, essas bênçãos elas chegam com a força da vibração dos tambores, pantangomes, das gungas, da dança e das vozes. Então tem que criar uma harmonia nisso aí pra poder acontecer de forma harmoniosa, de forma gloriosa, de acordo com que Nossa Senhora deseja, de acordo com que Nossa Senhora determina pra todos nós. Porque nada mais é do que as bênçãos dela para todos nós, pra todos os santos, pra todos os lugares.<sup>330</sup>

A capitã Pedrina não é a única a fazer esse tipo de crítica. Pessoas envolvidas com o Congado também têm o mesmo posicionamento como o Vice Presidente da Federação das Congadas de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais, Waldemiro Gomes de Almeida, que em reportagem publicada na *Gazeta de Minas* em 9 de maio de 1993 afirma que:

Segundo Waldemiro, a Congada é uma tradição religiosa com base em devoções, mas nota-se que a descaracterização vem mudando seu sentido

---

<sup>329</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>330</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

histórico, sobretudo em função da competição entre guardas. ‘A descaracterização da Congada começa no uso dos instrumentos indevidos, como agogô, e vai até cânticos, nos quais a saudação com dialetos afro estão se confundindo ou se perdendo em meio a umbanda e modinhas sertaneja, detectou.’<sup>331</sup>

Conceição Bispo, que era Presidente e coordenadora da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira, em matéria publicada na *Gazeta de Minas* em 10 de setembro de 1989<sup>332</sup> relata que um dos objetivos da festa é manter as tradições congadeiras. A maioria dos entrevistados tem esse posicionamento em relação às tradições, Heloisa Helena em seu depoimento enfatiza essa questão:

O nosso objetivo maior é manter a tradição da festa, é não deixar ela descaracterizar e a gente tem um trabalho muito grande com isso porque nós temos que seguir o desenvolvimento, as mudanças, a modernização, o avanço tecnológico e inúmeras coisas mudam com o passar do tempo e a tradição não pode mudar porque se não perde a característica, perde a origem.<sup>333</sup>

A manutenção da tradição da festa perpassa a continuidade das características do Congado. Essa polêmica não se restringe somente aos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, mas inclui o ex-secretário de cultura, Heraldo Tadeu, e o site da Prefeitura Municipal da cidade. Heraldo afirma:

O Congado tem até em outros locais, de Minas, do Brasil, até nos outros países, mas é muito forte aqui em Oliveira, tem uma Irmandade que nasceu justamente por Oliveira ter sido um dos principais centros escravagistas do oeste de Minas, população expressiva de africanos. E é incrível como que nos dias de hoje ainda se conserva uma tradição tão genuína, tão autêntica, com pouquíssimas alterações.<sup>334</sup>

O site da Prefeitura Municipal traz uma afirmação significativa sobre a temática: “A Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma das festas mais tradicionais e antigas do município, mantendo as características originais desde 1813 (registro mais antigo da festa)”.<sup>335</sup>

---

<sup>331</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CVI, nº 2114, 9 de maio de 1993, p 1.

<sup>332</sup> *Gazeta de Minas*, Ano CII, nº 1937, 10 de setembro de 1989, p 1. Dona Conceição faleceu em 2005.

<sup>333</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>334</sup> Entrevista realizada pela autora com Heraldo Tadeu Laranjo Mendonça, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>335</sup> <http://www.oliveira.mg.gov.br/detalhes.php?cont=303&modulo=7>

Aqui é interessante percebermos que segmentos da cidade letrada continuam a expressar sua opinião sobre a festividade, mas agora a reconhece como autêntica e que sua tradição não mudou ao longo de sua existência.

Chartier ao analisar o conceito de cultura popular atenta para a incessante procura dos historiadores e cientistas sociais pela sua idade de ouro, uma época onde ela não era reprimida pelas autoridades, vivia seu pleno esplendor e era autêntica, não sendo influenciada por outras culturas. Aproprio-me da análise do autor para perceber que tanto congadeiros quanto dirigentes da cidade letrada procuram essa “idade do ouro” no Congado.<sup>336</sup>

A primeira vista pode-se considerar a tradição como um mecanismo de conservar elementos das festas populares, refletindo nessa busca pela “idade do ouro” que é a busca pela “verdadeira” tradição. Mas os rituais e festas sofrem transformações com o passar do tempo e são movidos por estas, assim a tradição também muda. Hall tem uma posição interessante sobre o conceito de tradição, segundo ele, a tradição não possui um sentido único assim como é uma associação e articulação de determinados elementos que adquirem na comunidade em questão sentido e relevância.<sup>337</sup>

As mudanças no ritual têm uma relação dinâmica entre a tradição congadeira e como os participantes se apropriam dela. Mas nem sempre a transformação do ritual se dá sem conflitos entre os *negros do Rosário*, já que retirar ou inserir um elemento da estrutura narrativa do cortejo significa contar e relembrar outras histórias e memórias sobre o passado, construindo um novo significado sobre sua festividade.

### **Os conflitos internos.**

Nas memórias dos atuais congadeiros, as mudanças expostas acima, à exceção da entrada das mulheres como dançadoras e capitães, não geraram conflitos. Porém, não significa afirmar que eles não ocorreram, para outros participantes essas alterações podem ter provocado embates

---

<sup>336</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 8, nº 16, 1995, pp.179-192.

<sup>337</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte / Brasília, UFMG, Unesco, 2003.

Assim, seguindo a linha de raciocínio acima proponho discutir alguns conflitos percebidos durante essa pesquisa envolvendo os atuais integrantes do Congado, mais especificamente entre o terreiro dos “Leonídios” e o Estado- Maior e entre os próprios “Leonídios”. Os embates analisados serão: o posicionamento do terno de Congo no cortejo, o levantamento dos mastros, as roupas de alguns reis congos, a representação da princesa Isabel no cortejo, as mudanças no terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, assim como, questões que perpassam esses conflitos.

Os conflitos internos entre os participantes da festividade estão relacionados a diferentes leituras que fazem de seu passado, envolvendo a construção da tradição, de memórias, de histórias e de identidades dos *negros do Rosário*. A pesquisa revela que existem dois grupos que se posicionam em relação à tradição - um influenciado pela capitã Pedrina e outro pelo Estado-Maior. Embora, não signifique afirmar que membros de um grupo não possam também se identificar, em determinados conflitos, com a tradição construída pelo outro grupo.

### **1- O posicionamento do terno de Congo de Nossa Senhora do Rosário no cortejo.**

No terceiro capítulo viu-se que o terno de Congo fica disposto no cortejo congadeiro antes dos ternos de Moçambiques. Porém, de acordo com a capitã do Congo de Nossa Senhora do Rosário, Kátia, a sua guarda segundo a tradição da festa deveria ser a primeira. O Congo abriria os caminhos para os demais assim como para as coroas, indo à frente do Vilão, um dos mais antigos da cidade de Oliveira.

Mas o terno de Congo foi criado há apenas cinco anos, e ainda não é bem aceito pelos demais integrantes do Congado, o que faz seu posicionamento não ser o correto no cortejo, de acordo com a história e a tradição da festa, compreendida por Kátia. Segundo a capitã:

Isso é uma questão de não aceitação do pessoal aqui ainda. É por questão de aceitação. Porque na verdade o Congo deveria vir primeiro à frente do Vilão. Mas como a nossa cidade já tinha uma tradição a gente não pode impor, então a gente vai se adaptando até que as pessoas comecem a entender e começar a aceitar melhor. Isso foi até uma questão de pauta de reunião deu uma briga, mas eu falei que a gente tá dançando pra Nossa Senhora desde que a gente possa sair não importa aonde a gente vai estar dançando. Desde que a gente

possa estar vindo também em homenagem à ela a posição não importa, não vai ta influenciando na nossa festa.<sup>338</sup>

Até o término da presente pesquisa, o Congo não foi aceito por todos os participantes, mas em alguns momentos guardas de Catopés os deixam ir à frente, o que mostra que o conflito pode vir a ser solucionado com o passar do tempo<sup>339</sup>. Enquanto não o é, o Congo louva à Senhora do Rosário não importando em qual posição.

É interessante notar que apesar dos participantes contarem a história da família dos sete irmãos, a entrada de um novo irmão no cortejo não foi bem aceita por todos os congadeiros. Mesmo que tal decisão tenha contado com a aprovação do Estado-Maior e tenha sido tomada em reunião com a participação de reis e capitães, o embate se instaurou. Entendo que mesmo que exista um desejo de que a família em Oliveira fique completa, alguns integrantes se preocupam com a posição que ocupa no cortejo, não tendo sentido a tradição congadeira, compreendida por Kátia. E outros já se apropriam diferentemente da sua tradição, a família dos sete irmãos não foi passada com ênfase pelos seus familiares, assim ela não possui um significado para sua memória e história.

## **2- Levantamento dos mastros.**

Há poucos anos atrás os mastros, que são erguidos na Praça XV de Novembro, foram trocados, o que gerou mais um conflito no Congado de Oliveira, mais especificamente entre a capitã Pedrina e a Associação de Congadeiros de Oliveira. A Associação os trocou alegando que eles eram muito pesados e que os ternos de Catopés não estavam conseguindo carregá-los até a Praça XV. Pedrina, por achar que aqueles mastros têm muita força e já fazem parte da festa há muitos anos os pegou, levantando-os na porta de seu terreiro.

Segundo a capitã:

Por não saber a essência da festa tiraram os mastros antigos falaram que estavam velhos, mas os catopés estavam reclamando que estava muito pesado e não queria carregar ora bolas, meu Deus, não tem cabimento. Pois bem... Como não sabem tiraram. Os ternos de catopés nessa época minaram os dançadores, aí levantei na minha porta pra que eles fortalecessem os novos que estão levantado lá. Eles queriam trocar as bandeiras, eu pedi pra não trocar, fui atrás das mordomas minhas do Rosário e das Mercês pedindo pra elas encarecidamente, pedi até com lágrimas pra que não permitissem. Eu

---

<sup>338</sup> Idem.

<sup>339</sup> Os ternos de Catopés deixarem o terno de Congo ir à frente é fruto da minha observação do ritual.

falei a festa tem isso, isso, isso se vocês tirarem vai acontecer isso, isso, isso. Quando eu fui levantar falaram que eu queria fazer outra festa.<sup>340</sup>

O levantamento desses mastros ocorre no sábado à noite, no início do mês de agosto, antes dos outros mastros a serem erguidos na Praça XV de Novembro, no domingo. E o descimento ocorre no último dia da festa, na parte da manhã antes de o fazerem na praça. As bandeiras dos mastros ficam guardadas durante o ano nas casas dos reis congos de Nossa Senhora das Mercês, do capitão Antônio Eustáquio e com a capitã Ester. Os ternos de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Congo de Nossa Senhora do Rosário, reis congos dos Reinados de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito e a rainha perpétua D. Cleusa do Reinado de Nossa Senhora das Mercês participam dessa celebração.

A guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário convidou, em um passado recente, os reis congos do seu Reinado para a cerimônia, mas eles não comparecem. Segundo a capitã Ester Antonieta, tal fato pode ser justificado pelo rei congo não morar em Oliveira e chegar somente no dia do levantamento e a rainha conga, por ser da família que comanda a festa, estar envolvida com os preparativos<sup>341</sup>. A ausência da rainha conga na celebração pode estar relacionada ao fato dela ser irmã do capitão-mor e pode não concordar com esse levantamento.

---

<sup>340</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>341</sup> Entrevista realizada pela autora com Ester Antonieta, capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.



**Dia do Levantamento dos mastros no terreiro pesquisado.<sup>342</sup>**



**Capitães Pedrina e Ester entregando a bandeira do Reinado de São Benedito para ser guardada durante mais um ano.<sup>343</sup>**

---

<sup>342</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do ano de 2008. Nesse momento, os ternos estão buscando as bandeiras que serão erguidas nos mastros que ficam no terreiro pesquisado.

<sup>343</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do ano de 2009.



**Descimento dos mastros no terreiro pesquisado.<sup>344</sup>**

Porém, tal fato fez com que algumas pessoas acusassem a capitã Pedrina<sup>345</sup> de querer roubar a capitania para ela e fazer uma nova festa em Oliveira sob o seu comando, como se observou no depoimento expresso acima.

Assim, mais um embate se estabeleceu entre os *negros do Rosário*, o que mostra que os participantes da festa ao mesmo tempo em que compartilham a devoção à Senhora do Rosário também possuem valores e conhecimentos diferentes sobre a festividade. Para Pedrina, o objetivo ao levantar os mastros na porta de seu terreiro é por entender que tudo que é antigo tem um significado muito especial para a festa como um todo e não por querer a função de capitão-mor, como alguns entenderam. O entendimento dela é que esses mastros antigos fazem parte da tradição da festa, e os outros já acham que eles podem ser trocados.

### **3-As vestimentas dos reis congos.**

As funções dos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Oliveira, são possíveis de serem identificadas através de suas roupas ou então por algum objeto que carreguem como é caso dos capitães de terno com seus bastões e os reis

---

<sup>344</sup> Idem.

<sup>345</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte

grandes que levam suas coroas nas mãos. Assim, distingui-se cada um deles na estrutura narrativa do ritual.

Segundo Connerton devemos analisar as roupas, objetos como um texto, repleto de significados<sup>346</sup>. A partir das vestes podemos ler os diversos sentidos que a festa possui para os *negros do rosário*. Os reis grandes e a Princesa Isabel vão vestidos lembrando o passado monárquico brasileiro. Os reis de promessa também usam roupas suntuosas que aludem a esse período.<sup>347</sup> Já os reis congos deveriam usar trajes que relembassem a história do negro e do escravo na época do cativo.

A observação do ritual e os depoimentos obtidos nesses anos de pesquisa serão os caminhos para analisar os trajes dos reis congos dos Reinados de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito. Nas vestimentas desses reis congos vê-se claramente uma reconstrução do passado tanto africano quanto escravo, fato esse que não observamos nos outros Reinados.

Como vimos o cortejo congadeiro é rigidamente organizado, onde cada rei e rainha ocupam determinada posição, e os reis congos são os últimos e precisam ser negros. Nos Reinados de Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida se não fosse pela cor da pele e pelo posicionamento no cortejo não saberíamos distinguir um rei congo, de um de promessa ou de um grande.

Os Reinados de São Benedito e Nossa Senhora das Mercês são influenciados pelos mandamentos e fundamentos que regem a festa sob a ótica do terreiro do falecido capitão Leonídio dos Santos, que tem um posicionamento diferenciado, não que não haja conflitos, muito pelo contrário, mas que compreendem diferentemente a tradição congadeira.<sup>348</sup> Segundo a capitã Pedrina, do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, esse trabalho de “resgate”, palavras dela, começou com sua irmã, Amásia, que era rainha conga de São Benedito, mas isso não é reconhecido pelos demais participantes, o que demonstra situações de embate no festejo. Nas próprias palavras da capitã:

É. Então isso foi um resgate que nós conseguimos, nós mesmo, a minha família, com a Amásia que é a mãe do Carlos e da Kátia de resgate e às vezes nem sempre bem visto. Sabe que isso não é bem visto, incrível né? Muitos acham que está errado tem que vestir porque sempre foi assim. Então eu acho assim: desde princípio da escravidão, se os reis negros vestiam assim era

---

<sup>346</sup> CONNERTON, Paul. *How societies remember*, Cambridge University Press, 1989.

<sup>347</sup> Sobre a vestimenta dos reis perpétuos nada foi especificado nas entrevistas realizadas.

<sup>348</sup> Mandamento e fundamento da festa são os preceitos que a regem, são os conhecimentos dos capitães de terno.

porque eles estavam se deixando alienar pelo poder opressor, eu acho assim. Porque, por exemplo, a coroa mesmo de um rei africano não era uma coroa de pedras, era uma coroa com a pena de um pássaro muito raro, não era de pedra, nem de lata, nem de nada. Então o que eu acho que pode falar que está modificando nesse sentido, eu não acho que seja uma modificação para o erro da tradição, mas para a volta.<sup>349</sup>

O depoimento da capitã Ester, que assume temporariamente a função de rainha conga, é também expressivo sobre as roupas dos reis:

A tia Amázia começou um tempo atrás com essa tradição. Ela também usava a roupa dela uma saia, uma blusa, a capa, a coroa e de uns tempos pra cá depois de conversar muito com a minha mãe ela decidiu se vestir a caráter vamos falar assim, porque ela era rainha conga, ela não podia se vestir como rainha grande, que ela é rainha conga. Então ela começou a usar panos, a... Começou a se produzir de forma a mostrar que ela trazia aquela coroa conga, fazer uma relação maior com a África mesmo, com os descendentes africanos e tudo, e na época era só ela que fazia.<sup>350</sup>

Nos depoimentos das capitãs percebe-se que através das vestimentas dos reis congos ocorre uma aproximação com as tradições africanas na Festa de Nossa Senhora do Rosário, porém essa é uma ligação que não é compartilhada por todos os integrantes. O terreiro pesquisado, á exceção de alguns, reconstrói esse passado, tanto o africano quanto o do cativo. Pedrina acredita que essa ligação auxilia os congadeiros a compreenderem mais profundamente os mandamentos e fundamentos da festa, e assim não se deixam influenciar pelas tradições da elite.

A capitã Ester afirma que o ritual do Candombe é um importante exemplo dessa ligação com a África, pois segundo ela, o jeito de tocar os instrumentos, de dançar está em íntima conexão com que os negros faziam na África.<sup>351</sup>

A relação com o tempo do cativo já é mais explícita para os congadeiros estando presente nas músicas entoadas durante a semana da festa, nos significados dos reis congos e grande, no Lamento Negro. Sr Antônio Eustáquio acredita na ligação com esse passado, mas não com o passado africano, como o mesmo afirma:

De geração em geração sim, agora de vamos dizer assim da parte racial é nós não temos nada de africanos. Nós temos é nós temos alguma coisa do cativo dos negros já nacionalizados vamos dizer assim, brasileiros, os negros sofridos, os negros que trabalhavam à força acorrentados, sim, mas

---

<sup>349</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>350</sup> Entrevista realizada pela autora com Ester Antonieta, capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>351</sup> Idem.

africanos por exemplo, isso aí não isso aí eu não eu não te adianto nada, eu não tenho conhecimento nenhum.<sup>352</sup>

A forma dos participantes se apropriarem de um passado comum como o africano e o escravista é diferente para cada um, refletindo na forma de os reis congos se vestirem. Essa diferença acontece devido aos congadeiros possuírem histórias e memórias próprias, realizando diferentes leituras sobre o seu passado.

É interessante perceber que Pedrina e Ester almejam, através da forma de vestir dos reis congos e do ritual Candombe, a reafricanização do Congado e a afirmação de uma identidade negra. Sansone em “Negritude sem Etnicidade” analisa os usos e abusos que intelectuais e integrantes da cultura popular fazem da África, segundo o autor:

Assim, as imagens, as evocações e os (ab) usos da África resultaram da interação e da luta entre intelectuais brancos e a liderança negra, a cultura popular e a de elite, o conformismo e o protesto, e as idéias políticas desenvolvidas no Ocidente e sua reinterpretação na América Latina. No Brasil, em outras palavras, a África tem sido um produto de relações raciais mais do que uma entidade essencial e imutável. Ao aceitarmos essa visão, portanto, não surpreende que essas forças sociais tenham resultado na criação de uma África singularmente brasileira, com a qual o conformismo e o protesto se identificaram, criando sua própria África.<sup>353</sup>

Sansone discute ainda que a Bahia foi o local propício para que se estabelecesse a ligação entre a África e as culturas afro-brasileiras, e que ao passo que os baianos faziam “viagens” ao continente africano, o Rio de Janeiro fazia “viagens” à Bahia para reconstruírem a África nas culturas negras no Brasil. Essas “viagens” nos mostram que cada comunidade negra (re)constrói a sua própria África, existindo várias significações das tradições africanas em solo brasileiro.

Pedrina e Ester, mãe e filha, respectivamente, nas apresentações que realizam em frente ao palanque e em seu terreiro fazem uso em suas músicas/pontos de palavras de origem Kimbundo ensinadas pelo seu pai, segundo Pedrina. Dessa forma não deixam a tradição africana se perder dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário e criam sua própria África na festividade do Rosário.

Para Pedrina, a ligação com a África estava mais presente na Festa de Nossa Senhora do Rosário antes dos festejos serem paralisadas, ou seja, antes de 1930. As capitãs ao inserirem a ligação com a África desejam relembrar outras histórias, as

---

<sup>352</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>353</sup> SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*; tradução Vera Ribeiro- Salvador: Edufba, 2007, pp 91.

histórias de antes de 1930, construindo uma tradição específica dessa conexão. Para as capitãs essa tradição relacionada com a África é a tradição autêntica da Festa do Congado, assim essa reafricanização é também uma disputa pela autenticidade da festa.

Pode-se considerar que esse “uso e abuso da África”, por alguns *negros do Rosário*, é uma forma encontrada por eles de afirmação da sua identidade negra, na qual há o desejo de criar uma África e uma cultura afro-brasileira longe de estereótipos<sup>354</sup> formulados e de lutar contra a ligação aos preceitos do catolicismo e a discriminação racial.

#### **4- A princesa Isabel.**

A menina que representa a princesa Isabel no cortejo é escolhida anualmente e é bastante concorrida, existe uma lista preenchida até o ano de 2017. No ano de 2007, durante os festejos congadeiros mais um conflito se estabeleceu, pois foi escolhida uma moça afro-descendente e filha do capitão-mor da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Geraldo Bispo dos Santos Neto, que se identifica como *negro do Rosário* – e passou a frente das demais, o que gerou inúmeros conflitos entre os congadeiros e a população da cidade.

Sr Geraldo Bispo dos Santos Neto afirma em relação a cor da princesa Isabel e dos reis congos:

Tem, porque representam os negros, são representantes de Chico Rei, pela tradição, como a princesa Isabel tem que ser branca, não tem como você falar que a princesa Isabel é negra. Então, como há no Brasil uma miscigenação muito grande algumas coisas você aceita, pele morena, mas negra ela não pode ser.<sup>355</sup>

Realmente a filha de Sr. Geraldo Bispo dos Santos Neto tem a pele morena, como ele mesmo diz e outras meninas que representaram a princesa Isabel eram afro-descendentes e também tinham a pele clara. A questão é que essas jovens não eram *negras do Rosário* e filha do capitão-mor da festa.

Heloisa Helena, tia da menina que representou essa princesa Isabel afirma que ela cumpria uma promessa feita pela sua avó, Dona Conceição Bispo:

---

<sup>354</sup> No primeiro capítulo percebeu-se que o jornal local construiu estereótipos sobre os congadeiros.

<sup>355</sup> Entrevista realizada pela autora com o Capitão-Mor da Associação de Congadeiros de Oliveira, Geraldo Bispo dos Santos Neto, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

Oh, na verdade a minha mãe fez uma promessa. Ela era bem pequenininha, a minha mãe tinha feito uma promessa. Ela tinha um problema muito sério de dor de garganta e não era questão de operação das amídalas nem nada não, era uma coisa até meio assim estranha sabe! E ela dava umas febres muito altas e a minha mãe fez uma promessa pra São Benedito e Nossa Senhora que se ela curasse e parasse de ter essa febre, começou a afetar rim e ela muito nova, ela tava muito sem saúde, então ela falou ela prometeu que vestiria ela de Princesa Isabel, que não é fácil né? E ela graças a Deus ela veio se curando. Então assim, uns cinco anos antes da minha mãe morrer, ela abriu uma caderneta de poupança e começou a economizar mensalmente pra isso, aí no leito de morte dela ela pediu pro Geraldo cumprir a promessa dela pra ela ir descansar em paz. E ela ainda ficou com essa pendência de cumprir essa promessa.<sup>356</sup>

Em relação a essa questão, que abalou toda a comunidade congadeira, Pedrina afirma:

Eu não sei se ela se acha, não sei se ela se acha negra. Mas a partir do momento que ela se acha branca que ela quis ser princesa, então a diferença é essa. Por exemplo, eu não posso aceitar um rei congo branco, não é preconceito, mas a história que eu estou contado é dos reis negros, assim como eu acho que a princesa Isabel tem que ser branca, é por causa da história, não é por preconceito.<sup>357</sup>

Pedrina questiona se a menina realmente se considera uma *negra do Rosário*, já que a história conta uma coisa- que a princesa é branca- e ela, independente de sua afro-descendência, quis representar uma personagem diferente da condizente com a cor da sua pele. Porém, o que coloco em discussão é que o capitão-mor e sua mãe ao se afirmarem *negros do Rosário* se apropriam diferentemente dos outros congadeiros dessa identidade

Aqui nos é relevante a análise de Hall que afirma que o sujeito pós-moderno:

Assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.<sup>358</sup>

Aproprio-me de Hall sobre as identidades contraditórias e não unificadas para compreender o porquê de uma *negra do Rosário* representar a Princesa Isabel. A família Bispo, no sentido da discussão do autor, pode sentir-se *negra do Rosário* e ao mesmo

---

<sup>356</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>357</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>358</sup> HAAL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006, pp 13.

tempo desejar representar a Princesa no cortejo congadeiro, uma identidade não exclui a outra, ela é as duas coisas ao mesmo tempo.

A decisão de escolher a menina que representa a Princesa Isabel é de responsabilidade do capitão-mor, que pode ou não ouvir as sugestões de membros da diretoria e outros componentes do Estado- Maior. Ao que tudo indica o fato do capitão – mor decidir colocar uma *negra do Rosário*, afro-descendente e sua filha para representar a Princesa tornou a situação ainda mais complicada para os demais congadeiros<sup>359</sup>. A decisão não foi discutida com os capitães de terno, reis congos e perpétuos que participam das reuniões da ACOL. Alguns congadeiros questionaram tal atitude e alguns moradores da cidade afro-descendentes já afirmaram que irão procurar a ACOL para candidatar sua filha ao posto de Princesa Isabel, como nos conta o capitão Antonio Eustáquio:

Deu repercussão porque o pessoal chegava na gente e falava olha daqui no ano que vem eu vou colocar o nome da minha filha e eu quero ver qual que vai ser a resposta. Eu sei qual que vai ser a resposta entendeu... Que vai ser esta. Aí por causa da pele eles não vão aceitar. Porque eles já saíram normas, fora das nossas tradições. Então, o certo agora já que eles que quebraram eles teriam que dar a seqüência. Tem uma senhora lá no bairro Aparecida que comentou comigo ela é das cores quanto nós, ela já tinha falado ela não era negra, ela era mulata. Ela falou. A minha filha tá com 14 anos eu já vou se inscrever o nome dela pra assim que ela tiver a idade já... A hora que ela atingir a idade ela já vai ser chamada na lista Aí eu falei assim: eu pago pra ver É mas a minha filha não é pior do que a filha dele. Mas aí é que é o problema.<sup>360</sup>

Como o Estado- Maior irá lidar com essa situação não sabemos, mas certamente será mais um embate estabelecido só que com a comunidade oliveirense.

A cor da pele da menina que representou a Princesa Isabel suscita outro tipo de discussão: o que faz uma pessoa tornar-se um *negro do Rosário*? Que significados e histórias ela possui? Quem pode participar da festividade? E o que é necessário?

Ser *negro do Rosário* é uma identidade que é (re) construída ao longo dos tempos e apropriada diferentemente pelos congadeiros. Para Pedrina, dependendo do desejo da pessoa, ser *negra do Rosário* pode ter variações, mas todos compartilham à devoção a Nossa Senhora do Rosário:

---

<sup>359</sup> Estatuto da Associação dos Congadeiros da Cidade de Oliveira, Estado de Minas Gerais, de 2005.

<sup>360</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

Agora o que eu vejo que muitos acham que as pessoas fazem a festa por forma porque tem esse lado de se mostrar, de se identificar, de se fazer reconhecer porque é um aspecto social que tem. Por exemplo, qualquer ser humano precisa de um dia na vida pra ser o centro das atenções e a festa serve disso também, nos centros das atenções. Então têm muitos que hoje acham que tem mais apoio, tem mais reconhecimento porque hoje há uma preocupação maior até mesmo do poder público pra que isso não termine, não acabe. Agora o ser negro do Rosário depende muito da interiorização da pessoa, como ela percebe ser negro, de maneira geral percebendo geral, Oliveira e em outras Irmandades até mesmo aqui em BH, na região metropolitana é que mesmo tendo conhecimentos superficiais, a pessoa que participa efetivamente da Festa do Rosário ela é tocada de alguma forma e é a partir desse momento ali quem tá dançando ela tá falando da sua maior intimidade, da sua maior comunhão com o céu. **Os negros do Rosário se reconhecem e se irmanam verdadeiramente debaixo do manto de Nossa Senhora, todos se reconhecem filhos dela.**<sup>361</sup>(grifos meus)

Assim, a identidade dos *negros do Rosário* passa necessariamente pela devoção à Senhora do Rosário, ainda que alguns saiam nos festejos também para se sentirem valorizados, já que a maioria dos participantes da festa está à margem na sociedade oliveirense. Esses exemplos nos mostram que se por um lado ocorrem os conflitos entre os próprios congadeiros, por outro, apesar dos embates, eles se unem para louvar e agradecer à Senhora do Rosário e se identificam como *negros do Rosário*.

A identidade dos *negros do Rosário* perpassa outras características. A resistência física, por exemplo, pois para participar da festa é necessário agüentar os sete dias de caminhadas intensas pela cidade, o que é fundamental para a aceitação de novos dançadores no Congado, mais especificamente no terreiro pesquisado. Em entrevista concedida a mim em fevereiro de 2008 quando perguntei a Pedrina se pessoas de cor branca poderiam dançar sua resposta foi bastante significativa ao mostrar que a festa de Nossa Senhora do Rosário é aberta para todos, mas coloca uma ressalva: quem participa tem de agüentar a dura caminhada pelas ladeiras de Oliveira. A maioria das pessoas que participam, segundo a capitã, é da cor negra, pois estas têm maior resistência física do que as outras. Nas próprias palavras de Pedrina:

Quem se afastava da festa eram os brancos porque em alguns lugares, algumas Irmandades que canta que a Festa do Rosário é de preto. Mas eu vejo a Festa do Rosário como uma festa aberta que aceita todo mundo, eles que não gostavam de entrar. Dentro de Oliveira nunca houve restrição só que o seguinte pra entrar, o branco entrando ele tem que se adequar as raízes do negro, do ser negro, se vestir, ele vai se formatar dentro daquilo. O capitão do Rosário antes da Ester e do Carlos ser, a mãe é negra e o pai é branco, ele tinha até os olhos claros, sempre foi capitão, nunca teve essa restrição lá. Os

---

<sup>361</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

brancos pra entrarem têm que ter o mesmo nível de resistência física, dentro do nosso costume, eles têm que se adequar a isso.<sup>362</sup>

Nesse sentido Barth nos traz algumas reflexões importantes acerca das fronteiras sociais das identidades dos grupos étnicos ao afirmar que existem “*critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão*”. Para o autor, na medida em que os agentes se valem da identidade étnica para classificar a si próprios e os outros para propósitos de interação, eles formam grupos étnicos em seu sentido de organização. Aproprio-me da análise de Barth para perceber como as identidades são construídas por determinados grupos sociais, mas tendo como perspectiva que nem todos podem fazer parte de um determinado grupo étnico, e conseqüentemente, da identidade por ele elaborada.<sup>363</sup> Assim para ser *negro do Rosário* é preciso estar de acordo com as características físicas dos afro-descendentes.

Sr Antônio ainda reafirma esse posicionamento: “É aí que tá a diferença da parte não de pele, mas da parte sanguínea. Lá tem pessoas até de pele clara que são descendentes de negro. O avô, ou o bisavô entendeu ou a bisavó.”<sup>364</sup>

Percebe-se assim que no terreiro pesquisado existem critérios para fazer parte da identidade de *negro do Rosário*, agüentar as duras caminhadas durante os sete dias é uma das questões que determinam o pertencimento a esse grupo étnico. Nesse sentido, é importante atentar que Festa de Nossa Senhora do Rosário não é um simples cortejo em que seus integrantes exibem-se para o público que o assiste, não é um espetáculo. É preciso ter muita vontade e devoção aos santos padroeiros e à Senhora do Rosário para participar da festa já que a caminhada não é fácil. Dançam e cantam no sol, na chuva, sobem e descem ladeiras, saem à tarde e só voltam de madrugada, dormem poucas horas por dias e muitos dos participantes ainda trabalham na parte da manhã.<sup>365</sup>

## **5- Mudanças no terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês.**

---

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. RJ, Contra Capa, 2000.

<sup>364</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>365</sup> Isso não quer dizer que não seja espetáculo para outros congadeiros, mas atendo que a pesquisa concentrou-se em três ternos e todos os entrevistados e as conversas informais que tive reforçam que é preciso ser devoto para agüentar as caminhadas. É interessante observar que durante o trabalho de campo uma menina foi expulsa do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês por não estar de acordo com as normas, ela foi retirada de dentro do terno.

Os conflitos internos não ocorrem somente entre o Estado-Maior e os congadeiros. Durante a pesquisa tanto a partir da observação do ritual quanto nos depoimentos obtidos observam-se conflitos dentro da guarda de Nossa Senhora das Mercês pertencente aos capitães Antônio Eustáquio e Pedrina, e também em seu terreiro com as outras duas guardas. Os dois são irmãos e tiveram a mesma formação cultural do Congado, seu pai - Sr. Leonídio - era capitão da guarda que os dois comandam nos dias de hoje – Moçambique de Nossa Senhora das Mercês -, e sua mãe – Dona Ester – era rainha conga do Reinado de Santa Efigênia. Mas isso não impede que eles possuam suas próprias memórias, histórias e construam sua tradição e identidade.

Nesses anos de pesquisa observei a ocorrência de alguns conflitos no terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês. Sr Antônio Eustáquio e Pedrina discordam sobre muitos aspectos que caracterizam o terno e a tradição do Congado. Esta guarda está sob a responsabilidade dos irmãos desde a década de 1980 quando Sr Leonídio adoeceu e precisou afastar-se. Como vimos anteriormente o embate entre os dois está também relacionado ao fato de Pedrina ser mulher e ocupar a capitania.

Porém, com o passar dos anos essas situações perpassam outros temas. Pedrina e Antônio confeccionam juntamente com os dançadores os instrumentos que são utilizados, e existe um material específico, que dá o som característico do terno. Mas os dois têm posicionamentos diferentes quanto a essa questão, como afirma a capitã Pedrina:

Esse mal estar e agora ele resolveu falar que eu estou destruindo o terno que o pai deixou pra ele. Agora eu procuro ver em que. Ele não fala então o que está acontecendo no meu modo de ver: olha tem como resolver... Houve uma época que o terno estava usando caixa de fibra porque ele comprou um bumbo de fibra, ele levou e o meu pai na época aceitou. Todo mundo estava usando caixa de fibra. Pra eu voltar a festa foi muito difícil, inclusive um dia tive o reconhecimento do capitão-mor Geraldo Bispo que ele falou, que esse esforço era meu. Então eu disse assim oh: por que ele não fala isso. Mas a gente tá fazendo isso e não tá levando em conta. O fato de eu, o pai usava boina na cabeça ao invés de lenço, mas por quê? Ele não gostava de usar lenço porque não parava na cabeça dele, escorregava e não usava saiote, não porque ele não sabia que tinha. Porque ele não conseguiu convencer todo mundo a usar. Porque o primeiro era de saiote, a minha mãe me mostrou a última farda há pouco tempo eu queimei porque não tinha nem condições, a traça já tinha comido toda e eu pude ver e constatar e ela falou oh: os meninos não quiseram usar, então ficou o Moçambique sem saiote, as gungas eram amarradas em baixo, tem o retrato lá pra provar.”<sup>366</sup>

---

<sup>366</sup>Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

O depoimento de Pedrina é importante, pois mostra que até o tipo de material na confecção dos instrumentos e os acessórios que compõem a farda dos dançadores possuem significados na tradição da festa. A grande questão que irá perpassar todos os embates envolvendo esse terno é que Sr Antônio justifica a sua não aceitação a determinados temas alegando que eles não lhe foram passados por seu pai e que sua irmã está destruindo o terno deixado por Sr Leonídio, ou seja, destruindo a tradição e que o terno está deixando de ser autêntico. Já Pedrina deseja (re) construir determinadas tradições de tempos anteriores, que ficaram esquecidas na comunidade congadeira e que para ela, representam a “verdadeira tradição” do Congado e que são autênticas.

Existe outro fator de embate, só que agora não somente entre os irmãos, mas também com os sobrinhos e filhos, capitães dos ternos que ficam no mesmo terreiro: Moçambique e Congo de Nossa Senhora do Rosário. No ano de 2006, a rainha conga do Reinado de São Benedito, Amázia, mãe dos capitães Carlos e Kátia, e irmã de Sr Antônio e Pedrina faleceu. Os três ternos resolveram fazer uma homenagem a ela e começaram a dançar juntos no dia do seu Reinado. Em 2007 faleceu a mãe e avó dos capitães, rainha conga, só que do Reinado de Santa Efigênia, e começaram a fazer o mesmo na sexta-feira. Segundo a capitã Ester essa é uma forma de mostrar que “O Rosário de Maria é uma conta só”, ou seja, que os participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário são unidos.



As três bandeireiras juntas à frente, indicando a união dos ternos.<sup>367</sup>

<sup>367</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do ano de 2008.

Porém, no ano de 2009, os três ternos já não mais dançavam juntos, porque o Sr. Antônio Eustáquio argumentou que a junção das guardas não pertencia à tradição a ele passada por seu pai. O capitão afirma que:

Então é a tradição, a característica do terno das Mercês está acabando por quê? Por causa de que nós querer mostrar pros nossos irmãos a nossa união e aí nós junta, nós reúne os três ternos e o pai. Outro dia eu falei pra você: o pai toda vida gostou do terno ter criancinhas é pra ir crescendo ali com aquela motivação, é o batido, a maneira de andar, de dançar que nós falamos os passinhos. Tudo isso está acabando no terno das Mercês por causa de inovações. Então eu ouvi alguns reclamos de pessoas idosas o porquê que o terno do Sr. Leonídio está mudando tanto? Então eu cheguei a conclusão seria por essa parte nós querendo mostrar a nossa união e deixando cair as características do terno das Mercês. E combinei com a comadre Pedrina em reunião, que o terno vai voltar a partir desse ano ser como era o ano passado, na época do capitão Leonídio. Porque a gente tem, nós temos que preservar a recordação do nome dele, porque ele é o patrono, o fundador desse nosso terno hoje que já foi parar em lugar tão distante. Se não fosse por ele iniciar, eu tenho certeza que ninguém conhecia o que é, por exemplo, o Moçambique. Então, e nós tamos saindo desse ritmo, dessa característica. Então foi feito um acordo e ela concordou. Agora espero que esse acordo seja mantido pra gente não precisar de cobrar dentro dos dias da festa.<sup>368</sup>

Segundo Sr. Antônio as inovações propostas por sua irmã e sobrinhos, mesmo que seja para homenagear entes falecidos e mostrar a união, está destruindo a tradição deixada por seu pai e descaracterizando o terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês.

Apesar dos três ternos não dançarem mais juntos, no ano passado, 2009, durante a apresentação no palanque do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, alguns integrantes do Congo também participaram, mas não o Moçambique das Mercês. Isso não quer dizer que os dançadores não quisessem: observei alguns participantes das Mercês nesse momento e comentavam entre si que queriam ir, mas sabiam que não podiam, respeitaram assim a decisão do capitão.

Atualmente continuam dançando juntos os ternos de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, isso para mostrar a união dos ternos e para homenagear seus entes falecidos. É também, segundo a capitã Ester, uma forma de fazer com que a guarda de Congo fique mais próxima dos mastros no seu levantamento e descimento, já que

---

<sup>368</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

existem muitos ternos do Rosário na cidade não havendo espaço para todos, e dessa forma o Congo participa mais efetivamente desse momento importante.<sup>369</sup>

Outro conflito envolve os capitães Antônio Eustáquio e Pedrina. Por muitos anos o Candombe ficou paralisado na cidade. Mas há pouco tempo a capitã Pedrina, através de seus contatos com outras comunidades congadeiras, voltou a praticá-lo, nele os *negros do Rosário* tocam tambores e cantam, lembram o período da escravidão, louvam e agradecem à Nossa Senhora. O Candombe tem momentos específicos para ser tocado, como por exemplo, na coroação de um rei, na véspera de levantar a bandeira, depois da saída do Boi do Rosário.<sup>370</sup>

O Candombe como já foi afirmado anteriormente é o pai dos sete irmãos, é através dele que existe a Festa de Nossa Senhora do Rosário, segundo Pedrina:

Ele é o pai, é de onde tudo começou. Por que chama de pai? Os mais antigos ainda falava assim: o Candombe é o pai e Nossa Senhora a mãe dos sete irmãos da festa do Rosário. Esses sete irmãos por que ele é o pai? Porque antigamente bem nos primórdios não existia nem Moçambique nem Congo, nem as caixas assim, os tambores eram nos troncos, quando eles foram pegar Nossa Senhora foram com tambores assim porque dentro da senzala eles faziam esse toque. Quando eles ganham a rua, depois que permitiram que foram criando os ternos: primeiro veio o Congo, depois o Moçambique.<sup>371</sup>

Pedrina nos conta como conseguiu esses tambores e sua história:

O Candombe eu tenho a alegria de ter resgatado porque acabou que eu fui informada que esses tambores que estão aqui são dos escravos daqui, estavam lá em Lagoa de Santo Antonio é um lugarejo perto de São Leopoldo. Então Sr. Domingos que era capitão, que até faleceu no ano passado, atrasado, ele que me passou. Na verdade, eu encomendei a ele porque ele sabia fazer pra mim e ficou anos e anos tentando, aí ele me ligou, eu já estava pensando em pedir pra outra pessoa porque ele sempre falava que a madeira tem que ser tirado, tem a lua certa, ah, mas ta muito difícil porque o IBAMA isso, o IBAMA aquilo. Eu já estava pensando oh meu Deus eu queria tanto e depois, umas coisas de intuição, quando eu cheguei lá ele me entregou esses.<sup>372</sup>

Segundo a capitã, os atuais tambores de Candombe que estão em Oliveira foram construídos por ex-escravos da região. Quando o Congado “voltou”, no ano de 1950, a nova direção passou a não tocar o Candombe, isso fez como que o antigo capitão Edson Thomaz, os levasse para a comunidade do Jatobá, porque segundo a tradição, os

---

<sup>369</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>370</sup> Idem.

<sup>371</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>372</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

tambores não podem ficar parados, pois atrapalha o andamento da festa. Pedrina teve suas “suspeitas”<sup>373</sup> confirmadas pelo contato com um capitão de Contagem, segundo ela:

Agora nessas festas de teatro o pessoal de Contagem, de Oliveira fazendo o capitão Antonio Antônio Jorge Muniz que a gente chama de Antonio, falou comigo assim: nós conversamos coisas de festas uai, mas aqueles... Eu contando pra ele assim. Ele virou pra mim... Nós conversamos um tempinho com a Ana ele nunca falou isso. Aí ele virou e falou assim: uai, mas aqueles Candombes que tava lá é de Oliveira eu sei ha muito tempo e foi o Edson que levou. Eu chamei a Titane, eu chamei o João e falei: ouvi porque depois fica só eu falando então vocês escuta pra saber e fiz repetir três vezes. Aí repete, repete. Mas aí ele falou assim, foi uma vez que foi do tempo do meu pai vivo ele falou: nós fomos lá ele falou esses Candombes lá de Oliveira. O Edson trouxe pra cá porque eles não tão tocando ele lá e um Candombe sem tocar atrapalha o reinado.<sup>374</sup>

Pedrina afirma que seu pai conhecia o Candombe baseado em uma das últimas apresentações do Sr Leonídio no palanque montado na Praça XV de Novembro. A capitã tem uma fita gravada dessa apresentação, e afirma que seu pai cantava “adeus candombeiro, adeus candombeiro”, e para ela, essas palavras se relacionam ao fato do Candombe não mais existir em Oliveira.<sup>375</sup>

Porém, Sr Antônio não aceita a volta do Candombe. Para ele esse ritual não faz parte das tradições congadeiras e seu pai não passou isso para ele. É expressivo o relato de Sr. Antônio, sobre o Candombe:

Então quando eles tiverem reunidos você lentamente você vai chegar nessa conclusão quer dizer, é uma coisa sofrida, é a resposta do canto deles parece que estão pedindo socorro, parece que tem alguém em sofrimento. Então, às vezes, possa vir uma alma que está, por exemplo, vagando ou um espírito, vamos dizer assim, vagando, incorporar. E é por isso que eu não gosto de participar, é por isso que eu não concordo porque eu no início da festa, isso aí pra mim não foi passado.<sup>376</sup>

Antônio acredita que esse ritual não está de acordo com os preceitos religiosos do catolicismo, no qual ele acredita, mas Pedrina deseja reconstruir esse passado, que está

---

<sup>373</sup> Segundo a capitã, ela já sabia que os tambores de Candombe que havia conseguido eram de Oliveira, isto porque a informação havia sido passada por seus guias espirituais.

<sup>374</sup> Sob a direção de João das Neves, congadeiros de algumas irmandades do Estado de Minas Gerais estão participando de um espetáculo de teatro chamado de A Santinha e os congadeiros, que conta as diversas versões de aparição de Nossa Senhora do Rosário. Para maiores detalhes ver: <http://www.campodasvertentes.org/santinha/>

<sup>375</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>376</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

intimamente ligado com suas raízes africanas. Tal fato gerou inúmeros conflitos, fazendo com que Antônio até fevereiro de 2008, tomasse a decisão de não mais participar do Congado, decisão que ele abandonou. Para tentar resolver os conflitos os capitães reuniram-se com os reis congos do seu Reinado para que pudessem continuar caminhando juntos.<sup>377</sup>

A não aceitação do Candombe está em íntima conexão com a religiosidade sincrética dos congadeiros. Os depoimentos apontam que nem todos os integrantes assumem a sua religiosidade, por medo que a festa volte novamente a ser paralisada.

Nesse ponto é necessário fazer algumas observações: quando a festa “voltou” o comando tentou e conseguiu, até certo ponto, o apoio de pessoas “brancas” da sociedade oliveirense. A partir deste momento, os congadeiros reestruturaram o seu ritual e seus valores, pois a proibição ocorreu, segundo os depoimentos, por agentes civis e eclesiásticos acharem que sua manifestação estava ligada ao Candomblé. Entendo essa questão como uma tática dos congadeiros, pois seria mais difícil o Congado retornar sem a colaboração de pessoas influentes.

Ainda sobre a religiosidade dos congadeiros, muitos participantes enfrentam um dilema: ser católico ou assumir que é praticante de outra religião. Cabem aqui algumas observações do ritual e de seus integrantes, muitos deles usam guias durante a festividade, o que ocorre com menos frequência no terreiro pesquisado, pois eles acham que não devem misturar a religião que praticam fora da festa com o Congado.

Para Pedrina, seus filhos e sobrinhos ocorrem na festividade uma relação direta com os preto-velho, seus antepassados, segundo a capitã: “Direta, porque eles não se manifestam, mas estão presentes. Não só eles, essa festa é direcionada para aquelas pessoas que sofreram a escravidão e não conseguiram perdoar, elas estão no outro plano sofrendo. Então nós estamos mandando energias para que eles abram os corações para perdoar e continuar, não parar no tempo.”<sup>378</sup>

Heloísa Helena reconhece a espiritualidade dos congadeiros e a relação com os pretos velhos:

Olha Fernanda, eu acho assim, é por tudo que eu conheço da festa, pelo misticismo que existe dentro dela, porque a gente respeita muito, mas assim, a festa eu acho assim, os congadeiros é que são muito espirituais, são católicos são, são muito religiosos que eles são, mas eles são muito

---

<sup>377</sup> Sobre a reunião com os capitães e reis congos não tive maiores informações na entrevista realizada pela autora com a rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia da Silva, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>378</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

espiritualistas. Então assim, eu acredito assim, não existe mistura de candomblé com festa, realmente não existe acho que há até uma deturpação, mas eles são muito espirituais, eles são voltados pro espiritismo também. E o espiritismo fala muito assim de preto velho, então assim é quem que eles conhecem como essas entidades espirituais que eles tem pra eles que... nos acompanham, que protegem, que regem ah, são os preto velhos aí eles falam assim é mãe Maria Conga, pai João do Congo, que eu já vi mesmo, congadeiro pedindo que protejam a guarda, que fechem a guarda, então assim... E isso aí eles que eu acho que eles se espelham naquelas pessoas, naqueles negros bem antigos ancestrais que já foram e eles acreditam que eles são aquelas protetores que são aí são chamados assim. Eu já consegui ter essa visão da espiritualidade da festa dessa forma e não da forma como se fosse esse outro espiritismo que a gente vê por aí.<sup>379</sup>

Sr Antônio afirma em seus depoimentos que “mesmo sendo católico, nós acreditamos que a matéria dele acabou, mas o espírito ainda tá presente”<sup>380</sup>. É interessante atentar que capitão Antônio em nenhuma das entrevistas realizadas me contou que já fora adepto do Candomblé, informação esta que recebi da rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia<sup>381</sup>. O discurso atual do capitão é que ele é “muito católico”. Esse “muito católico” é um dos motivos que o faz ser contrário a volta do Candombe.

Sr Antônio Eustáquio em sua versão afirma ter receio de que a festa seja novamente paralisada, porque alguns congadeiros praticam o Candombe ou outras “misturas” dentro da festividade. O relato do capitão é significativo:

Porque ele bispo é autoridade máxima de um município. Nós como falamos que a festa é do Rosário, Nossa Senhora do Rosário, se ele não aceitar, aí acabou. Então ela vai caminhando assim e, por exemplo, um tá desrespeitando o próximo, um não quer encaixar dentro daquilo que era, outro, então né ... Cada um parece que tá puxando pro lado alguma coisa e eu tô vendo desabar comigo mesmo, não posso deixar acabar. E eu vou às vezes chamar atenção...<sup>382</sup>

Atento para o fato que esse é o posicionamento atual do capitão, já que fora adepto do Candomblé. Tal mudança de versão pode estar relacionada a duas questões: a primeira é a minha presença ali que faz com que o capitão tenha medo que, através da pesquisa, a festa possa ser vista como nos tempos de outrora. A outra é que ao não aceitar o Candombe está querendo impor a sua tradição em oposição a de sua irmã.

---

<sup>379</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2009, na cidade de Oliveira.

<sup>380</sup> Entrevista realizada com o capitão de terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>381</sup> Entrevista realizada pela autora com a rainha conga do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia da Silva, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>382</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

Porém, participantes mais novos afirmam que não têm medo de uma nova proibição do Congado, pois estão respaldados pela lei, como afirma a capitã Ester: “É exatamente isso que eu ia falar. Que é por isso que a gente não tem medo da festa acabar. Se alguém em Oliveira decidir que não vai ter mais, a gente no nosso terreiro, no nosso espaço vai continuar fazendo, até porque tem uma lei que nos dá o direito de fazer isso.”<sup>383</sup>

Os depoimentos mostram que o medo que a festa seja novamente proibida está no imaginário coletivo da comunidade congadeira. Há indícios de que a não aceitação dos *negros do Rosário* tanto na volta do Candombe quanto na ligação com as tradições africanas é fruto também da estereotipação que os congadeiros eram alvos, eram considerados “bárbaros, sem civilização”, como se observou nas matérias da *Gazeta de Minas*. Muitos participantes do Congado não leram as reportagens, mas essa concepção certamente foi passada por seus familiares, através da tradição oral, e assim não querem mais que essa relação se (re) estabeleça.

Os conflitos internos analisados nos permitem chegar a algumas conclusões sobre como os capitães e Estado-Maior constroem suas memórias, tradições e identidades. A forma dos reis congos se vestirem, a aceitação de uma princesa Isabel negra, a volta ou não do Candombe, o posicionamento de um terno no cortejo e o levantamento dos mastros são caminhos em que a memória, identidade, tradição e história de cada congadeiro e grupo de influência se concretiza.

Para Pedrina, Ester, Carlos, Kátia e Washington a identidade de *negros do Rosário* está diretamente relacionada à volta de determinadas tradições da religiosidade afro-brasileira e para Sr Antônio e Estado-Maior já está mais ligado a manutenção de certas tradições, mais especificamente em relação com os preceitos da Igreja Católica. Nos depoimentos percebe-se que eles encontraram maneiras diferentes de se posicionarem com suas tradições culturais, memórias e com sua identidade de *negro do Rosário*. Mesmo que Heloísa reconheça a espiritualidade dos congadeiros, ela não participa do Candombe.

Pedrina em seu discurso argumenta que deseja a volta de determinadas tradições, que se refere numa volta às tradições anteriores ao período da paralisação – 1950-, ela acredita que nesse tempo os congadeiros eram mais ligados as tradições africanas e

---

<sup>383</sup>Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Ester Antonieta Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

praticavam o Candombe. A capitã faz uma crítica veemente a conexão dos congadeiros com os “brancos”, como ela afirma, alega que esta influência nas mudanças das tradições dos *negros do Rosário*, ocasiona a perda das raízes africanas e, conseqüentemente a falta de autenticidade, na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Assim a volta do Candombe, as vestimentas dos reis congos dos Reinados de Nossa Senhora das Mercês e São Benedito e a crítica a menina que representou a Princesa Isabel estão ligadas as tradições da época anterior a paralisação. Já a não aceitação do Candombe, a forma de se vestir dos outros reis congos e a colocação de uma princesa Isabel afro-descendente está relacionada com as tradições do “retorno” da festa, na década de 1950.

O posicionamento de Sr Antônio e do Estado-Maior está intimamente ligado a “volta” do Congado na cidade de Oliveira na década de 1950. Assim, os participantes elaboraram uma nova tradição, mais ligada aos valores do catolicismo para poderem dar continuidade a sua prática cultural. Percebe-se que Sr Antônio na crítica à Princesa Isabel afro-descendente e ao não aceitar o Candombe demonstra que sua identidade não é coerente e unificada.

No embate entre esses grupos percebemos que está em disputa a autenticidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário e sua “verdadeira” tradição. E nesse embate disputa-se também, de forma simbólica, a importância das datas da festa: para Pedrina a data significativa é antes dos festejos serem paralisados, onde estaria a ligação com a África e a “verdadeira” tradição da festa. Já para o Estado-Maior, a data expressiva é a de 1950 quando os festejos “voltaram” a acontecer, liderados pelo Geraldo Bispo dos Santos, avô do atual capitão-mor, e a tradição por ela elaborada.

Já Pedrina deseja reconstruir uma tradição ligada as suas tradições africanas, o que para ela estabelece uma continuidade entre o Congado e seu passado, relacionado a retirada dos seus antepassados da África e ao sofrimento da escravidão. Pedrina possui um posicionamento extremamente crítico no que diz respeito às mudanças que andam ocorrendo no Congado de Oliveira, em decorrência dos participantes não estarem muito ligados as suas tradições, da maneira compreendida por ela. A intenção da capitã Pedrina ao praticar o Candombe está imbuída de uma tentativa de bloquear a ruptura nos congadeiros com seus valores e para, além disso, conscientizá-los do verdadeiro significado de ser um *negro do Rosário*: a fé a santa padroeira, conhecimento por parte de todos da história e do valor do africano na sociedade brasileira.

## Os congadeiros e a luta por melhores condições de vida.

Essa pesquisa baseou-se fundamentalmente na (re) construção da memória dos congadeiros, sendo imprescindíveis seus depoimentos para compreender como os participantes apropriam-se de forma diferenciada de sua história e constroem suas identidades e tradições. Mais do que nunca este é o momento de dar voz aos *negros do Rosário* para que relatem os problemas que enfrentam no que diz respeito ao preconceito racial e a marginalização social, e como e se o Congado contribuiu de alguma forma para que situações como estas não sejam mais presentes no cotidiano de suas vidas.

O capitão Washington em seu depoimento explicita situações de preconceito racial e como alguns ditados populares estão enraizados em nossa cultura:

E às vezes é muito engraçado às vezes as pessoas são levadas a entender, por exemplo, que se hoje tá tudo bem, que nós não temos mais preconceito a gente sabe que ele existe, de uma forma velada mas ele existe né. Tinha uma campanha, um comercial em que a situação era a seguinte: estava o povo tá na rua, chegava de repente um repórter a pessoa tava passando na rua e ele entrevistava ela e falava assim aonde você guarda o seu preconceito? Porque a pergunta não era você tem preconceito de alguma coisa, não, aonde você guarda o seu preconceito não é? Então a idéia continua sendo de reafirmação, o negro continua buscando o seu lugar, ele tem que entender que é uma pessoa competente que é a estrutura também desse país e saber levar essa situação mesmo quando queiram fazê-lo acreditar que não exista algo contra ele. Tem que ter a consciência de que embora exista muita dificuldade, nós temos que trabalhar e mostrar o nosso valor. Esse é o consenso é o processo que a gente tenta melhorar, não só com os dançadores lá, mas no nosso dia a dia nos nossos relacionamentos. Uma vez na faculdade, a gente num debate tava discutindo o que isso quer dizer. Ou a situação tá preta, nuvens negras pairam sobre a noite, tá com um humor negro. São coisas que são ditados e por trás desses ditados existe uma herança histórica de discriminação, de preconceito que deve ser abolido. A única situação em que eu pude até hoje, se alguém souber de outras coisas me fale, em que eu vi que a situação preto ou negro é usada com uma conotação melhor é quando se fala oh fulano tem uma grana preta, aí essa grana preta se traduz como algo positivo. Fora isso, existe uma herança histórica que é absurda no meu ponto de vista e eu fico extremamente chateado quando vejo algumas brincadeiras desse tipo. No meu dia a dia eu não admito essas coisas não é!<sup>384</sup>

O Congado como já foi afirmado anteriormente é praticado por afro-descendentes e pessoas desfavorecidas economicamente na cidade de Oliveira. A mordoma da bandeira de Nossa Senhora das Mercês é professora da rede pública e particular do

---

<sup>384</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Washington Luis Santos de Oliveira, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

município e em seu depoimento afirma que o preconceito, mesmo não sendo diretamente relacionado a ela, ainda é muito presente:

Mas como os negros são os mais pobres as coisas ficam mais acentuada aí. E é interessante você estar me perguntando, é um dia eu estava no salão e eu conversava com uma moça que estava lá também negra e eu conversava sabe, conversa de salão, a hoje eu tô mais pra baixo, e tudo e tal, e aí ela falou assim, não Liza mais porque você trabalha, não sei o que pior é a gente eu, que trabalho em casa de família a gente tem tanta humilhação, e tudo. Eu falei assim com ela, eu não acredito que ainda tenha isso. Eu falei assim eu sou bem tratada, bem recebida aonde eu vou e tudo, aí ela falou assim você porque você que é professora, se você não fosse eu não sei se te tratariam.<sup>385</sup>

O capitão Antônio relata que quando freqüentava a escola tinha apelidos como saci, tição, urubu e carvão por causa da cor da sua pele. Recentemente, adquiriu um ponto de taxi que fica localizado na Praça XV de Novembro e seus colegas de trabalho não entendem como um afro-descendente conseguiu o ponto e até trocar de carro. Para além dessas questões o capitão conta que existe um clube em Oliveira onde anos atrás negros não podiam entrar e nem passar na calçada dele:

Nós tínhamos, aqui no município de Oliveira, nós tínhamos um clube aqui que ele continua até hoje com o mesmo nome Oliveira Clube nós negro não podia passar nem no passeio, nem na calçada, nós tínhamos que passar do lado do Banco Real. Exatamente, então a gente tem muito o que agradecer porque hoje quantas vezes eu, negro que sou muito orgulhoso, quantas vezes eu não fui convidado pra fazer palestra dentro do Oliveira Clube. A minha irmã Pedrina, ela comanda um Fórum quando é, no município de Oliveira, das regiões, que tem a parte do Congado a minha irmã Pedrina é convidada é uma vitória.<sup>386</sup>

O Brasil não teve um processo segregacional institucionalizado, como nos Estados Unidos, mas no caso apresentado por Sr Antônio percebe-se que ele acontecia em Oliveira e como acontece até o presente, de uma maneira velada. Nesse mesmo período em que afro-descendentes não podiam entrar no clube, a capitã Pedrina se lembra de ter participado de uma apresentação do Congado neste mesmo clube o que indica que a festividade é um caminho para a luta contra a discriminação racial. A festa ao ser valorizada faz com que os congadeiros freqüentem o clube e participem de eventos ligados a sua devoção.

---

<sup>385</sup> Entrevista realizada pela autora com a mordoma do Reinado de Nossa Senhora das Mercês, Maria Luiza Pereira, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>386</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

Pedrina acredita no lado social do Congado, além do devocional e cultural. A Festa de Nossa Senhora do Rosário possibilita que os congadeiros, em poucos momentos, tenham determinadas experiências de vida que não teriam se não participassem da festa:

E social porque dentro da festa esses rapazes, senhores, senhoras é o momento que eles se sentem dentro da glória, são marginalizados o ano inteiro, mas neste momento eles são o centro das atenções e qualquer ser humano tem necessidade disso para sua sobrevivência o resto do dia, então ele se sente gente, você sabe muito bem ele que o preconceito existe, por mais que fale que não, ele existe pode ser camuflado, dissimulado, mas ele é ferrenho, é cruel, principalmente, por ser dissimulado ele é mais cruel ainda. É claro que quando ele dissimula não permite que as pessoas se preparar em pra saber o que vai falar, então esse momento a gente fala pros meninos. Os meninos desde pequeno a se comportar em uma mesa, são meninos muito pobres. (...) Além da crise, o negro sempre foi deferido, então quando eu comprar essa casa eu quero auxiliar, criar uma sala de psicologia, uma pra supletivo e pra concurso, eu quero ajudá-los no dia-a-dia. Tem meninos aqui de chegar e pedir: você pode ser minha mãe, você pode ser meu pai de pegar menino pra trocar a roupa e estar todo esfolado, machucado de couro. Fui com eles no Parque Municipal porque ia ter lá uma manifestação da Tim Tambores, um projeto que eu to fazendo parte, nós fomos, conseguimos entrada pra eles sem custo, tinha gente ali com cinquenta e dois anos que nunca tinha entrado num parque, e tem uma menina que não ta ai agora, já é uma mocinha se você visse ela brincar nos brinquedos como se tivesse cinco, seis anos... A necessidade que tem, o que bom se fosse que tivesse essa oportunidade.<sup>387</sup>

Nesse depoimento a capitã demonstra o desejo de desenvolver projetos sociais que ajudem, inicialmente, congadeiros e que contribuam para a transformação social de seus irmãos. Mas a vontade é estender para toda a população carente de Oliveira, segundo ela não deseja discriminar ninguém por não compartilhar da mesma devoção<sup>388</sup>.

O lado social dos congadeiros também é evidenciado pela própria participação na festa. O Congado tem um papel relevante na vida das crianças que participam: afastam-as do consumo de drogas e desenvolve a atenção dos dançadores, como relata a capitã Kátia:

E uma coisa que me chamou muita atenção ontem... O Erick. Ele é um menino assim muito distraído, toma remédio controlado. A gente na casa do congadeiro esperando pra sair no cortejo a guarda de Nossa Senhora Aparecida veio e o bandeireiro dançando. Ele me chamou e falou: Kátia isso não pode! Kátia isso não pode! Olha eu falei Erick porque que não pode? Bandeira não dança. A bandeira ta guiando. Ela não dança! Sabe, é uma coisa que a gente vê que tá aprendendo e tá conseguindo passar pra eles. Isso é

---

<sup>387</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

<sup>388</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

muito marcante. Chegando na praça, me chama a atenção de novo. Kátia, rainha de vermelho? Não existe rainha de vermelho rsrs. Sabe então essas coisas que você vê que tá sendo válida, você tá aprendendo e eles também tão conseguindo captar isso. O que a gente fala é o seguinte: quando você passa da porteira pra dentro e você se farda, o que você faz lá fora você não faz com a farda. Então eles respeitam muito isso. E... Um conseguir ficar uma semana sem usar a droga eles conseguem perceber que se eles conseguiram ficar uma semana eles conseguem ficar duas, conseguem ficar três e isso vai aumentando então eles vão.... Eles não chegam pra gente e falam. Você observa e depois quando já tem um tempo é que eles falam: Oh , eu parei com isso por causa da fé, em respeito à Nossa Senhora. Isso é muito, muito bonito, muito gratificante né? Você vê que você ajudou um jovem a sair de uma fria assim de uma coisa que às vezes pode não ter volta.<sup>389</sup>

O sentido que o Congado tem de transformar a dura realidade de vida dos congadeiros é uma luta constante dos capitães do terreiro pesquisado, que durante os ensaios para os festejos, realizam um trabalho de conscientização com os participantes sobre o papel do negro na sociedade brasileira, para que eles não aceitem a discriminação racial como algo natural e para que lutem por seus direitos. Como percebe-se no relato da capitã Pedrina:

Nós aqui somos negros, gostamos de ser, sem nenhuma vergonha, é o que eu falo com os meninos aqui, levanta a cabeça, não deixe que os outros ache que nosso cabelo é ruim, ele é crespo. E ele é crespo por causa da refrigeração, você sabia disso? Porque a África é um continente quente e o cabelo crespo deixa a fresta melhor para a refrigeração, é só por isso, o cabelo liso não, no sol quente você pode reparar que esquenta mais a cabeça. Então um povo pra ser escravizado... Eh mainha, princesa Isabel, .. no dia 13 de maio, assembléia trabaio. Porque a princesa Isabel a despeito de tudo que falam na história, ela era uma pessoa que trabalhava pela escravidão, não sei se você sabe disso. Ela tinha interesses de acabar com a escravidão, claro que a gente sabe que naquela hora, naquele momento ela foi usada, foi por uma razão política e econômica que já vinha se arrastando, mas porque a Inglaterra estava pressionando, não fazia mais sentido a mão- de – obra escrava. E em 1988, colegas meus falaram ta fazendo piadinha, os negros que aqui estavam eram há quase quatrocentos anos. No início o movimento negro não achava que a Festa do Rosário era um movimento porque vocês andam com a santa dos brancos, a princesa Isabel. Eu posso negar a história da escravatura? Não. Eu tenho que recontar, inclusive o Lamento do Negro na porta da Igreja são pequenos trechos de recontando essa relação da Igreja com o negro porque eles queriam cristianizar os negros a força, como fizeram muitos, até com Chico – Rei que chama Galanga e aqui na Vila Rica, mas não podiam entrar na Igreja dos brancos, carregavam eles nas esteiras, mas era separado. Eu não posso negar, isso é história, eu tenho que recontar isso porque isso não vem contando não. Eu me lembro na história, não sei como está hoje, que o povo brasileiro era formado por três raças: o branco, o negro e o índio. Aí diziam, ah foi muito bom os negros vir pra cá porque se tivesse ficado na África, oh ora bolas, o povo que tinha lá eles tinham ciência, tinham sabedoria, tinham conhecimento. Eram artesãos, sabiam batiar, tinham conhecimento, não era

---

<sup>389</sup> Entrevista realizada pela autora com Kátia, capitã do terno do Congo de Nossa Senhora do Rosário, em setembro de 2008.

só gente que tava lá na tribo na cultura deles. Eles tinham sua maneira de viver. Hoje o povo não sabe nem a origem da sua língua, nós guardamos alguma coisa da língua dos negros, meu pai falava, eu aprendi com outros capitães, que é o Kimbundo que é o que é falado. Os negros que vieram pra Minas são da nação banto (...) Essa é uma preocupação minha de preservar isso, já os outros .... Quando me permitem eu canto e falo o que eu estou dizendo, quando tem que escravizar tem que acabar com tudo de valor do africano. Então, o cabelo não presta, a religião é do capeta até hoje. Ainda tem esse movimento dos negros entrarem dentro do evangelismo, tudo é capeta, puxa vida. Mas porque não percebem que isso é uma estratégia do sistema, do dominador. Então a religião é do capeta até hoje, o cabelo é ruim, tudo que é preto não presta porque assim fica fácil das pessoas negras se permitirem a abaixar a cabeça e os outros tripudiarem. Então eu falo muito aqui com o pessoal pra não abaixar a cabeça porque nós temos o nosso valor, nós temos o nosso conhecimento. Hoje principalmente ainda falo, existe muita informação, internet, mas veja bem quem não sabe valorizar a si próprio, quem deixa seu valor sua cultura para valorizar a outra não se conhece, não se valoriza. Nós temos que respeitar a cultura do outro, mas se eu não souber valorizar a minha eu não sei me dar valor, a partir daí eu acho que tudo que é meu não presta, o que é meu não vale a pena e as coisas não são assim. **Quem não sabe da onde está vindo, não conhece sua história, seu passado não há de criar caminhos, não há de saber por onde andar tem que estar sabendo por onde anda, que destino quer.** Então nossos cantos, nosso movimento é esse movimento em prol do negro. Quem não conhece direito acha que os congadeiros são um bando de alienados. Porque parece que todo ano é a mesma coisa, mas não é. Pra nós que estamos dentro este fazer é sempre diferente, esse fazer, essas bênçãos de Nossa Senhora ela não é igual todo ano, todo dia. Parece que é a mesma coisa, ir lá e fazer a mesma coisa, mas não, as vibrações, bênçãos de Nossa Senhora estão chegando todo ano de maneiras diferentes de acordo com as necessidades de cada um.<sup>390</sup> (grifos meus)

A fala de Pedrina revela questões importantes como a conscientização de seus dançadores durante os ensaios congadeiros, a necessidade de conhecerem sua história- da África, do tráfico e do cativo- para que assim possam lutar por melhores condições de vida e também orgulharem-se de serem negro. A capitã relata um evento que aconteceu em Belo Horizonte, nos trezentos anos da morte de Zumbi, no qual os participantes não conheciam a sua própria história, segundo ela:

Em 1995, 300 anos de Zumbi, foi lindo, saindo daqui vieram guardas de várias regiões do Estado, mas muita gente mesmo. Oliveira só trouxe doze guardas pra você ter idéia e descemos a Amazonas e chegamos na Praça da Estação. Foi lindo, mas foi uma dificuldade pra convencer os dançadores da Festa do Rosário a participar porque na verdade ninguém sabia quem era Zumbi, a não ser eu, o Tizumba que tava tentando convencer o povo a fazer, o João Lopes sabia. Mas os outros falavam, mas a Nossa Senhora do Rosário vai ficar com raiva de mim porque Zumbi é um fantasma igual tá lá no dicionário. Pra poder desaparecer a imagem de Zumbi, colocaram no Dicionário que Zumbi é um espírito, fantasma, então o próprio povo negro desconhece a sua história, a verdade. Eu me lembro que o povo de Oliveira, por exemplo, achou que deveria trazer a Princesa Isabel. Na minha opinião até fora de foco. Ela veio e eles acharam que ela devia vir a frente do cortejo,

---

<sup>390</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

vinha um casal de reis que já morreu, afinal de contas nós estávamos festejando a realeza negra e eles lá acham que a Princesa Isabel, não é eu esteja desfavorecendo a figura da Princesa Isabel, mas...<sup>391</sup>

Além de conversar e explicar para as pessoas o que Zumbi representou para a história e para a história do negro no Brasil, a capitã encontra outras formas de contar os fatos. No ano 1988, comemoração do centenário da abolição da escravidão, Pedrina escreveu uma música que relaciona o tempo do cativo com as condições de vida do afro-brasileiro na atualidade. Dessa forma mostra seu engajamento na luta contra o preconceito racial e por melhores condições de vida para o negro e congadeiro. A letra nos conta que:

Olha eu vim de Angola/ eu vim aqui curimar (trabalhar)/ ah! Eu vim do Kalunga (mar)/eu vim aqui trabucar (trabalhar)/ No tempo do cativo/ vida de negro era só trabucar/ trabucava o dia inteiro e ainda/ ganhava era o chiquirá (chicote)/ ora, viva liberdade/ cativo já acabou/ mas ainda nos falta igualdade/ de negro para senhor/ cem anos de abolição/ não pude comemorar/ cadê a libertação/ que a lei Áurea ficou de me dar/ Zumbi foi um grande chefe/ no Quilombo dos Palmares/ sua luta não acabou/ ela ecoa pelos ares/ o Quilombo dos Palmares já foi ponto de união/ a união faz a força/ prá qualquer libertação.<sup>392</sup>

A música escrita por Pedrina é sintomática da situação social do afro-descendente na sociedade brasileira. A Princesa Isabel aboliu o sistema escravista, mas as condições de vida dos ex-escravos e de seus descendentes não melhoraram, passados mais de cem anos da abolição ainda sofrem discriminação racial e são marginalizados.

No final da década de 1970, surge na cena política brasileira o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU), que tinha como objetivos principais denunciar o mito da democracia racial e integrar o negro na sociedade. Essa pauta do movimento deve ser pensada, segundo Guimarães<sup>393</sup>, como resultado de experiências anteriores da contestação negra e também da influência dos movimentos de libertação africanas e direitos civis dos negros nos Estados Unidos na mesma década e na anterior. É no contexto do MNU que se intensifica uma aceitação da tradição africana na cultura afro-brasileira e uma reafirmação da cultura popular. Pedrina participou do

---

<sup>391</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em janeiro de 2009, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>392</sup> Pedrina de Lourdes Santos, capitã do terno de Nossa Senhora das Mercês. Abá Cuna Zumbi Palaoso, CD – Os negros do Rosário, Lapa Discos.

<sup>393</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo; Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed 34, 2002.

movimento negro na década de 1980, na cidade de Belo Horizonte, mas se afastou por achar que este estava com tendências político partidárias:

Não porque começaram com aquelas tendências político partidária também, então as pessoas entravam ali no intuito de tirar algum proveito político partidário. Eu acho que pra fazer política, pra ajudar a comunidade eu não preciso ser partidária, eu não penso ser. Eu não faço esse movimento todo achando que eu vou me candidatar ou pedir pra alguém voltar em alguém. Nunca aceitei uma faixa de vereador, prefeito porque eu não tenho compromisso partidário com ninguém, muitos participam assim, até mesmo na festa do Rosário. Lá em Oliveira teve gente que já foi candidato, mas não conseguiu. É promessa que você sabe que não vai ser cumprida. O presidente da Federação dos Congados até achando que ia conseguir votos, não foi, não conseguiu, então é isso.<sup>394</sup>

Cardoso ao analisar o movimento negro em Belo Horizonte afirma que é um movimento heterogêneo, composto de grupos, entidades políticas, religiosas, culturais que lutam contra o racismo e valorizam a cultura afro-brasileira, e afirmam, assim, a identidade negra. Esses grupos, segundo o autor, podem ou não ser vinculados a partidos políticos, mas que o movimento defende a “autonomia e independência política, até porque, a imensa maioria dos militantes não são filiados aos partidos políticos e os raros militantes orgânicos ao Movimento e mesmo que filiados aos partidos, sempre atuaram com extrema dificuldade no interior desses partidos na defesa das propostas do Movimento.”<sup>395</sup> Existiam várias correntes do Movimento e a proposta pelo autor não vai ao encontro da experiência vivida por Pedrina, algumas organizações podem ter se utilizado do movimento para fins políticos.

Não foi somente Pedrina que participou do Movimento Negro em Belo Horizonte, os capitães Antônio<sup>396</sup> e Kátia frequentaram a Casa Dandara - Projeto de Cidadania do Povo Negro-, fundada por Diva Moreira<sup>397</sup> em 1987 e extinta em 1997 onde um dos objetivos era conscientizar os afro-descendentes de sua cidadania. Kátia relata a sua experiência na Casa Dandara:

---

<sup>394</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>395</sup> CARDOSO, Marco Antônio. *O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Dissertação de Mestrado da UFMG, 2001, pp 139.

<sup>396</sup> Entrevista realizada pela autora com o capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Antônio Eustáquio dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>397</sup> Diva Moreira e Marco Antônio Cardoso são importantes lideranças negras de Belo Horizonte estando inclusive dentre os entrevistados no livro sobre Movimento Negro de Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira. Ver ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amilcar Araújo (orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007

Não, eu fiz parte da casa Dandara, mas tem dezoito anos que eu não sei nem se isso se permanece ainda. Na época que eu participei quem era a presidente era a Diva Moreira. Mas aí ela começou a se envolver com questões de política e eu não sei se deu continuidade. Mas foi assim um momento bom também que eu tive na minha vida. Que eu fiquei lá, participava com a idade de sete até os onze anos quando eu mudei. Então foi um período assim legal, de aprendizagem também, a gente... Depois criamos um movimento (inaudível) Ifigênia criou um grupo de teatro e a gente fazia apresentação de maculelê, de dança afro a gente encenava Castro Alves, Navio Negreiro então era uma coisa assim bem legal, ia de folclore à animação de festa de criança. Então era uma coisa que a gente aprendeu que pra isso sempre eu aprendi: Se você quer ter alguma coisa você tem que lutar pra ter né? E assim aquele trabalho que a gente fazia hoje se eu for fazer pedir pros meus meninos fazer já é entendido como trabalho infantil é difícil... Então é uma coisa assim. Eu não deixei de ser responsável porque eu sempre trabalhei com essas questões da cultura e se o governo hoje se for... Uma questão dessa a criança tá dançando o dia inteiro: ah é pecado é, mas é assim que a gente aprende.<sup>398</sup>

### A capitã Pedrina faz uma análise sobre a relação do movimento negro com a Festa de Nossa Senhora do Rosário

Por exemplo, os movimentos de consciência negra eles não deixaram de influenciar embora eu acho que mudou um pouco, eles participavam do movimento e não conhecia a festa do Rosário nos viam como negros alienados, eu já ouvi muito esse discurso, já passei por movimentos assim e já percebia. Mas eu acho que hoje, se o negro não começar a conhecer a sua própria história vai aceitar a história da forma como ela é contada e eu nunca aceitei essa história contada. Eu busquei a festa do Rosário com quem estava fazendo a festa do Rosário não com quem estava de fora olhando. Eu quero essa mudança, essa busca de ... Porque eu percebi porque se os negros conseguem se reunir e irmanar dentro de uma religiosidade que é real ali, que é verdadeira, que é sincera na hora que ta fazendo porque nós não podemos fazer disso também um movimento onde, juntos, podemos buscar melhores tempos, melhor situação. Por que eu ser uma congadeira eu tenho que permanecer na miséria?<sup>399</sup>

Pedrina afirma que o movimento negro de que participou era contrário ao Congado, não vendo nessa manifestação cultural um caminho para a luta contra o preconceito e uma forma de valorização da cultura afro-brasileira. Cardoso transcreve a cartilha de apresentação da Casa Dandara, que afirma que: “Voltando à questão das **entidades dos negros**, [grifo meu] as organizações que são mais representativas e falam a linguagem das massas, não têm um caráter político: são os terreiros de umbanda e candomblé, os grupos de congados, as escolas de samba.”<sup>400</sup>

<sup>398</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Congo de Nossa Senhora do Rosário, Kátia, em setembro de 2008, na cidade de Oliveira.

<sup>399</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina Lourdes dos Santos, em fevereiro de 2008, na cidade de Belo Horizonte.

<sup>400</sup> CARDOSO, Marco Antônio. *O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Dissertação de Mestrado da UFMG, 2001, pp 161.

É interessante notar que apesar da Casa Dandara ter o posicionamento expresso na cartilha por Cardoso, a experiência de Kátia e Antônio aponta que a Casa utilizava-se da arte e da cultura como uma forma de luta política. Cabe ressaltar que a capitã Pedrina nas entrevistas realizadas silencia-se sobre a vivência no movimento negro, porém a partir da cartilha da Casa Dandara aliada ao fato de que sua sobrinha e seu irmão participaram desta instituição há indício que foi lá que Pedrina pode ter se engajado no movimento negro.

Não é só em relação ao Congado que o Movimento Negro tem esse posicionamento. No livro de depoimentos com lideranças negras de Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira essa questão também aparece. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco Ilê Aiyê em Salvador, e na entrevista concedida aos autores afirma:

Nós já fomos chamados de ‘falso africano’ e de ‘tocador de tambor’ pelo próprio pessoal do movimento negro. Essas pessoas achavam que tinha que ser pelo político e não pelo cultural. Só que nós mostramos ao pessoal que só o fato de a gente criar um bloco desses já foi um ato político. (...) Tem pessoas que já foram inimigas ferrenhas do bloco. Tem gente no movimento negro que não queria saber de candomblé, que era alienação, que estava ligado com o poder. Hoje todo mundo é confirmado, todo mundo é ogã, todo mundo frequenta terreiro.<sup>401</sup>

Sobre a relação do movimento negro com a cultura Guimarães afirma que:

No Brasil desmascarar a ‘democracia racial’, em sua versão conservadora, de discurso estatal que impedia a luta anti-racista, passa a ser o principal alvo de resistência negra. No entanto, tal resistência vai se dar primeiro e mais desimpedidamente no terreno cultural que no campo mais propriamente político. Isso por diversos motivos, entre os quais os mais importantes são a repressão às atividades políticas e os rumos que toma a política exterior brasileira, nos anos 1960 e 1970, de aproximação com a África negra. De fato, a política exterior brasileira, em relação a África, vai explorar, justamente dois trunfos: a ‘democracia racial’ brasileira – o que requer, como vimos, a repressão aos ativistas negros, que a denunciavam como ‘mito’- e as origens africanas da cultura brasileira –o que levará o Estado a incentivar as manifestações culturais afro-brasileiras, principalmente na Bahia.<sup>402</sup>

A análise do autor é contrária à experiência vivida por Pedrina, o movimento negro, para Guimarães, se concretiza primeiramente pelo terreno cultural. A não aceitação do Congado pelo movimento, de que a capitã participou pode estar relacionada

---

<sup>401</sup> ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amilcar Araújo (orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007, pp 238.

<sup>402</sup> GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo; Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed 34, 2002, pp158.

com a representação da Princesa Isabel no cortejo congadeiro, os diversos reis brancos e a devoção a santos brancos, que simbolizam uma ligação com os preceitos do catolicismo. Os representantes do movimento negro podem ter achado que a festa não buscava uma relação com as suas tradições africanas, mas sim com as tradições da elite. É importante atentar para o fato que existiam diversas vertentes do movimento negro, o posicionamento do que Pedrina participou é esse, podendo não ocorrer em outras entidades.

A partir dos depoimentos de Pedrina se destacam algumas questões: o desejo de reafricanizar o Congado, a sua luta contra as discriminações racial e social dentro da festa. Estes pontos nos levam a concluir que a sua participação no movimento negro é essencial para a sua atuação dentro da festividade. Através dos pontos cantados na língua aprendida com seu pai, a prática do ritual Candombe, os projetos de melhoria de vida para os afro-descendentes e as palestras de conscientização para os seus dançadores são os caminhos que a capitã encontrou para sua luta política contra a discriminação racial.

Aproprio-me de Buscacio<sup>403</sup> que afirma que o movimento negro pelo viés culturalista também é uma construção política. Assim, podemos ver o Congado como um importante veículo político de luta contra a discriminação racial e também como parte de um movimento negro, é através do cultural que se concretiza a luta política congadeira.

Apesar da luta contra a discriminação racial, através do Congado, o preconceito ainda faz parte do cotidiano dos participantes da festa, como se observou no segundo capítulo, através do conflito envolvendo o prefeito e o capitão-mor. A comunidade da cidade de Oliveira está, aos poucos, aceitando e até participando mais efetivamente da festividade, mostrando assim, que o preconceito está diminuindo. Antigamente quem discriminava a festa e seus integrantes ficava afastado, o que ocasionava a necessidade de o Estado-Maior convidar pessoas para representarem a Princesa Isabel e os reis da coroa grande, o que não mais ocorre, pois como vimos anteriormente, há uma lista de inscrição para representar a Princesa Isabel preenchida até o ano de 2017. Segundo Heloisa Helena a participação das pessoas aumentou:

Agora hoje as pessoas procuram, antes nós saíamos e convidávamos pessoas para figurarem como rei, rainha, príncipes, princesas, princesa Isabel; hoje eu tenho um caderno com uma lista de princesa Isabel até 2017 não tenho vaga e é

---

<sup>403</sup> BUSCACIO, Gabriela. “A Chama não se Pagou”: *Candeia e a Gran Quilombo- Movimentos negros e escolas de samba nos anos 70*. Dissertação de mestrado, UFF, 2005.

uma por ano, ela sai todos os dias, ela representa a princesa Isabel mesmo que assinou a Lei Áurea, os reis grandes e os príncipes representam D. Pedro.<sup>404</sup>

Porém, essa participação restringe-se a representar reis e a Princesa Isabel, não traduzindo em ajuda financeira expressivo. Um ponto significativo que se observa nessa questão é no público que assiste à festividade tanto em agosto quanto em setembro, ele é composto majoritariamente por afro-descendentes que descem as ladeiras do bairro do Alto do São Sebastião e vão à Praça XV de Novembro. Essas pessoas têm parentes dançadores ou então já fizeram parte de algum terno e vão até lá assistir e prestigiar, poucas são as pessoas que têm uma situação econômica favorável que saem de suas casas e vêem as apresentações congadeiras.

Os depoimentos dos *negros do Rosário* mostram que a luta contra o preconceito racial se concretiza tanto nas músicas entoadas quanto na conscientização dos dançadores mais novos. E no desejo do terreiro pesquisado em ajudar efetivamente na transformação social da vida dos congadeiros e afro-descendentes.

....

A tradição congadeira perpassou todos os capítulos dessa pesquisa. Em um primeiro momento observou-se que representantes da cidade letrada afirmavam qual era essa tradição, que para eles era ligada à barbárie, selvageria e aos povos africanos. Depois de um tempo passou a ser vista como uma tradição cívica, integrando o folclore brasileiro e mineiro, que representava a mais autêntica tradição. Os representantes da cidade letrada sempre expressaram e continuam expressando sua opinião sobre o Congado e sobre sua tradição.

Porém, os próprios congadeiros a partir da (re) construção das memórias e identidades construíram uma tradição. A tradição congadeira é disputada pelos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, uns desejam que sua tradição esteja ligada aos preceitos do catolicismo e outros com as tradições africanas.

---

<sup>404</sup> Entrevista realizada pela autora com a Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena Maurício, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

## Conclusão

*“Adeus, adeus, não chore não,*

*Para o ano eu voltarei pra cumprir nova missão”.*

É com esse ponto que inicio a despedida dessa pesquisa, esperando ter cumprido a minha “missão”. Elegi alguns pontos/ músicas congadeiras para que o leitor perceba que através dos pontos puxados pelos capitães de terno, os participantes da festa homenageiam seus santos, relatam o que estão fazendo na estrutura narrativa do cortejo e relembram o período escravista. Esses pontos foram selecionados a partir da observação dos três ternos pesquisados, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, Congo de Nossa Senhora do Rosário e Moçambique de Nossa Senhora das Mercês.

Nesse primeiro bloco selecionei os pontos em que os congadeiras homenageiam seus santos de devoção:

Ave Maria, a nossa ave Maria;  
Viva o Rosário, Rosário viva;  
Benedito chegou na cozinha, pediu pra sinhá deixa eu cozinhar, Sinhazinha respondeu Esse povo veio pra te louvar;  
Ave Maria, ave Maria, eu quer chegar, quer sarava;  
Eh senhora das Mercês, está me acompanhando;  
Oh le olha que bonito, é festa de São Benedito, São Benedito é que vai me levar, São Benedito é que vai me proteger;  
Eu sou devoto da virgem Maria, ela é nossa força, ela é nossa guia;  
Ê mundo, ê Angola, ê mundo, este mundo é de Nossa Senhora;  
Vou levar São Benedito para ajudar a levar a coroa;  
Oh minha mãe, oh minha mãezinha, lá no céu, cá na terra, ela é rainha;  
Oh minha mãe, oh minha mãe, oh minha mãe você me chamou minha mãe, seu filho voltou minha mãe, oh minha mãe, oh minha mãezinha;  
Beija flor toma conta do jardim, vou pedir pra nossa senhora tomar conta de mim;  
Senhora Aparecida porque a senhora é uma mãe tão boa, eu quero ver seus filhos ajoelhados aos seus pés, pedindo força pra vencer na vida;  
Ê Senhora das Mercês, Ê Senhora do Rosário;

As músicas entoadas durante a semana da festa ratificam a argumentação de que a devoção dos congadeiras aos santos padroeiros é o que dá sentido à continuidade do Congado. A partir dessas músicas percebe-se que os santos são sempre invocados pelos participantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, seja para reverenciá-los, seja para

pedir proteção, força para conseguirem terminar a festividade e enfrentar as dificuldades do cotidiano.

O segundo bloco de pontos indica que através deles os integrantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário contam o que estão realizando na estrutura narrativa do cortejo congadeiro assim como histórias que perpassam a festividade ao longo dos anos.

Eu não posso ficar à toa, Moçambiqueiro, ele vai louvar coroa;  
Eu bato a gunga, eu bato a gunga, eu bato a gunga, a coroa vem, eu puxo a coroa;

Eu vou levar coroa, eu vou levar coroa;

Moçambique não chora a toa, oi lê, lê, ele chora no pé de coroa, ele chora no pé de coroa oi lê, lê.

Esses cantos são típicos dos ternos de Moçambique, quase todos expressam a função da guarda no ritual congadeiros, que é de “levar a coroa”. Com a batida das gungas eles puxam a coroa dos reis, rainhas, príncipes e princesas até o palanque montado na Praça XV de Novembro.

Oh que beleza, o príncipe levando a princesa;  
Senhor rei, Sá rainha a festa já vai começar, Senhor rei, Sá rainha o Rosário  
Maria mandou lhe chamar;  
Eu cheguei no Rosário de Maria, embelezou, embelezou;  
Viva, viva, viva coroa sagrada, viva, viva, viva coroa abençoada;  
Rainha conga chega na janela;  
Ole, le ole le, tava procurando coroa maior, oh ingoma, oh angola;  
Vamos fazer maravilha senhor no Rosário de Maria;  
A coroa vem, vem, a coroa vai passar A coroa, vem, vem e a bandeira vai,  
vai;  
Eu pergunto pro capitão: que coroa é essa? (é de promessa, é de promessa);  
Olha viva meu Rosário, olha viva meu trono coroado;  
Embelezou, embelezou, embelezou, o Rosário de Maria embelezou.

Esses pontos indicam que os ternos estão pegando um príncipe em sua casa, chamam os reis para se juntarem ao Reinado e quando isso acontece, o cortejo fica “embelezado”. Homenageiam as coroas que compõem o cortejo.

Já os pontos abaixo recontam a história de aparição de Nossa Senhora do Rosário, reafirmam a união dos congadeiros, e que a festa, indicada pela palavra tambureto, é sagrada.

Eu vi chover, eu vi relampiar, eu vi aparecer Nossa Senhora do Rosário;  
Ê tambureto sagrado, ê tambureto sagrado;  
Oi o povo do Rosário é uma conta só, é uma conta só.

O ponto seguinte aponta para o fim das apresentações no palanque, é quando as guardas buscam novamente a realeza e a levam de volta para suas casas. “Eu vou me embora Reinado, eu vou levar o meu povo.”

Após os congadeiros descerem os mastros e a procissão de encerramento da festividade, os ternos saem pelas ruas e cantam sua despedida, indicando que o Congado terminou, mas que no próximo ano estarão ali para louvarem seus santos padroeiros.

Adeus, adeus, adeus até para o ano se Deus quiser;  
Oh sinhá, oh sinhô, oh sinhá até para o ano se Deus quiser;  
Adeus, adeus, não chore não para o ano eu voltarei pra cumprir nova missão;  
Até para ano.

Perpassando todas essas questões durante a semana da festa, relembram o período escravista. Acionam a memória do passado no presente e sempre ligam as dificuldades então enfrentadas com a ajuda de Nossa Senhora. E também que o modo de louvarem a santa, que é através do tambor, sempre foi respeitado por ela. Além disso, os participantes relembram a abolição do cativo pela Princesa Isabel.

No cativo negro muito trabalhou, trabalhava e tocava tambor, quando ia pra senzala fazia oração pra Nosso Senhor;  
No tempo do cativo quando o senhor me batia, eu gritava por Nossa Senhora quando a pancada doía;  
No dia 13 de maio assembléia trabalhou, oh chora ingoma, negro veio era cativo, agora virou senhor;  
Oh sinhô, oh sinhá, oh sinhô eu vou plantar canaviá;  
Oh lá em casa no fundo da horta, Sá polícia me prendeu, ê, ê, Sá rainha me solta;  
Negro na senzala, batendo, sua caixa, viva dia, viva oi oh, nossa senhora, cativo acabou.

Tentei demonstrar ao longo dessa pesquisa que a relação dos congadeiros com os representantes da cidade letrada perpassa inúmeros conflitos, com avanços e recuos. Em alguns momentos, a festividade é mais tolerada pelas autoridades, como entre os anos de 1970 e 2009, em outros é mais reprimida, como entre 1910 a 1960, podendo ter sido

influenciada pelo contexto político brasileiro. Atento sempre para as disputas que ocorriam no interior da cidade letrada evidenciando que existiam vozes discordantes nesses períodos.

A partir da análise do jornal local, *Gazeta de Minas*, percebe-se que em um primeiro momento, era a cidade letrada que falava o que e como era o Congado, e aos poucos os próprios integrantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário passam a ter voz nos meios de comunicação da cidade, passando a compor a cidade letrada de Oliveira.

A relação tensa com os representantes da cidade letrada ainda hoje é significativa na memória dos congadeiros, o que evidencia o que eles consideram importante no seu passado e é uma maneira de usarem e abusarem dessa memória para realizarem suas reivindicações no presente.

A memória congadeira não se restringe somente na relação com os representantes da cidade letrada, mas tem significado nas histórias sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Através da estrutura ritualizada do cortejo congadeiro, os integrantes da Festa contam suas histórias, é uma das formas de lerem seu passado, tanto escravista quanto africano.

As maneiras dos integrantes do Congado lerem esse passado são diferenciadas. Existem grupos de influência que de alguma forma tentam fazer com que sua leitura de passado e tradição seja preponderante na comunidade congadeira. O grupo da Pedrina alia a discussão da tradição congaderira com o desejo de reafricanizar o Congado e de valorizar a cultura afro-brasileira. O depoimento abaixo da capitã exemplifica as formas diferenciadas dos integrantes da festa lerem o passado:

Há uma mistura hoje em dia por causa desse sincretismo dessas religiões africanas com o catolicismo primitivo. Mas o negro pra ele comunicar com a divindade africana sempre foi através do toque do tambor e a dança. Então a meu ver ela quis dizer isso: que ela estava satisfeita, a maneira do negro, não precisava mudar sua maneira, sua manifestação de fé pra ela. E ela é a nossa redentora porque culminou-se na lei Áurea, foi por inspiração de Nossa Senhora do Rosário. Ela a mãe dos negros. Outro dia o capitão-mor veio dizer pra mim que a festa não era de negro, ora meu Deus, começar a falar assim já pensou a festa é dos negros. A festa é uma festa aberta, foi o que disse pra ele, recebe pessoas de qualquer raça, de qualquer crença, desde que elas se encontrem, se respeitem, se unam em torno da fé em Nossa Senhora do Rosário. Mas aí começar a falar que a festa do Rosário não é festa de negro, aí pra mim é grave de mais, desvirtua.<sup>405</sup>

---

<sup>405</sup> Entrevista realizada pela autora com a capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, Pedrina de Lourdes Santos, em setembro de 2007, na cidade de Oliveira.

Pedrina em seu depoimento mostra que para ela o Congado é uma festa de negros, isso não significa afirmar que brancos não possam participar. Já segundo a capitã, para Geraldo Bispo dos Santos Neto a festa não é de negro. A questão é mais profunda do que a questão racial dos participantes. Por traz da afirmativa de Pedrina está a forma que ela e seu grupo lêem e se relacionam com seu passado, relembram todo o sofrimento da escravidão, do tráfico e foi através de seus antepassados negros que a festa começou.

Porém, independente dos conflitos que ocorreram e ocorrem na comunidade congadeira os participantes da festa se unem durante uma semana para louvarem, agradeceram á Senhora do Rosário, a seus santos de devoção e afirmarem sua identidade *de negros do Rosário*. É isso que faz com que passados tantos anos de festividade e superação de dificuldades e preconceitos, os congadeiros ainda permaneçam e continuem encontrando sentido para a manifestação de sua devoção e para a luta contra o preconceito e discriminação.



**Terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês se despedindo, indica que a festa acabou.<sup>406</sup>**

<sup>406</sup> Foto tirada pela autora durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do ano de 2009.

## **Bibliografia.**

- ABREU, Martha *O Império do Divino. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999,
- ABREU, Martha. Cultura Imaterial e patrimônio histórico nacional. IN: Abreu, Martha, Soihet, Rachel, Gontijo (orgs). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
- ALBERTI, Verena & PEREIRA, Amilcar Araújo (orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.
- ANDRADE, Mário. *Danças Dramáticas no Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1959. CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- AZEVEDO, Cecília & CELESTINO, Regina. Identidades plurais In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003,
- BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.
- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. IN: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BERSTEIN, Serge. A cultura Política. IN: Rioux, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean – François. *Para uma História Cultural*. Editora Estampa, 1988.
- BERSTEIN, Serge. A cultura Política. IN: Rioux, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean – François. *Para uma História Cultural*. Editora Estampa, 1988, pp 363.
- BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção branca de homens negros: As Irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII*. (Tese de doutorado UFF, 1998)
- BOURDIEU, P. *Linguagem e poder simbólico*

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Festa do Santo Preto. Rio de Janeiro: FUNARTE – Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.
- BUSCACIO, Gabriela. “A Chama não se Pagou”: Candeia e a Gran Quilombo- Movimentos negros e escolas de samba nos anos 70, dissertação de mestrado, UFF, 2005.
- CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: um balanço e perspectivas, III ENECULT, maio de 2007, Faculdade de Comunicação/UFBA
- CARDOSO, Marco Antônio. O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998. Dissertação de Mestrado da UFMG, 2001.
- CELESTINO, Regina. Identidades étnicas e culturais: novas perspectivas para a história indígena. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Tradução Epherim Ferreira Alves. Petrópolis, 1994, vol 1,
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 8, nº 16, 1995, p.179-192.
- CONHNERTON, Paul. How societies remember, Cambridge University Press, 1989.
- COUTO, Patrícia Brandão. Festa do Rosário: Iconografia e Poética de um Rito. Niterói, EDUFF, 2003.
- DAIBERT JÚNIOR, Robert. Isabel, a Redentora dos Escravos: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988). Bauru, SP: EDUSC.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. Individualidade e Liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade, Mana, nº6, 2000.
- DANTAS, Carolina Vianna. Cultura histórica, República e o lugar dos descendentes de africanos na nação. IN: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Revista de História Topoi, set de 2002.
- FERREIRA, Mauro Eustáquio. Missa Conga comemorou a libertação dos escravos. Boletim da Comissão Mineira de Folclore, nº 16, agosto de 1995, Belo Horizonte.
- FONSECA, Gonzaga L. História de Oliveira, Belo Horizonte, Editora Bernardo Alves, 1961.
- FONSECA, Maria Cecília. "Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural". In: Chagas, Mario e Abreu, Regina. *Memória e Patrimônio*. DP&A editora, Uni-Rio, Faperj, 2003.
- FONSECA, Maria Cecília. O Patrimônio em Processo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Minc-Iphan, 2005.
- GABARRA, Larissa A dança da tradição Congado de Uberlândia século XX. Dissertação de Mestrado, UFU, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Verdade e memória do passado". In: Lembrar escrever esquecer. São Paulo, Editora 34, 2006 pp. 39-47.
- GIARDELLI, Élsie da Costa. Ternos de Congos: Atibaia. Rio de Janeiro, MEC – SEC - FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, Rio de Janeiro, UCAM/Editora 34, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. IN: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, GONTIJO, Rebeca (orgs.). Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. História e Historiadores. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edmilson de Almeida. Os Arturos: Negras Raízes Mineiras. Belo Horizonte; Mazza Edições, 2000.
- GONTIJO, Rebeca. Identidade Nacional e Ensino de História – a diversidade como “patrimônio sociocultural” in ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Classes, Raça e Democracia, SP, Ed 34, 2002.

- HAAL, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- HALBWACHES, Maurice. A memória coletiva. Leitura Dinâmica, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte / Brasília, UFMG, Unesco, 2003.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 24, 1996.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- HUYSSSEN, Andréas. In: *Seduzidos pela memória – Arquitetura, Monumentos, Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KIDDY, Elizabeth. Blacks of de Rosary: Memory and History in Minas Gerais. The Pennsylvania State University, 2007.
- KIDDY, Elizabeth. Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889- 1960, Revista Tempo, nº12.
- Le Goff. História e memória. Campinas, Unicamp, 1990
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. São Paulo, Projeto História, nº. 17, 1988, pp 149.
- LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a política no Brasil (1919-1985), tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra racismo nos primórdios da UNESCO. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v 2: 375-413, jul, -out, 1998.
- MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais dos anos 40 e 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 14, nº41, out 99.
- MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo, Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MAURÍCIO, Heloísa Helena e SANTOS, Pedrina de Lourdes. Festa de Nossa Senhora do Rosário. O Rosário: Força, Fé e Resistência dos negros congadeiros. Oliveira, Minas Gerais, Prefeitura Municipal de Oliveira, 1998.

- MAURÍCIO, Heloísa Helena e SANTOS, Pedrina de Lourdes. Festa de Nossa Senhora do Rosário. O Rosário: Força, Fé e Resistência dos negros congadeiros. Oliveira, Minas Gerais, Prefeitura Municipal de Oliveira, 1997.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: Projeto História, São Paulo, nº 10, p 7-28, 1993.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início dos anos 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, v3.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de – *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- PACHECO, Gustavo. Memória por um fio: as gravações históricas de Stanley J. Stein. IN: LARA, Silvia Hunold e PACHECO, Gustavo. Memória do Jongo. As gravações históricas de Stanley Stein. Rio de Janeiro, Folha Seca, Campinas, SP: CECULT, 2007, pp 27.
- PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. Os tambores estão frios. Herança cultural e sincretismo no ritual de Candombe. Juiz de Fora, Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
- POLLACK Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, pp. 3-15, 1989.
- PRICE, Richard. O Milagre da Crioulização: retrospectiva, *Estudos Afro-Asiáticos*, vol. 25, n. 3, Rio de Janeiro, 2003.
- RAMA, Angel. “A cidade ordenada”. In: *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Artur. As Culturas Negras no Novo Mundo. São Paulo, Editora Nacional, 1979.
- REIS, João José e SILVA, Eduardo, *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas, Editora Papyrus, 1997, pp 175.

- RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? IN: TÉTARD, A. Chauveau Ph (org.) *Questões para a história do tempo presente*. Tradução Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC,1999.
- SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil; tradução Vera Ribeiro- Salvador: Edufba, 2007.
- SANTIAGO, Marcus Antônio. Dom José Medeiros de Leite. O primeiro Bispo da Diocese de Oliveira. Rio de Janeiro, RJ, Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2008.
- SANTOS, Pedrina Lourdes dos. Festa de Nossa Senhora do Rosário. O Rosário: Força, fé e resistência dos negros congadeiros. Prefeitura Municipal de Oliveira, 1998.
- SOIHET, Rachel. A subversão pelo riso. *Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas reflexões. Revista Tempo, nº 7, julho de 1999.
- SOUZA, Marina de Mello e. Reis Negros no Brasil Escravista. História de Coroação de Rei Congo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- STEIL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis, Vozes, 1996.
- THOMPSON, Edward P. Folclore, Antropologia e História Social. IN: NEGRO, A. L e SILVA. S (orgs.) E.P Thompson: As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Campinas, Editora Unicamp, 2001.
- TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói. Ed UFF, 2008.
- VALENTE, Ana Lúcia Farah. O negro e a Igreja Católica. O Espaço concedido, um espaço reivindicado. Campo Grande- MS, 1994.
- VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”. IN: Projeto e Metamorfose. Antropologias das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e Missão. O movimento folclore brasileiro 1947-1964. RJ, FUNARTE, FGV, 1997.